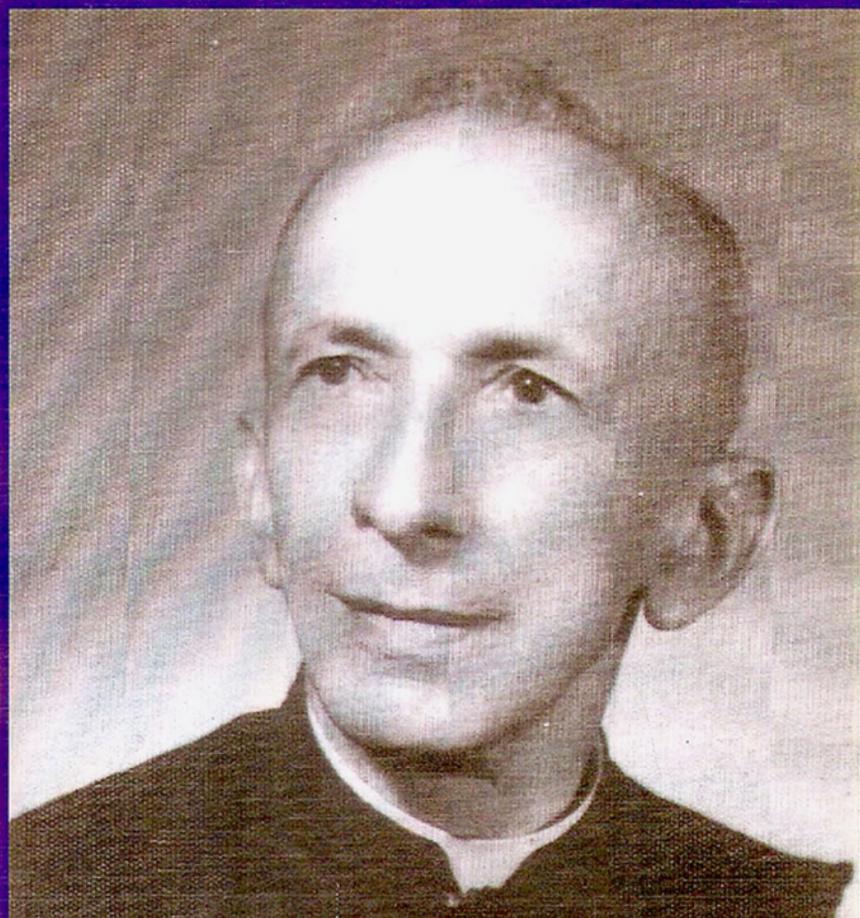


Itaytera

NÚMERO 44

ANO 2000



Historiador Padre Antônio Gomes de Araújo
Um dos Fundadores do Instituto Cultural do Cariri - ICC

Instituto Cultural do Cariri - Crato - Ceará

Itaytera

Instituto Cultural do Cariri

Fundado a 4 de outubro de 1953

Primeiro Presidente

Dr. Irineu Nogueira Pinheiro

Registrado no Cartório do Registro de Títulos e Documentos, Crato CE, no Livro A-1, fls. 417, sob o nº6, em 30.09.1954. Publicado no Diário Oficial em 20.10.1954

Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Municipal 453, de 22.09.1958. Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Estadual 10.125, de 27.07.1977. Publicado no Diário Oficial no mesmo dia.

CGC(CNPJ)/MF nº 0537359-0001/86

Diretoria do ICC

PRESIDENTE DE HONRA:
Raimundo de Oliveira Borges

PRESIDENTE:
Manoel Patrício de Aquino

VICE-PRESIDENTE:
Olival Honor de Brito

SECRETÁRIO GERAL:
Huberto Esmeraldo Cabral

SECRETÁRIO:
José Huberto Tavares de Oliveira

COMISSÕES:

Ciências, Letras e Artes:

Napoleão Tavares Neves
Maria Anilda de Figueiredo
Divani Esmeraldo
Cabral Amarílio Carvalho

Sindicância e Finanças:

Armando Lopes Rafael
Lireda de Alencar Norões
Maria Isa Pinheiro Gonçalves

Expediente

COMISSÃO RESPONSÁVEL

Jurandy Temóteo
Emerson Monteiro
Manoel Patrício
Raimundo de Oliveira Borges
Edésio Batista

PROJETO GRÁFICO

Alfredo Freire Temóteo

DIGITAÇÃO

Edilma Amorim

REVISÃO

Amarílio Carvalho



Empresa Cratense de Turismo e Editoria Ltda.

R:Dr. Irineu Pinheiro, 251 - Pimenta - 63.100-170 -Fone (0**88)521 3077
Crato - Ceará

Cadeiras do ICC

Seção de Letras

01- PATRONO:

Pe. José Antonio Maria Ibiapina

OCUPANTE:

João Lindenberg de Aguiño

02- PATRONO:

Bruno de Menezes

OCUPANTE:

Dr. Raimundo de Oliveira Borges

03- PATRONO:

José Alves de Figueiredo

OCUPANTE:

Pe. Neri Feitosa

04- PATRONO:

Alexandre Arraes de Alencar

VAGA

05- PATRONO:

Mons. Pedro Esmeraldo da Silva

VAGA

06- PATRONO:

Dr. Irineu Nogueira Pinheiro

OCUPANTE:

José emerson Monteiro Lacerda

07- PATRONO:

Antônio Barbosa de Freitas

OCUPANTE:

Oival Honor de Brito

08- PATRONO:

Álvaro Bomilcar da Cunha

OCUPANTE:

José Newton Alves de Sousa

09- PATRONO:

Dom Francisco de Assis Pires

OCUPANTE:

Mons. Francisco de Holanda
Montenegro

10- PATRONO:

Pe. Emídio Leite Cabral

OCUPANTE:

José Huberto Tavares de Oliveira

11- PATRONO:

Raimundo Gomes de Matos

Vaga

12- PATRONO:

Leandro Bezerra Monteiro

VAGA

13- PATRONO:

Dr. Otacílio Sampaio de Macêdo

VAGA

14- PATRONO:

Manoel Rodrigues Monteiro

OCUPANTE:

Francisco de Sousa Nascimento
(F.S. Nascimento)

15- PATRONO:
Lenadro Chaves M. de Ratisbona
VAGA

16- PATRONO:
Pe. Francisco de Assis Pita
OCUPANTE:
Aécio Feitosa

17- PATRONO:
João Brígido dos Santos
OCUPANTE:
Emídio Macedo Lemos

18- PATRONO:
Dr. Raimundo Monte Arraes
OCUPANTE
Dr. Pedro de Araújo Bezerra

19- PATRONO:
Dr. José Alves de Figueiredo Filho
OCUPANTE
Dr. Wellington Alves de Sousa

20- PATRONO:
Sem. José Martiniano de Alencar
OCUPANTE:
J.C. de Alencar Araripe

21- PATRONO:
Mons. Pedro Rocha de Oliveira
OCUPANTE:
Pe. Antonio Batista Vieira

Seção de Ciências

01 - PATRONO:
Barreto Sampaio
OCUPANTE:
Dr. Napoleão

Índice

Editorial	11
Cartas	13
Padre Antônio Gomes de Araújo	15
Ramiro Maia, O eterno livreiro	18
Engenhos de rapadura do Cariri	19
A libertação dos escravos do Ceará	23
Farmácias antigas	27
Barbalha de ontem e de hoje	30
Décio Teles Cartaxo	32
Aprendizes da vida, operários do nada	35
Possessios Mares	41
Seu "Eloia"	43
Tudo ficou na saudade	47
O estilo José Lins do Rego	51
Primórdios do Serrano	53

Emerson agora é Cidadão Cratense	57
Quem foi Marcelo Mota Teixeira	59
Ceará reverenciou o centenário de Raimundo Girão	61
Dona Bárbara Pereira de Alencar	66
Meu Ceará	67
Fundação da Faculdade de Direito do Crato	69
Título de heroína concedido a Bárbara de Alencar	77
Rachel de Queiroz – 90 anos	83
Prática Pedagógica Reflexiva	87
Rastros de infância	96
Cultura e suas definições	103
Espaço terrestre de Gilvan Lemos	113
Curso de formação de professores	119

Editorial

Vencemos a fase inicial da construção dos alicerces da sede do ICC. As paredes estão levantadas e o sonho da “nossa” Casa de Cultura, “propria” vai, mesmo com quarenta e cinco anos de espera, aos pouquinhos, se tornando realidade. Agora, depois da prestação de contas dessa primeira fase, é renovar os esforços para pedir outra etapa dos recursos à Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, conforme o convênio 37/98.

Enquanto o dinheiro não chega (esperamos que não demore tanto) vamos cuidando de outras atividades do instituto perenizando a memória regional com a publicação desta nova edição de Itaytera, a revista anual desta casa. Vem a lume agora o número 44, teimando em sobreviver, mas teimando sempre e sempre resistindo.

Mas o padrão de qualidade cultural e gráfica vem se mantendo e até se superando.

Nesta edição, com 122 páginas, destacamos os trabalhos sobre o centenário de nascimento do historiador padre Antônio Gomes de Araújo, um dos Fundadores do ICC e autor dentre outras obras do *Apostolado do Embuste* que desmascara o pretensu milagre da beata Maria de Araújo, do Juazeiro; o artigo de outro fundador do ICC, o jornalista e historiador J. de Figueiredo Filho sobre os *Engênhos de Rapadura do Cariri*; do historiador Armando Rafael que nos fala da *Libertação do Escravos no Ceará*, e do *Titulo de Heroína Concedido a dona Barbara de Alencar*; do presidente de honra do ICC, advogado e historiador Raimundo de Oliveira Borges, sobre a fundação da *Faculdade de Direito do Crato*, *O Estilo José Lins do Rego*. Do escritor e exímio cronista padre Antônio Vieira: *Meu Ceará*; do prof. ms. Jurandy Temóteo: *Cultura e suas definições*; da prof^a.

ms. Maria Mathias: *Curso de Formação de Professores*; da prof^a. dra. Maria Laudícia Holanda: *Prática Pedagógica Reflexiva*, trabalho em conjunto com a prof^a. ms. Vera L.G. Nobrega; do saudoso cronista cratense João Batista Filgueiras que nos deixou os seus *Rastros de Infância*; do escritor e jornalista J. Lindemberg de Aquino, um dos fundadores do ICC, ex-secretário e ex-presidente do ICC e, por mais de 25 anos diretor desta revista. Nesta edição Lindemberg reverencia alguns dos nossos mortos recentes que prestaram grandes serviços à nossa comunidade regional: *Tudo Ficou na Saudade*.

K Lifa (pseudônimo de um dos dirigentes do ICC) evoca os *90 anos de Rachel de Queiroz*. Ou-

tros bons artigos de escritores e sócios do ICC: Eneas Athanásio, de Santa Catarina: *Barbalha de Ontem e de Hoje*; e o de Barros Leal: *Farmácias Antigas*.

Documentamos também a posse, na Câmara Municipal do Crato, do jornalista escritor José Emerson Monteiro Lacerda, como *Cidadão Cratense*, ele que nasceu em Lavras da Mangabeira. Emerson faz parte do ICC e do Conselho Editorial de Itayera.

Atenção especial, também, para o trabalho do oftalmologista Ebert Fernandes Teles: *Primórdios do Serrano*. E ainda as reportagens bibliográficas sobre Ramiro Maia, Raimundo Girão, Bárbara de Alencar, Elói Teles de Moraes e Décio Teles Cartaxo.

Cartas

SOBRE O NÚMERO 43 DE ITAYTERA:

Do cratense Dr. Pedro da Rocha Jucá, advogado, jornalista, escritor, membro da Academia de Letras de Cuiabá, Mato Grosso, sócio efetivo do Instituto Cultural do Ceará:

Dr. Borges – Agradeço a remessa do n° 43 da nossa querida “ITAYTERA”. Foi, no meu entender, a melhor revista da série, merecendo o Instituto Cultural do Cariri, sob sua sábia e dinâmica administração, os melhores aplausos.

Se Deus quiser, irei ao Ceará em setembro para cumprimentar pessoalmente o nosso amigo comum Napoleão, que estará completando o seu 70° aniversário, com valorosos serviços prestados à cultura do Ceará e, particularmente do nosso Cariri.

Do amigo de sempre PEDRO ROCHA JUCÁ”

PARA O NÚMERO 44 DA ITAYTERA

Do Dr. Enéas Athanázio, advogado, escritor, residente em Blumenau, Santa Catarina:

Caro Dr. Borges

Nestes dias que passei em Blumenau examinei com atenção o último número de “ITAYTERA”, que recebi por gentileza sua. Gostei muito da revista em geral, embora destacando o sério ensaio científico de Plácido Cidade Nuvens sobre a Chapada de Araripe e a análise literária de Jurandy Temóteo sobre um

conto de Fernando Sabino. Trabalhos modelares. Vai também minha admiração para o Padre Neri Feitosa, de quem tenho sido leitor, do Padre Antônio Vieira, cujo trabalho tenho acompanhado, ainda que à distância, e dessa figura incrível que é Napoleão Tavares Neves, sempre transpirando intenso amor pelo Cariri, um espécie de compadre literário que conquistei aí.

Agradeço-lhe pela oferta da revista e felicito ao ICC pela qualidade da publicação.

Vai daqui deste meu cantão de praia um grande e bem intencionado abraço - Enéas.”

Florianópolis

Barbalha, 24/05/2000.

Meu Caro Armando Rafael

Abraço

Ai vai um trabalho meu e outro do nosso amigo Tadeu Alencar para a próxima Itaytera, conforme seu pedido.

O Tadeu bem que poderia ocupar a cadeira vaga no ICC cujo patrono é o seu parente Alexandre Arraes de Alencar.

Tadeu é visceralmente caririense, regional, da terra. Araripe é o seu chão bendito, embora tenha nascido em Juazeiro.

Aliás, mesmo residindo em Recife, ele é muito encontrado aqui. Sobretudo em Barbalha, terra da sua esposa, minha prima Vanessa Sampaio.

Vamos pensar nisto com vagar.

Mais um lembrete: peço aos nossos confrades a motivarem o Dr. José Flávio a tomar posse no ICC, bem como ao Dr. Humberto Macário de Brito agora no Crato novamente. São nomes que engrandecem qualquer instituição cultural. Precisamos deles.

Cordialmetne abraço-o amigo e admirador.

Napoleão Tavares Neves.

ARAÚJO

Antônio Gomes de.

Na então vila, hoje cidade de Brejo Santo, filho de José Nicodemos da Silva e de Maria Gomes de Araújo, nasceu a 6 de janeiro de 1900. No período de 1905 a 1918, fez o curso primário com o seu tio Joaquim Gomes da Silva Basílio (Quinzô). Em 1919 entrou para o Seminário Arquiepiscopal de Fortaleza e, no Crato, para o Seminário Maior - de 1922 a 1926, tendo sido, neste último, designado para professor.

Recebeu, a 17 de abril de 1927, na Catedral do Crato, o presbitério, voltando ali, dois dias depois, para rezar a sua primeira missa.

De 1927 a 1932 exerceu o magistério no Seminário Episcopal do Crato e dedicou-se a esse nobre mister "que consagrou, com devotamento, sua privilegiada inteligência, fazendo amigos sem conta e forjando caracteres com firmeza". Honrou-o no Seminário, honrou-o na Associação dos Empregados do Comércio do Crato (1929 - 1930), honrou-o no Ginásio do Crato (depois Colégio Di-

ocesano) de 1930 a 1960. Honrou-o ainda no Colégio Santa Teresa de Jesus do Crato e na Faculdade de Filosofia do Crato, de cuja Cátedra de História Antiga e Medieval foi titular.

Nomeado em 20 de setembro de 1935 Inspetor do Ensino Normal do Estado do Ceará junto ao Colégio Santa Teresa de Jesus (1935 - 1938).

"O magistério levou-o ao estudo e à pesquisa extra-escolar. Acumulara ciência e experiência. Cumprira-lhe, agora, dar mais duradoura forma à sua palavra. O professor continuaria no escritor.

No jornal, na revista, na plaqueta publicaria o fruto da sua beneditina lide, tendo percorrido os quadrantes do mundo pelo estudo e ensino da História. Sensibilizá-lo-ia, porém, o Cariri cearense como fecunda seara, onde, operário honesto e capaz, armasse a sua tenda de pesquisador, disposto a empreender arrojado trabalho". Nisto tanto se enamorou e se aprofundou que bem poderia ser cognominado de o CAPISTRANO DE ABREU DO CARIRI, tal

a extensão e a intensidade das pesquisas que realizou, noite e dia, bem orientado, sem desfalecimento, “inquieto e polêmico, muitas vezes, em defesa de suas convicções”, na verdade, convicções de base séria, incontestáveis.

Como muito bem disse sobre ele José Newton Alves de Sousa: “Por ser um homem sem meias palavras, foi direto à verdade, doa em quem doer”. O seu nome tornou-se oracular, outras palavras sobre ele, como conhecedor profundo e autorizado da nossa terra e da nossa gente. Recebeu em vida muitas homenagens. A Prefeitura Municipal do Crato, em ato público e solene, conferiu-lhe o Diploma do Honra ao Mérito.

Adoentado, afastou-se de suas lucubrações intelectuais, deixando publicada obra de inúmeros volumes e do mais incontestável valor: “Concurso da Bahia na Formação da Gens Cariariense” (1950); “Naturalidade de Bárbara de Alencar” (1953); “Um Civilizador do Cariri” (1955); “Apostolado do Embuste” (1956); “Pe. Pedro Ribeiro da Silva, Fundador e Primeiro Capelão de Juazeiro do Norte” (1955); “1817 no Cariri, História Polêmica” (1962); “O Magnífico Reitor da Universidade do Ceará (1961);

“Aldeamento e Missão do Miranda e Revelação de sua Arqueologia (1967); “A Cidade de Frei Carlos” (1971), afora muitos trabalhos em jornais, anais e revistas. Tem inédito “A Revolução dos Alencares”.

Fontes para Estudo Crítico:

Hélio Ideburque Carneiro Leal, “Honra ao Mérito: Homenagem ao Rvmo Pe. Antônio Gomes de Araújo” (1952); “O Pe. Antônio Gomes de Araújo e a Revolução de 1817, no Ceará”, - Carlos Studart Filho.

Autores cariarienses: Joarivar Macedo. Três artigos polêmicos, de Carlos Studart Filho, Fortaleza, 1965.

Estudo do livro DICIONÁRIO DA LITERATURA CEARENSE, de Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa, Imprensa Oficial do Ceará, 1987, Fortaleza. Revistas “Itaytera” e “A Província”.

Nota da Redação de Itaytera

Em 1977 o Pe. Antônio Gomes festejou seu Jubileu de Ouro de sacerdotado. Uma inesquecível festa em Brejo Santo (CE).

Em 1932 o Pe. Antônio Gomes

foi o capelão do campo de concentração dos flagelados da seca daquele ano, no Buriti (Crato).

O ilustre sacerdote e historiador foi Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato. Foi Vice-Presidente do Instituto Cultural do Cariri (tendo assumido a Presidência do sodalício, quando, em 29 de agosto de 1973, faleceu o Presidente J. de Figueiredo Filho.

Faleceu o Pe. Gomes em 26 de janeiro de 1989, em Brejo Santo. Sepultado ali. O Jornalista, ex-Diretor e ex-presidente do ICC J. Lindemberg de Aquino, que foi seu aluno no Colégio Diocesano do Crato, lançou, em Brejo Santo, a idéia de se criar, ali, o MEMORIAL PADRE ANTÔNIO GOMES, local para guarda e exposição de documentos, comendas, objetos e escritos do Insigne Historiador.

Dados Extraídos de Livro de Joarivar Macedo:

Pe. Antônio Gomes de Araújo

Nasceu em Brejo Santo, em 6 de janeiro de 1900, filho de José Nicodemos da Silva e Maria Gomes de Araújo Lima.

Ordenou-se em 17 de abril de 1927.

Exerceu o magistério no Seminário S. José, Colégio Diocesano, Colégio Santa Teresa e Faculdade de Filosofia do Crato, da qual foi Vice-Diretor.

Membro correspondente do Instituto do Ceará, da Academia Cearense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Um dos fundadores do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, do qual foi Vice-Presidente e Presidente, e onde ocupa a Cadeira 6 da Secção de Letras. Reside, atualmente, em Brejo Santo.

Percuciente pesquisador e de renome, publicou: *Concurso da Bahia na Formação da Gens Caririense; Naturalidade de Bárbara de Alencar; Um Civilizador do Cariri; Apostolado do Embuste; Pe. Pedro Ribeiro da Silva, Fundador e 1º Capelão de Juazeiro do Norte; 1817 no Cariri; Reitor Martins Filho, traços biográficos e genealógicos (em parceria com J. de Figueiredo Filho); Aldeamento da Missão do Miranda e Revelação de sua Arqueologia; A Cidade de Frei Carlos; Povoamento do Cariri.*

(Joarivar Macêdo, in "AUTORES CARIRIENSES", págs. 22 e 23, Gráfica Mascote, Juazeiro do Norte, 1981).

Ramiro Maia, o Eterno Livreiro

Napoleão Tavares Neves

Lendo no jornal diário do Nordeste a pequena reportagem sobre Ramiro Maia, lembrei-me que em 1943 comprei na sua livraria o livro do Exame de Admissão ao Ginásio.

No ano seguinte, fiz o mesmo com os livros didáticos do 1º ano ginásial.

Por indicação do lente de português, prof. Aluísio Epitácio, comprei a seu Ramiro os dois primeiros livros de leitura da minha vida: "Iracema", romance e "Porque Me Ufano do Meu País".

Daí para cá nunca mais deixei de visitar a livraria Ramiro até hoje!

Sempre que vou a Crato dou sempre uma olhadela nas estantes da livraria Ramiro para ver as novidades editoriais.

Assim, já com 60 anos por trás do balcão da sua livraria, seu Ramiro Maia é, sem dúvidas, um elemento formador de cultura, um

difusor das letras, um homem a quem muito devem o Crato e o Cariri em termos culturais.

Comprei também muito livro a seu Luiz Maia, tanto no Crato quanto em Fortaleza, na sua frequentada livraria Renascença, na Rua Guilherme Rocha, baixos do Excelsior – Hotel. Alí sempre comparecia a fina flor da intelectualidade fortalezense.

A livraria Ramiro ajudou o Crato a ler e a crescer culturalmente e seu Ramiro Maia foi sempre o seu condutor através dos tempos, qual caixeiro – viajante das letras.

Ao saudá-lo eu repetiria os versos de Castro Alves:

"bendito o que semeia,
Livros, livros à mão cheia
E manda o povo pensar.
O livro, caindo nalma,
É germe que faz a palma,
É chuva que faz o mar!

Barbalha, 30/07/96

Engenhos de rapadura do Cariri

J. de Figueiredo Filho



ENGENHO DE RAPADURA DO CEL. NELSON DA FRANCA ALENCAR, NO LAMEIRO - CRATO CE. FOTO DE 1948

Todo e qualquer viajante que penetrar na região caririense, fora do período das chuvas, notará logo a sensível diferença entre os sertões ressequidos do resto do estado e a exuberância e verdura da vegetação desses rincões privilegiados. A natureza em nada se parece com as caatinga queimadas da zona sertaneja, nos períodos de grande estiagem. As próprias cidades são prósperas em contraste flagrante com as localidades vizinhas à capital cearense.

Juazeiro cresce de dia para dia e cada vez se engalana. Crato, cidade berço de tradições gloriosas, avança em todos os setores da civilização. Parece uma capital em miniatura. Bons hotéis, colégios, cafés modernos, cinemas e movimento de veículos, fora do comum nas localidades do interior.

Nos campos, embora com processos rotineiros, plantações e mais plantações. Canaviais e engenhos de rapadura de quando em quando, o

Cariri nasceu e cresceu a toada plantante dos tangedores de bois. Desde os primeiros tempos da colonização, aqui se plantaram as primeiras canas e foram instalados os primeiros engenhos primitivamente acionados pelo braço escravo, depois substituído pelo boi manso. Hoje já se modernizam com engrenagens movidas a motor e há alguns acionados pela força d'água ainda obedecendo a processos primitivos do método mouro, transmitido ao Brasil pelo colonizador luso.

Já não há também em qualquer recanto da região o velho engenho de pau a ranger em notas lúgubres, enchendo os campos de nostalgia. Desde há muito foram substituídos por engenhos de ferro melhores trituradores de cana.

A rapadura do Cariri é bem conhecida em todo o nordeste brasileiro. Nenhuma a supera em *doce fino* e em consistência. *Fixe* como a chamam os matutos. As terras de cultura são desprovidas de cloretos e a calda conserva o doce agradável sem qualquer mescla de sabor salino. Os preços da rapadura não estão ligados de forma alguma às cotações de açúcar branco. Pode este cair no mercado enquanto o produto cariense mantém

valor relativamente elevado e o fenômeno contrário dá-se muitas vezes.

Desde o início da última guerra mundial o rapadura vem dando bons preços em todos os mercados do nordeste. Sua fabricação nos engenhos caririenses ainda obedece a processos rudimentares e tradicionais. O mestre ainda possui dons especiais para saber manter a consistência firme do produto e algumas vezes a cor mais alva. Ultimamente foi adicionado outro ingrediente à rapadura cariense. É a droga. Não é mais do que bi-sulfato de sódio que com o calor do mel faz desprender SO_2 , clarificador usado na fabricação de açúcar branco.

O bom alimento matuto ganha em cor mas perde em fixidez.

A rapadura é das melhores quotas de alimento ternário do sertanejo. Leva vantagem sobre o seu similar puro porque conserva o ferro que vem da garapa da cana. É o grande alimento de preferência das grandes caminhadas do sertanejo. O vaqueiro não a esquece em seus alforjes, quando passa os dias a campear.

Um prato de qualhada adoçada com rapadura é mais saboroso do que com açúcar branco. E a co-

cada e os doces de gergelim, coco ou o chouriço?

Um engenho é sempre um lugar agradável para o caririense: o cheiro bom do mel; a garapa para beber o alfenim ou o melaço.

A garapa quando sai do engenho, depois de trituradas as canas, é conduzida em canal de tábua para o coche. Dali segue para uma série de tachos até se reduzir a mel grosso capa se retransformar, na gamelela, em rapadura distribuída em formas especiais.

No decorrer da passagem da garapa e do mel por diversos tachos recebe o adicionamento de óleos para clarificação de uma decoada de cal para anular os princípios ácidos provenientes da possível fermentação da garapa.

No meio da natureza luxuriante do Cariri há também muita miséria generalizada. No sopé do Araripe, naqueles recantos paradisíacos vegeta uma população cercada de mil hostilidades; bouba, opilação, bócio e as crianças são dizimadas pela desnutrição e gastroenterites; choupanas sem o mínimo conforto.

Toda a série de dificuldades que cercam os nossos trabalhadores, sem

até agora conseguir aniquilá-lo, é a prova evidente de sua resistência sobre-humana. Uma vez cercado de meios mais adequados, forçosamente seria dos meios étnicos mais fortes. Os próprios donos de sítios não vivem em mar de rosas.

Na Maioria das vezes as propriedades são hipotecadas para o custeamento dos trabalhadores agrícolas.

O homem dos campos caririenses é tipo de conformação física inferior ao sertanejo das zonas criadoras. Trabalha de sol a sol. O serviço, porém, não é contínuo. É mal remunerado, mas tem o direito de cultivar uma nesga de terra para o seu sustento, sem ser apenas o vil escravo da monocultura de cana.

Antigamente havia verdadeiro entendimento entre a classe patronal e a de seus moradores.

No período áureo do cangaceirismo político, o cabra de engenho de um senhor de importância tinha regalias especiais no seio da população matuta. Se cometia um crime, o patrão estava pronto a defendê-lo com o seu prestígio na política local.

Em troca, o subordinado sacrificava a própria vida para executar fielmente as ordens de seu superior.

O compadril era outro laço quase indestrutível que ligava o senhor a seu agregado.

Esse parentesco espiritual, tão ao gosto da população brasileira, era o *Abre-te Sesamo* que escancarava a porta da cozinha e da despensa senhoriais à mulher do morador. Mas, o tempo evoluiu. O canção cariense passou e vive somente no *folk-lore* matuto.

As relações de amizade, outra alicerçadas nas lutas contínuas, também começam a esfriar. O patrão já não é o defensor intransigente do desordeiro de seu sítio. Hoje, é o primeiro a entregá-lo a polícia quando nalgum samba da redondeza o morador provoca desordens por excesso de pinga. E este, também, deixou de ser o capanga para todos os fins. Resmunga contra o senhor queixando-se dos minguados salários. Não está pronto a tempo e a hora para o trabalho. Nas épocas bonançosas não se lembra do dia do amanhã. Torna-se preguiçoso, esperando exclusivamente pelo “Deus dará”.

O patrão também se queixa continuamente contra a sua negligência na faina agrícola. Chaga ao ponto de al-

mejar o castigo de uma secóta para melhor imprimir disciplina aos seus trabalhadores. Mas, quando este castiga sem piedade, desarticulando a vida econômica das pequenas propriedades, todos, ricos e pobres ficam alarmados diante da nova calmidade. E, aparece, nos sombrios momentos da angústia popular, uma nova casta de aproveitadores – alheia por completo à vida nos campos – que é a única a locupletar-se com a desgraça coletiva. Os preços últimos da rapadura tem atingido somas relativamente avultadas.

Os canaviais foram dizimados pelo mosaico e estavam presenciando, atônitos, a baixa acentuada da produção em todos os engenhos.

Entretanto, medida salvadora começa a restabelecer o antigo esplendor do tradicional produto do sul cearense. Um posto agrícola, mantido pelo Estado, instalado no município de Barbalha, vem distribuindo, com regularidade, canas selecionadas tipo P O J que estão melhorando, cada dia, a antiga plantação condenada quase ao aniquilamento.

Os canaviais se renovam e a esperança renasce no coração de todos os lavradores, abastados ou pobres.

CEARÁ, JANEIRO DE 1948

A libertação dos escravos no Ceará

Armando Lopes Rafael

A Província do Ceará foi a primeira do Brasil a abolir a escravidão da raça negra. Este episódio histórico, que ainda hoje nos enche de orgulho, levou José do Patrocínio, durante uma conferência, em favor da abolição, a denominar o Ceará de “Terra da Luz, Berço da Liberdade”. Como Terra da Luz ficou sendo conhecido o Ceará.

Antes de falar dessa epopéia cearense faço um rápido retrospecto sobre o instituto da escravatura. Uma das primeiras preocupações do historiador deve ser uma análise do fato histórico a partir da mentalidade da população, ao tempo que esse feito ocorreu.

É fácil lançar libelos contra figuras e casos da nossa história quando se julga acontecimentos de cem ou duzentos anos atrás, pela ótica de hoje. Uma análise serena requer um recuo no *modus vivendi* da época. A servidão da raça negra é um desses exemplos. A escravidão ocorreu em quase todo o mundo. Teve início no século XVI, por necessidade de mão-de-obra

para as lavouras das terras que eram descobertas.

O regime de sujeição da simpática raça negra não foi criado na sociedade brasileira. A história nos mostra: no nosso país quem mais combateu a marcha da escravidão negra foi a Família Imperial Brasileira. A família de Dom Pedro II não acabou de vez com a escravidão? Não estava ao seu alcance emancipar os escravos!

Diferente de hoje, à época do 2º Reinado a maioria do parlamento era contrário às iniciativas do Imperador e favorável à manutenção da escravidão fortes razões econômicas motivaram deputados e senadores do Império a manterem o *status quo*. O Poder Legislativo Imperial era tão respeitado, que, em 1910, Rui Barbosa escreveria: “Na monarquia o Parlamento era uma escola de estadistas. Na república converteu-se numa praça de negócios”. Sem comentários.

No 2º Reinado vivíamos num Estado de Direito democrático. A im-

prensa era livre. O Partido Conservador e o Partido Liberal se revezavam no poder. Circulava até um jornal republicano defendendo a queda da Monarquia. A constituição, que nunca fora desrespeitada (como viria acontecer na república) não concedia ao Imperador, por exemplo, dispor de um instrumento tipo a Medida Provisória, usada hoje abusivamente pelo poderoso Presidente da República, Dr. Fernando Henrique Cardoso.

Entretanto de Dom Pedro II e da Princesa Isabel partiram todas as iniciativas de extinguir, de forma gradual, a escravidão no Brasil. Utilizaram para isso o respeito, prestígio e confiança de que eram portadores junto à sociedade brasileira, influenciando parlamentares e ministros neste objetivo. Tudo feito constitucionalmente, através de leis conhecidas como: "Euzébio de Queiroz" (1850), "Nabuco de Araújo" (1854), "Lei do Ventre Livre" (1871), "Lei dos Sexagenários" (1885), e culminando com a "Lei Áurea", assinada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888.

Parcela da sociedade brasileira de então também entendia que a escravidão se constituía numa gritante injustiça. No Ceará, consoante tradição corrente, o escravo jamais sofreu a opres-

são e a impiedade, como gemiam seus irmãos de raça nos cativeiros de outras províncias. Talvez por não existir aqui uma elite econômica (como ocorrera em Pernambuco, Bahia, Minas, Rio de Janeiro, São Paulo, etc.) o escravo no Ceará, com raras exceções, era quase gente da família. Esses negros compartilhavam com humildade os acontecimentos alegres e tristes dos seus senhores. Mesmo assim no último quartel do século XIX já se registravam no Ceará campanhas contra a escravidão. Não tiveram esses cearenses igual paciência e prudência do imperador e da princesa no trato desse assunto. Sociedades anti-escravistas foram surgindo com a adesão de pessoas de todas as categorias sociais da província. Uma delas, a Sociedade Perseverança e Porvir tinha entre seus membros Antônio Soares Teixeira Júnior, Francisco Araújo, Antônio Martins, Manoel Albano Filho, José Amaral, José Teodorico da Costa, Antônio Cruz Saldanha, Alfredo Salgado, Joaquim José de Oliveira e José Barros da Silva. Em 1880 foi fundada a Sociedade Libertadora Cearense com 225 sócios. Nessa sociedade militavam João Cordeiro, Frederico Borges, Antônio Bezerra, Almino Tavares Afonso, Isaac Amaral, e José Marrocos.

Em janeiro de 1881 o Jangadeiro Francisco José do Nascimento afirmou que no porto do Ceará não embarcariam mais escravos. Por esse gesto passou à história como o “Dragão do Mar”.

Essa determinação foi cumprida. Em agosto daquele ano os jangadeiros impediram o embarque, no vapor Espírito Santo, de duas escravas, apesar da presença do chefe de polícia, dr. Torquato Viana, que tentava coagir os humildes homens do mar a obedecer à lei. O fato é que no tumulto “polícia *versus* jangadeiros”, o abolicionista José Carlos Silva Jataí desapareceu com as duas negras, livrando-as do embarque. Em 1882 sugiu a mais influente sociedade, o Centro Abolicionista 25 de dezembro, que entre seus membros contava com o conhecido historiador Barão de Studart. A partir daí a campanha abolicionista foi num crescendo. No dia

1º de janeiro de 1883, Acarape foi o primeiro município cearense a libertar seus escravos. Por isso o município mudou de nome e passou a chamar-se Redenção. Finalmente no dia 25 de março de 1884 foi abolida a escravidão em toda a província do Ceará. O número de negros libertos, naquela data, totalizou 35.508, isso quatro anos e dois meses antes da Lei Áurea, aprovada a duras penas pelo Parlamento do Império, depois de intensas negociações da Princesa Regente Isabel. Ela tomou essa decisão final em nome de Dom Pedro II e no seu próprio, como legítimo representante do povo brasileiro. A princesa Isabel afirmou dias depois que, mesmo pressentindo que a libertação da raça negra poderia representar a queda da Monarquia, não hesitara em assinar a lei. O tempo provou que ela tinha razão...

Hino do Estado do Ceará

Thomaz Lopes / Alberto Nepomuceno *

Terra do sol, do amor, terra da luz!

Soa o clarim que a tua glória canta!

Terra, o teu nome a fama aos céus remonta

Em chão que seduz!

Nome que brilha, esplendido luzeiro

Nós fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada!
Que importa que o teu barco seja um nada.
Na vastidão do oceano,
Se à proa vão heróis e marinheiros
E vão no peito corações guerreiros?!

Mudem-se em flor as perdas dos caminhos!
Chuva de prata role das estrelas
E despertando, deslumbradas ao vê-las
Ressoa a voz dos ninhos...
Há de florar nas rosas e nos cravos
Rubros o sangue ardente dos escravos

Seja o teu verbo a voz do coração,
Verbo da paz e do amor do sul ao norte!
Ruja o teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia

Sim nós te amamos em ventura, em mágoas
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em meses, nos estilos
E bosques, pelas águas!
Selva e rios, serras e florestas
Brotam do solo em rumorosas festas!

Abre-se ao vento o teu pendão natal
Sobre as revoltas águas dos teus mares!
E desfraldados diga aos céus e aos ares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas
E foi nas paz, da cor das hóstias brancas.

* Letra de Thomas Lopes, música de Alberto Nepomuceno e orquestração e regência do maestro Zacharias Gondim, o Hino do Ceará foi executado pela primeira vez no dia 31 de julho de 1903, por um coro de alunas da Escola Normal de Fortaleza e acompanhado pela Banda do Batalhão de Segurança Pública do Ceará, em sessão solene na Assembléia Legislativa do Ceará, presidida pelo presidente do estado, dr. Pedro Augusto Borges.

Farmácias Antigas

Antenor Barros Leal

Eram sempre armários guarnecidos de vidros para maior conservação dos remédios; alguns com requintes de beleza.

Separados eram do público por grades de madeira, que chamavam a atenção por serem bem acabadas, torneadas e envernizadas com esmero. Fora da grade algumas cadeiras, um grande espelho e uma balança para o freguês se pesar. Via-se também um termômetro oferecido pela Bayer e um espelho do “Sal de Fruta Eno”.

Na entrada do laboratório ficava o nome da farmácia, acompanhado por duas bonitas e enormes botelhas de vidro branco, cheias de álcool, com as cores azul e vermelho.

Logo depois encontrava-se a mesa de trabalho do laboratorista, tendo ao lado os livros indispensáveis: farmacopéia, dicionário de sinônimos, de incompatibilidade e o conhecido “Chernoviz”, de autoria do grande mestre Pedro Luiz Napoleão

Chervoniz, balança milesimal, mais duas balanças pequena e média, copos graduados, bastões, graus de louça completos, pedra e espátulas para o fabrico de pomadas, pilulador, prateador, capsulados, papel e estopa finíssima para filtrar líquidos, cápsulas e capselas de porcelana resistente ou de metal para o preparo de remédios ao fofo, furais de vidro de diversos tamanhos. Escrivadinha com todos os seus apresto, papel, tinteiro, caneta com pena de metal, lápis preto e vermelho, rótulos, etiquetas etc.

Na prateleira da frente arrumavam-se os depósitos de porcelana branca de 12 a 16 centímetros de altura, com nomes dourados, em forma de rótulos, designando o seu conteúdo: vaselina sólida, lanolina, babilicão, pomadas, unguento mercurial que era também aplicado em fições para tratamento de Sífilis em adultos e crianças.

Pequeno vidros de boca larga contendo extratos moles e de 100 cm³

com extratos fluídos dos Laboratórios Silva Araujo e Granada.

Aproximadamente umas cinquenta unidades de tinturas diversas, em vasilhames com tampas de vidro, ao lado de incalculável quantidade de sais.

Os tóxicos eram guardados com segurança, em cofre ou depósito de madeira com chaves e cadeado, tendo ainda na tampa a figura de uma caveira e a palavra "VENENO".

Muitos consultórios médicos eram no próprio prédio da farmácia.

* * *

Manipulavam-se além de receitas médicas, vinhos ferruginosos, iodotânicos fosfatados, aguardente alemã (que era dada com grande resultados na "Congestão", hoje A.V.C. (Acidente Vascular Cerebral) e purgativo de "Leroy" (para regularizar a menstruação e como teste da gravidez). Ai da "moça" que o tomasse e não "adoecesse"... às vezes perdia o nome e ficava renegada da sociedade que se dizia cristã! Era a misérra mãe solteira...

Havia também os compartimentos de vidros vazios, cuidadosamente lavrados e arrolhados, cai-

xas redondas para pílulas. Capsulas amiláceas, pós e vidro de boca larga, pomadas.

As receitas médicas eram criteriosamente manipuladas, sendo em seguida rotuladas e copiadas em livro próprio, rubricado pela Saúde Pública com o nome do doente, médico número da prescrição, data, modo de usar e uma etiqueta dizendo: uso interno ou uso externo. A de uso externo era vermelha. Todos os vidros recebiam uma cápsula de papel amarrada no gargalo, muitas vezes feita com técnica e beleza.

Muitos clínicos exigiam, assim como meus tios em Quixerambim – João Paulino de Barros Leal Filho e José Frutuoso Dias Neto – que os remédios fossem numerados por unidade, acompanhados ainda do "modo de usar". Dieta, cuidados e até advertência sobre o perigo do álcool e do fumo.

O farmacêutico era, em qualquer circunstância a segunda pessoa do médico: havia reciproca confiança o que resultava em garantia para o docente.

Se havia na receita um erro de dosagem ou uma incompatibilidade o doutor ficava sabendo sigilosamente

e tudo era sanado com um aperto de mão e um “muito obrigado”.

* * *

Entre os medicamentos populares se destacavam os seguintes: água-dente alemã, Água Vienense. Água de Cal. *Alium-Sativum*. Alfazema. Araroba (pó da Bahia). Assafética (para cólicas uterinas). Alvaiade em pó, Água Forte. Água Végeto – Mineral, Água raz (Terebintina), Água Fenicada, Ácido bórico, Ácido fênico, Água inglesa. Água –Melisa. Água de Maravilha, Água Santa Luzia, Bálsamo Católico, Benzina, Bicarbonato de Sódio, Bálsamo de Copaíba, Bálsamo Tranquilo, Biotônico, Bromil, Calomelano, Canfora, Camomila, Creosoto de faia, Capsula de Piramidon de Aspirina, Caparrosa (sulfato de zinco ou vitriolo), Canivarei Dermatol. Enxofre, Endro, Éter sulfúrico. Elixir Paregorico. Essência de Cravo, Baunilha. Hortelã pimenta. Emulsão Scott, Folhas de sene, Macela, Eucaliptos, Sabugueiro, Jaborandir, Acônito, Peitorais, Erva-doce, Funchicorea, Ferro Quevene, Girard, Gotas amargas de Baumé, Iodoreto de potásio, Incenso, Ipeca em pó, Iodofórmio (pó de carapato), Jalapa em pó, Limonada de

Lefort, Linhaça (óleo, semente e pó) Lambedores (xarope contra tosse), Maná, Manita, Manteiga de cacau, Mel-rosado. Magnésio calcinada, Matricarea – Dutra, Mostarda, Mercúrio Ribeiro da Costa, Nóz moscada, Naftalina, Nitrato de Prata (lápiz), Opodeodoch, óleo de récino Olivas, Amêndoas, copaíba. Purgante de óleo de mastruço, Purgativo Leroy, Pílulas Reuter, Matos, Grão-Saúde, 4 humores. Pinhão e jalapa, Foster, Bristol, Abademos, Velame, Permanganato de potássio, Pó de Joanes, perda Hume, Quassia amarga, Suco de Uvas. Sulfato de Sódio, Sulfato de Magnésio (Sal amargo), Tártaro emético, Tintura de iodo, Arnica, Aconito, Tiro Seguro contra vermes. Vinho Málaga. Pomada Helmerich (contra serna), Vigoron, e muitos outros.

* * *

Assim eram as farmácias, os laboratórios e alguns remédios do meu tempo.

Aprendia-se antes de tudo a admirar e respeitar as figuras do médico e do farmacêutico, os quais tinham suas vidas voltadas unicamente para o humano objetivo de minorar os sofrimentos alheios.

Barbalha de Ontem e de Hoje

Enéas Athanázio

O pensador Gilberto de Mello Kujawski anotou, como costumeiro acerto, “a plenitude da instalação do homem nordestino no seu ambiente, ou melhor, no conjunto de sua circunstância histórica, filosófica e social.”

Desde que a li pela primeira vez, essa idéia se materializa num exemplo evidente, desses que saltam aos olhos e que parecem ter inspirado aquela tese. Refiro-me a Napoleão Tavares Neves e sua total identificação com o Nordeste, em geral, e com Barbalha, em particular. Sua instalação ali é tão perfeita como a do beduíno no deserto ou a do gaúcho no pampa, tanto no bem-estar físico como na interação histórica, filosófica e social.

Com efeito, desde que conheci Barbalha e Napoleão, por ocasião de minha primeira visita, entendi de pronto que ali estava um homem aclimatado, como profissional, his-

toriador e cidadão, de tal forma que ele respira sua terra e esta se expressa através dele. E desde então Barbalha e Napoleão formaram dentro de mim tal simbiose que a lembrança da cidade me evoca o homem e vice-versa. Napoleão, para mim, é a Barbalha que fala, escreve, discursa, mantêm correspondência, diz presente, enfim, e ambos se entendem, confabulam, confiam-se segredos mútuos e se confessam sem reservas. Quando o imagino percorrendo a Rua do Vidéo, contemplando com olhos gulosos os verdejantes canais, as majestosas árvores centenárias, o casario colonial, as praças e os jardins, o ficcionista que existe dentro de mim logo se põe a reconstituir os diálogos entre eles e as juras que trocam. De fato esse é um caso de amor sem remédio, ainda que não desperte os ciúmes de D. Socorro porque é de outra natureza.

Esse amor do homem pela região

e pela cidade não se comprova apenas por anos e anos de serviços prestados como médico, professor e cidadão engajado, mas também falando nas mais variadas ocasiões, sem perder jamais a oportunidade de louvar sua Barbalha, o Cariri, a Chapada do Araripe, pela qual tem justa veneração, e a região como um todo geo-político-cultural. Não satisfeito, tem trilhado os caminhos da história regional, buscando reconstruir o passado, os feitos e os vultos que erigiram o seu chão.

Exemplo bem significativo é o seu recente livro "Barbalha Cultural" (1993/2000), em cujas páginas reuniu múltiplas e variadas informações sobre a cidade e o seu percurso no correr do tempo, o povo que a habita, as instituições e movimentos, alguns jornais locais através dos tempos, os colégios de ontem e de hoje, dados biográficos dos intelectuais barbalhenses, natos ou adotados, capítulo que surpreende pela quantidade de seus integrantes e pela

variedade de suas especialidades. Focaliza, em seguida, com abundância de elementos informativos, as instituições cívicas e culturais do município e fornece a cronologia administrativa / legislativa com nomes e efemérides importantes. O volume se fecha com algumas palestras do autor, proferidas em oportunidades diversas, enfocando figuras e fatos do Cariri e de Barbalha, Enriquecem o livro muitas fotos de logradouros e da arquitetura da cidade, complementando a vasta gama de informes contida no livro.

Trata-se, enfim, de um curso introdutório ao conhecimento de Barbalha, sua gente, seus recantos e seus mistérios, entre eles esse visgo que tanto prende os nativos como o visitantes pela sinceridade da afeição.

BALNEÁRIO CAMBORIÚ/SC, 17 de setembro de 2000,

Data dos 70 anos de Napoleão Tavares Neves.

**"Escrever é fácil. Você começa com uma maiúscula e termina com um ponto final. No meio, coloca idéias".
(Pablo Neruda)**

Décio Teles Cartaxo

Dr. Décio Teles Cartaxo nasceu a 11 de abril de 1911, em Mauriti, cidade e município, que juntamente com Milagres e Brejo Santo constituem uma microrregião do extremo sul do Estado do Ceará. Filho do Sr. André Brasileiro de Couto Cartaxo e de D. Maria Fernandes Teles Cartaxo.

Iniciou seus estudos primários no Crato, em escolas particulares; depois passou a estudar em Fortaleza, no Colégio Cearense do Sagrado Coração, que ainda hoje situa-se na Av. Duque de Caxias, 101, e concluindo neste estabelecimento, o secundário e seus preparatórios para ingresso na universidade.

Viajou para a Bahia em março de 1929, prestou exame vestibular para a Faculdade de Medicina; foi aprovado, fazendo, a seguir, o primeiro ano do curso médico.

Realizou todos seus estudos médicos nesta faculdade, terminando a 30 de novembro de 1934 e recebendo seu diploma médico a 8 de dezembro deste ano. Parece que, nessa época, não havia mais a necessidade de defesa da tese de doutoramento para con-

clusão do curso médico, não encontrei referências suas nesse sentido.

Pertenceu, desta maneira à "Turma de 1934", como naquele tempo era chamada e bem caracterizada, juntamente com vários médicos conterrâneos, dentre os quais: Carlile dos Santos Passos, Francisco Saraiva Xavier, Joaquim Fernandes, José Edmilson Barros de Oliveira, José Peroba, Manuel Fontenele Magalhães, Nelson de Andrade Sales, Joaquim Eduardo de Alencar, Oswaldo Fontenele Fernandes, Raimundo Vieira da Cunha, Walder Bezerra de Sá.

Dr. Décio, durante seu curso acadêmico, especializou-se em oftalmotorinolaringologia, logo regressando ao Ceará. Iniciou seus trabalhos profissionais na cidade do Crato, em 1935. Nesse mesmo ano passou a ser o oculista do Hospital São Francisco (Crato); ao mesmo tempo, integrava o quadro magisterial do Ginásio Santa Teresa de Jesus, exercendo, com muito brilhantismo, o cargo de professor de Anatomia, Fisiologia e Biologia, que constituíam uma única matéria do curso norma!.

Contraiu núpcias a 29 de janeiro de 1937, com sua prima Nair cartaxo, de cujo matrimônio nasceram 4 filhos: Cesar, economista; André, economista e professor da Universidade Estadual do Ceará; Helenice e Solange, professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

É irmão de outro médico, Dr. Darival Teles Cartaxo, que clinicou também no Crato. Ele faleceu a 7/6/2000.

Dr. Décio foi médico do Serviço de Tracoma e chefe do posto de Higiene do Crato por vários anos, tendo sua administração neste posto caracterizado por efetivo combate ao tracoma, doença endêmica naquela região, como em capítulos anteriores já tive oportunidade de relatar.

Teve numerosa clientela na região, pois clinicava também em Juazeiro do Norte. Foi o primeiro otorrinolaringologista do Cariri. Pelos anos 40, realizou e publicou um completo trabalho científico sobre "Anomalias do seio venoso lateral na mastóide". Nesse período, viajou ao Rio de Janeiro para realizar um curso de aperfeiçoamento em Oftalmologia.

Foi eleito Prefeito Municipal do crato, desempenhou seu mandato de 31 de janeiro de 1951 a 14 de março

de 1955, realizando uma obra administrativa traçada na sua plataforma de governo, desenvolvendo grandes atividades no período que assinalou o "Centenário da Cidade do Crato", ressaltando-se a presença do Vice-presidente da República, Café Filho, o Ministro do Trabalho João Goulart e o Presidente dos Diários Associados, Assis Chateaubriand.

Logo a seguir foi eleito deputado estadual por sua terra natal para o mandato de 15 de março de 1955 a 15 de março de 1959.

Obrigado a residir em Fortaleza, em 1955, transferiu-se definitivamente para esta cidade. Sua residência inicialmente foi à rua Silva Paulet, 160 (Meiros), em ampla e confortável casa, onde morou por vários anos.

Seu consultório em Fortaleza, instalou-o inicialmente no edifício do IAPC, salas 805 e 806, à rua Pedro Pereira, na especialidade de olhos, nariz, garganta e ouvidos. Depois, transferiu-o para Edifício Seguradora Brasileira, conj. 703, à rua Pedro Borges, 75- Centro.

Foi presidente da Assembléia Legislativa do Ceará por dois períodos: o primeiro de 15 de março de 1955 a 14 de março de 1956 e o segundo de 15 de março de 1958 a 14 de

março de 1959.

Esteve como governador interino do Estado, substituído pelo afastamento do Governador Flávio Portela Marcílio, entre 8 de novembro de 1958 a 22 de fevereiro de 1959.

Entre outros cargos médicos que exerceu podemos citar: credenciado para atendimento dos segurados da Associação dos Merceeiros do Ceará, de agosto de 1959 a agosto de 1970; médico especializado C-32, do Departamento Estadual de Saúde e integrante do quadro médico do Poder Executivo; admitido em julho de 1960 no IAPFESP (Caixa dos Ferroviários), que foi absorvido pelo INAMPS, exerceu a função de coordenador de turno do Posto de Assistência Médica do antigo IAPC; diretor da Divisão Médica Assistencial deste posto, PAM 505-431, e substituído do diretor geral em todos seus impedimentos legais.

Seu C.R.M. – CE é nº 232, foi membro da Comissão Regional de Deontologia e Ética Médica desse conselho.

Médico da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, de 1968 a 1980, onde operava mais freqüentemente. Em 1958, foi assessor técnico dos municípios e posteriormente conselheiro do Conselho de Contas dos Municípios.

Foi chefe da Casa Civil do pri-

meiro governo de Virgílio Távora.

Encerrando suas atividades políticas e reativando as médicas, fundou sua clínica particular, denominada “Clínica de Olhos Dr. Moura Brasil”, à rua Major Facundo, 1137, Praça do Carmo. Depois, transferiu-a para Av. Aguanambi, 1733, onde encerrou suas atividades médicas por volta dos anos 80.

Em suas atividades sociais e de clube de serviço, foi membro e presidente do Rotary Clube do Crato, comandando o movimento em prol da construção do Crato Tênis Clube, ressaltando-se a grande colaboração de sua esposa para este empreendimento; primeiro presidente do Crato Tênis Clube; sócio veterano do Rotary Clube de Fortaleza; é membro honorário da Academia Cearense de Medicina.

Aposentado pela compulsória em 11 de abril de 1981, levou, incorporada, a função de Diretor da Divisão Médica Assistencial do INAMPS.

No momento, reside à Av. Padre Antônio Tomás, 830 (Dionísio Torres), em Fortaleza, onde goza das delícias de ter tido toda uma vida honesta, laboriosa e repleta de atividades profissionais dignas e mandatos políticos de grande importância. Foi ultimamente entrevistá-lo, para colher dados de sua história, obtendo-os de seu filho Cesar.

Aprendizes da Vida, Operários do Nada

José Flávio Vieira

I

Existem poucas profissões tão especiais como a de agente funerário. A convivência próxima e diuturna com a morte, às vezes, faz desses seres figuras folclóricas, com cara de outro mundo. Poucos, porém, vêm de tão perto a fugacidade da vida e sentem como a transitoriedade da existência leva tão rápido ao socialismo final: reduzindo ao mesmo pó a ambição, o egoísmo, a miséria e a abastança do homem. Um amigo do ramo me conta das dificuldades do seu meio de vida. Primeiro, é difícil encontrar uma razão social para a empresa, pois é árduo fugir do aterrador, do mórbido e, muitas vezes, mesmo do ridículo. Nomes do tipo: *"Funerária o Sorriso do Finado"*, *"Funerária Disparado para o Paraíso"*, *"Funerária Defunto Feliz"*. Segundo, — ensina ele — é melhor evitar os slogans, por motivos idênticos: *"Onde o Defunto tem vez"*, *"O defunto é duro, mas o pagamento é mole"*, *"Leva*

você ao céu e não pro beleléu". Em terceiro lugar, — explica ele com ar professoral — o agente funerário deve evitar fazer visitas a doentes, porque sempre pode parecer que está ali por um escuso e misterioso interesse e o paciente poderá concluir que o volume que ele carrega no bolso, ao invés da carteira, seja a trena. Em quarto lugar, frisa o nosso fúnebre amigo, não é também de bom feitio lançar promoções como: *"Pague um, leve dois"*, *"Compre o do sogro que a urna da sogra é grátis"* e coisas do gênero. Não é de bom alvitre, por outro lado, aparecer como patrocinador de excursões, esportes radicais, etc., já que o povo pode concluir que aquilo não é um patrocínio, mas sim um investimento. Por fim, o nosso papa-defuntos, como se desse o fecho em uma tese de mestrado, conclui: o gerente dessa mortuária atividade deve evitar falar, publicamente: *"O comércio está fraco"*, *"Já não acontecem acidentes como an-*

tigamente”, bem como mandar brindes no Natal para os cardiologistas, os neurologistas e os mototaxistas (decerto seus maiores fornecedores). Sempre achei esta profissão inóspita, talvez porque, como médico, ela seja uma extensão da minha e começa sempre onde meus cuidados terminam, como se fora um atestado da minha impotência como esculápio.

II

Katacumba”(este é o apelido profissional do meu amigo), para os íntimos “Katá”, me conta um caso acontecido na Paraíba. Uma funerária contratou uma doméstica de uma residência vizinha a um hospital. Sempre que esta ouvia movimento no necrotério, telefonava, e os agentes vinham, pronta e rapidamente, oferecer seus préstimos. O convênio vinha funcionando azeitadamente, até um belo dia, quando faleceu uma pessoa influente na cidade. A família, com previsão do êxito desfavorável, já tinha contactado uma outra agência. Alertados pela empregada, ao chegarem ao hospital, eis que os agentes conveniados topam com a outra funerária já

em plena atividade. Abriu-se a discussão e, em pouco, as partes se engalfinharam, em meio às rosas, às velas e às orações. Os familiares do falecido correram e, quando abaixou a poeira, o resultado da batalha: alguns braços quebrados, hematomas vários e o falecido de cócoras, no canto da sala, olhando para tudo aquilo com um distante olhar de sarcasmo. Como “Katacumba” mesmo diz: poucos conhecem tanto a alma humana como nós, manipuladores da morte e do seu séquito: hipocrisia, dor, sado-masquismo, flores tristes e inocentes, religiosidade doentia, perversos interesses—servidos em meio ao caldo, aos risos, às lágrimas e ao desespero...

III

Uma outra história ele nos narra, ainda dos tempos em que vivera em Várzea Alegre. Morrerá um seu amigo em um sítio próximo e ele fora convidado para o velório. Defunto pobre e sem herança a deixar. Os colegas reunidos, como sempre acontece, passaram a encher a cara de cana, na tentativa de afogar as próprias mágoas e, também, claro, pres-

tando uma homenagem àquele paud'água que se livrava do mundo. Acontece que o sítio era separado da cidade pela íngreme Serra dos Cavalos e, quando por fim, resolveram transportar o caixão para o cemitério varzealegrense, os amigos estavam todos bêbados: "mais cheios de pau que caixa de fósforo". Na primeira rampa já não restava uma única flor por sobre o féretro. Na subida da serra, o caixão já ia sem tampa e, ao entrar em Várzea Alegre, sob o som alegre de "Alá, Meu Bom Alá...", o finado já vinha galhardamente sentado no caixão e, jura "Katá", por aqueles olhos que um dia o álcool haverá de comer, vinha respondendo em coro ao refrão:

—“Ô que calor, ôôôô, ôôôô...”

IV

“Katacumba” tem um capítulo só para historiar as falsas ressurreições. No Sítio São Vicente aqui em Crato em pleno velório, entre uma e outra “incelença”, alguém notou que o finado que repousava na sua própria cama, como que elevava a mão por

baixo do lençol. Aí o mais próximo gritou: —“Tá Vivo!”, e foi uma debandada geral. Em pouco tinha gente passando na carreira em Nova Olinda; três trepados no mesmo coqueiro na Ponta-da-Serra e consta que até um aleijado jogou para longe as muletas que o atrapalhavam e era o pole-position na Prova de Fuga ao Defunto. Só pela manhã, um bêbado se aproximou e descobriu o estranho milagre da movimentação embaixo das cobertas: um pinto pulara do terreiro por sob a mortalha, tentando bicar algumas sementes que piedosamente pendiam das flores que circundavam o falecido.

De uma outra feita, num enterro concorrido, disserta Katacumba, o filho da falecida, debulhando-se em lágrimas, não desgrudava do féretro. Quando este já se encontrava na beira da cova, nas despedidas últimas, o rebento choroso se abraçou pela derradeira vez com a urna, inconsolável. A terra fofa do cemitério fez com que o rapaz escorregasse e o caixão, desequilibrando-se com o peso, caiu dentro da cova com rebento da finada, por cima. No impacto, soou aquele barulho grave e cavernoso, como de um surdo que

prestasse a última homenagem à falecida.. Nisso alguém, impressionável, nas últimas fileiras, gritou: —“D. Maria enviyeceu!!! “Aí foi uma correria geral, tendo na frente do primeiro pelotão o inconsolável filho, que saltara da cova, num átimo, engatara a primeira e em pouco, certamente, receberia a bandeirada da vitória.

Uma outra história não menos insólita, nos traz Katá de Assaré. Uma velhinha muita cambota fora encontrada sem vida pelos familiares. De poucas posses, compraram um caixão barato, com ajuda de amigos piedosos. Na hora de pôr a carta no envelope, no entanto, notaram que era impossível: as pernas já rígidas, em forma de arco, não entravam na urna. A solução então foi cortar um pedaço da corda do cacimbão e, com ajuda de alguns circunstantes, forçar as pernas uma de encontro à outra, sob pressão e atarando-as com a corda para mantê-las assim. Deste modo conseguiram colocá-la dentro da fôrma que a aguardava para última viagem. As exéquias vararam a noite. De madrugada, em meio às rezas, o pedaço de corda (já puído pela ação da umidade da cacimba) esgarçou subitamente. Aí as pernas, agora livres

da contenção, pularam de repente para fora do caixão, como se a defunta fizesse menção de sentar. Foi um espalhafato, negro ganhando a capoeira, até ontem tinham feito a chamada e pelo menos três pessoas que estavam no velório não mais tinham dado notícia. Diz que um está em Canindé, um outro passou por Cabrobó e “Chico Canela Dura”, um sujeito tido como paralítico, que faz ponto na feira , telefonou ainda cansado de Marabá, avisando à família que estava indo embora: sabe Deus para onde.

V

A mais incrível estória contada por “Katá”, no entanto, é difícil de se constatar a veracidade. Segundo ele, ano passado, a Câmara de Vereadores de Belorizonte criou um imposto para os túmulos, uma espécie de IPTU post mortem. Os familiares que não pagassem, parece coisa do outro mundo, veriam seus entes queridos serem arancados dos túmulos e recolhidos ao ossário público. “Katacumba” relata que, após um dia de intensa atividade, sentou e cochilou, no intervalo de dois sepultamentos. Teve um sonho que

mais lhe pareceu uma aparição: Assistiu a uma *“Reunião da Associação das Almas desencarnadas e corpos Despejados”*. O conclave se passava em uma etérea paisagem e era presidida por um espírito chamado Allan. Falavam sobre a medida tomada pela Prefeitura de Belorizonte que, em pouco, com a voracidade dos prefeitos brasileiros, deveria se estender para todo o país. Caíra por terra um dos mais sagrados direitos, o do *“REQUIESCAT IN PACE”*. Nem mais na morte se poderá ter paz, os jazigos perpétuos passam a ser Jazigos temporários.

Alguns espíritos reclamavam dos parentes que, se já os só visitavam no finados, agora, que já tinham posto as mãos na herança, não iriam ter nenhum ímpeto em pagar o novo imposto e estariam desobrigados até daquela anual penitência. As almas mais antigas (se é que é possível pensar em idade, nesse caso) eram as menos preocupadas, elas diziam que ninguém é lembrado depois da terceira geração, até porque poucos tiveram o privilégio de conviver com os bisavós e é quase impossível lembrar-se daquilo que não se conheceu. A união de todos no osário municipal era, assim, o socialismo final da natureza, a junção de to-

dos no mesmo pó, a comunhão dos elementos: sem passado, sem história e sem vãs lembranças.

Uma alminha atarracada ralhava com os outros, dizendo tinha acertado quando solicitou em testamento a cremação, destarte, tinha livrado o Estado e os familiares desse derradeiro contratempo, embora soubesse que suas cinzas estavam lá no sótão da casa, menos lembradas que as do cinzeiro da sala e qualquer dia desses, certamente, seriam enxotadas numa faxina qualquer.

O depoimento mais surpreendente, no entanto, foi de um espírito andarilho que disse ter nascido no nordeste brasileiro e logo novinho abandonado numa lata de lixo por uma mãe solteira. Por sorte foi resgatado por uma doméstica que morava na Favela *“Suvaco do Urubu”*, em Recife. Começou cedo a fazer pequenos furtos e foi adotado pela FEBEM de onde o expulsaram com a maioria. Passou então a trabalhar como vigia de uma pequena indústria, casou, depois de ser despejado de duas ou três casas por não ter podido pagar o aluguel; ganhou no jogo do bicho uma pequena soma e comprou uma casinha, onde passou a morar com a família. Por conta de infidelidade separou-se e, mais,

uma vez na rua, deixou a casa com a mulher. Viajou ao Pará, na tentativa de melhorar de vida, passou a ser grileiro, até ser expulso (pensava ele que pela última vez), massacrado como tanto outros em Eldorado do Carajás . Sem familiares, sem passado, estava ele ali, prestes a ser expulso de novo, como um Ahsverus onipresente, uma reencarnação de Adão, condenado à expulsão eterna do paraíso .

Katá diz, pedagogicamente, não entender porque os homens, sendo livres para tomar os caminhos que melhor lhes aprouverem, passam a vida a

criticar as estradas e veredas que os outros escolheram. A estrada, boa ou ruim, pavimentada ou asfaltada , curta ou longa, seja qual for ela, enfim, inexoravelmente termina aqui , conclui ele, apontando para o cemitério.

“Katacumba” despertou do sono, acicatado por um colega que o chamava para mais um enterro. Olhou para um céu azul resplandecente que o convidava para a vida com todos os seus gozos e marchou, pisando na terra que o tentava sorver com os seus vermes, suas lições de nada e seus mistérios...Saiu.

Classificados



Tenho um amigo português, hoje já falecido, que me deixou uma arma como herança. Estou vendendo por não gostar de armas.

“Foi usada uma única vez.”

POSSESSIO MARIS

Meldrummond

Sede de aventura, poder e vontade de poder.
Vencer desafios, incertezas, distâncias incalculáveis...
Apoderar-se do desconhecido, de terras infinitas...
De vidas, de riquezas ...

A posse dos mares !

Neste ano do quinto centenário do Brasil, relembremos, através do Poeta, os grandes feitos dos intrépidos Argonautas portugueses. Eles, os heróis e senhores dos “mares nunca dantes navegados” .

Suavemente, naveguemos nos belíssimos versos do Poeta...

Itaytera

3 Poemas de Fernando Pessoa

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal !
Para te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram !
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar !

Valeu a pena ? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena .
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Itaytera

O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma ,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até o fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal !

PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade !
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou :
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem - ou desgraça ou ânsia - ,
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistaremos a Distância -
Do mar ou outra , mas que seja nossa !

"Seu Eloia"

ICC: Discurso de Elói Teles de Moraes, ao tomar posse da cadeira Numero 1 da Secção de Folclore, cujo Patrono é Leonardo Mota - Solemnidade do dia 30 de agosto de 1999

Meu Caro Dr. Raimundo Borges, Pres. do Instituto Cultural do Cariri; Excelentíssimo Sr. Pref. Municipal, Moacir Siqueira; Sr. Pres. da Câmara Municipal, Cariolano; Sr. Sec. de Cultura, Paulo Rafael; agora Companheiros do Instituto Cultural do Cariri;

Companheiros da Academia dos Cordelistas do Crato; amigos aqui presentes, convidados especiais — e destaque, e sublinho, o nome que saúdo, como disse, destacando — a presença do Dr. Napoleão Tavares Neves (palmas!)

Minhas Senhoras,
Meus Senhores...

É imensa a minha satisfação em estar aqui, ao lado do primeiro time da intelectualidade da minha terra, para tomar posse numa das Cadeiras deste Sodalício. Confesso que é um sonho que estou realizando !

Talvez fosse até um audácia sonhar em fazer parte de uma plêiade

de intelectuais de tamanha grandeza, sem ter o respaldo necessário para fazer parte deste estrelato. Mas já se disse: " não é crime sonhar " .

Sinto-me familiarizado nesta Casa, o Instituto. Desde que há muito tempo venho prestando meus humildes serviços, conduzindo a tarefa de coordenar os grupos folclóricos, missão entregue a Pedro Teles e a mim pelo saudoso Professor Figueiredo Filho. Criado por ele, o Clube dos Amigos do Folclore, Departamento pertencente ao Instituto Cultural do Cariri, desde aquele tempo estamos cumprindo a tarefa, creio, satisfatoriamente. E quando o Dr. Raimundo de Oliveira Borges comunicou-me a decisão da Diretoria em confiar-me a missão de assumir a Cadeira Nº. 1 da Secção de Folclore, confesso: fechei os olhos, e creditei ao Mestre Figueiredo esta confiança. A responsabilidade aumentou ainda mais quando nomearam o grande folclorista, poeta

e jornalista LEONARDO MOTA Patrono da Cadeira !

Sentar numa Cadeira cujo Patrono tem um nome tão forte, só tem um jeito: é nos sentirmos fortes também. Para ajudar-me a honrar este posto, invoco os grandes nomes do nosso Instituto Cultural: Irineu Pinheiro, J.de Figueiredo Filho, Pe. Gomes, Otacílio Anselmo...

Sinto-me pequenino para falar do Patrono desta Cadeira, o Mestre Leonardo Mota.

Tenho que fazê-lo, no entanto...

Nascido na Vila de Pedra Branca, bem no coração do Ceará, nos idos de 1891, filho de Leonardo Ferreira da Mota e de Maria Cristina da Silva Mota. Com um ano de idade, passa a residir em Quixadá. Sua primeira escola foi o Colégio São Luís Gonzaga. E aos doze anos incompletos, juntamente com o seu irmão, foi para o Seminário de Fortaleza, levado pelo pai. Daí, dois anos depois, passou-se para o Seminário Beneditino.

Contando a sua vida naquele educandário, ele mesmo declara: "Ali, eu comecei a botar as manguihas de fora..."!

Começou cedo a vida de Professor: aos 16 anos, Leonardo Mota já estava lecionando no Colégio Galdino

Sales, em Quixadá. Mesmo sendo ainda aluno do Ginásio São José, na Serra do Estêvão, não tinha ainda 20 anos e assumia o cargo de bedel-arquivista do Liceu do Ceará: era o começo de uma vida cheia de lutas e de glórias.

Para Leota, como era chamado pelos mais íntimos, sua vida literária estava também começando, pois foi convidado para dirigir a revista literária "AJANGADA".

A dura missão de dirigir um estabelecimento de ensino foi confiada pelo seu irmão, Pe. Aureliano Mota, já em 1912. Foi nesse mesmo ano que o Dr. Toão Thomé, eleito governador, o convidou para integrar o seu governo. Daí em diante, Leonardo Mota passou a se interessar pelos poetas sertanejos, pelos repentistas, pelos violeiros, pelos emboladores, pelas cantigas de feira, as valências, os desafios, romances e novelas em verso... — era a matéria-prima para os longos trabalhos de Leota.

Sua grande poesia foi casamento, em 1912, com Dona LUISALAVRAS DE ARAÚJO. Nasceram desse casamento: Moacir, José Aurélio, Murilo, Maria do Carmo (e aqui eu abro um parêntese para dizer que Moacir esteve no Crato, por muito tempo, como gerente do Banco do Brasil, morando

ali, no Pimenta, onde eu morava bem pertinho — vizinho — as nossas famílias fizeram amizade. E Moacir já mostrava os dotes do pai: deixou em Crato muitas amizades.

A “GAZETA DO SERTÃO”, fundada por ele, em Ipu, deu-lhe fama. Escrevia quase que diariamente para os jornais de Fortaleza, como o “CORREIO DO CEARÁ”, em 1937. Dois anos antes e colar grau em Direito, já advogava. Terminando o seu curso, foi Promotor Público da Comarca de Ipu por nomeação do Interventor do Ceará, General Setembrino de Carvalho.

Como todos os homens amantes de sua terra, entra na política, em 1915, como candidato a deputado estadual. Não logrou êxito. Em seu lugar foi eleito Gustavo Lima, de Lavras da Mangabeira.

Foi no dia 13 de abril de 1916 que ele colou grau como bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Fortaleza.

LEONARDO MOTA era irrequieto. Fundou jornais. Criou revistas. Escreveu livros. Mergulhou nos sertões nordestinos, procurando beber da fonte pura das belezas naturais. Todos os Estados nordestinos foram por ele palmiados, nos seus sertões bravios.

Corria o ano de 1917. Ele era um homem do primeiro time do Presidente João Thomé. Aderiu à campanha cívica de Olavo Bilac. Inspirou-se nos mais épicos momentos de luta. Naquele mesmo ano, ele entrevistou, na Penitenciária de Fortaleza, para o “CORREIO DO CEARÁ”, o famoso Coronel Pereira, que lhe prestou importante depoimento sobre a luta quase secular entre as famílias pernambucanas PEREIRA e CARVALHO. O Cel. Pereira era tio de dois vultos sinistramente hoje aureolados nos fatos do banditismo: um ex-padre e Sebastião Pereira. Uma outra entrevista de Leonardo Mota com Cel. Antônio Pereira está no seu livro “VIOLEIROS DO NORTE”. Naquele ano, ainda, integrou a comitiva do Presidente João Thomé a Juazeiro do Norte. No banquete, na residência do Pe. Cícero, oferecido ao Presidente, é Leonardo Mota quem agradece em nome de todos.

Poeta, escritor, jornalista, cronista, pesquisador... era um nome que não poderia deixar de figurar na Academia Cearense de Letras. E assumiu a cadeira número 38, cujo Patrono é Franklin Távora.

Numa de suas excursões pelo interior do Ceará, garimpando subsídios para suas obras poéticas, visita o Crato, Juazeiro, Barbalha, Missão

Velha, Lavras, Aurora e Senador Pompeu. Chegou em Fortaleza com seu matulão recheado de matérias-primas; para lapidar como ele sabia.

Em Recife, em 1924, conheceu Câmara Cascudo, de quem tomou-se amigo; vindo, depois, o Mestre do Folclore Nordestino (Câmara Cascudo), a prefaciar seu livro "CANTADORES".

Leonardo Mota deixou verdadeiros tesouros da cultura popular. Escreveu Frutos de mudanças.... pesquisas profundas... convivendo meses a fio com o caboclo da roça, nas beiradas das estradas ao lado dos bardos sertanejos. Ele legou para posteridade um mundo encantado de informações nos seus livros "CANTADORES", "VIOLEIROS DO NORTE", "SERTÃO ALEGRE", "NO TEMPO DE LAMPIÃO", "PROSA VADIA", "A PADARIA ESPIRITUAL" e o "ADAGIÁRIO BRASILEIRO".

São subsídios à sociologia cabocla.

Fechou os olhos para sempre no dia 2 de janeiro de 1948, em Fortaleza, sendo sepultado com as vestes de pobre — as de São Francisco de Assis —, como pediu, pois era membro da Ordem Terceira dos Franciscanos.

Meus Senhores,

Honra maior não há que sentar numa Cadeira que tem o nome de pessoa de tamanha grandeza, também grandeza intelectual!

Para esta solenidade, o Dr. Raimundo Borges tentou conseguir vários locais, mais amplos, mais confortáveis. Mas como já estavam agendados para outras solenidades, quis o Destino que eu viesse aqui receber esta homenagem; no mesmo casarão em que, há 35 anos atrás, a repressão política me jogou para conviver, por mais de dois meses, com presos comuns, ladrões, assaltantes, assassinos da pior espécie, como punição por seu eu um idealista intransigente! (PALMAS!) Idealista intransigente que não se dobrou às inquisições impostas.

A vida nos reserva muitas coincidências!... Obrigado, Senhores... agora Companheiros, pela distinção.

Recebo esta homenagem disposto a transformá-la no adubo forte para a luta em defesa da nossa cultura popular, do nosso folclore. E termino com a palavra do Mestre:

*"Infeliz do povo que não sabe
cultuar suas tradições!"*

Muito obrigado!

Discurso proferido pelo Confrade *Elói Teles de Moraes*, na noite de 30/Agosto/1999, ao tomar posse na Cadeira nº. 1 – Seção de Folclore – cujo Patrono é LEONARDO MOTA — Reunião festiva do ICC realizada no recinto do Museu Histórico do Crato (térreo do antigo prédio da Cadeia Pública do Crato). *Obs. Gravado(ao ar livre) em fita K7. A fita apresenta bastante ruído, estando mesmo ininteligível em alguns pontos, dificultando um pouco a transcrição. Copiado para ITAYTERA por M.P.de Aquino.*

Tudo Ficou na Saudade...

J. Lindemberg de Aquino

Vamos adentrar no Século XXI a 1º. de janeiro de 2001. Milhares de pessoas da nossa cidade, amigos e parentes, já fecharam os olhos à vida sem que tivessem a oportunidade de ver abertas as portas de um novo milênio.

Só deixaram saudades...

A título de homenagem, e para registro na posteridade, citamos, aqui, nomes de alguns dos que se foram. As limitações da mente humana nos fizeram omitir, com certeza, muitos registros. E, evidentemente, não caberiam todos nesta relação. Mas, cremos, vale o esforço como demonstração do nosso apreço, amizade, reconhecimento e sincera saudade...

CASAIS FALECIDOS

Adalgiso Paiva e Santa – Álvaro Peixoto e Yayá – José Teixeira e Rosila - José Abagaro e Lourdes – Antônio Xenofonte e Ambrosina – F.C.Pierre e Adalgisa – Luís Barreto e Djecila – Antônio Cirilo e Coração - Gérson Norões e Severina – Waldemar Alencar e Lourdes – Plínio Norões e Laís – Dedé Alencar e Edméia – José Almino e Benigna – Valdenir Sá e Sônia – Karl Heinz Khullen e Luísa Helena – Hubert Boris e Jeanine – Antônio Carvalho e Isaura – José Caboclo e Emília – Gonzaga de Melo e Cilinha – Manoel Oliveira e Carmelita – José de Melo e Francisca Macedo – Guilherme Moreira e Ester – João de Melo e Assunção- Vicente Lemos e Vicência – Adérson Alencar e Zulmira – Vicente Cordeiro e Anália – Augusto Magalhães e Antônia – Marcial Pinheiro e Gertrudes – João Felipe Ribeiro e Nenê – Júlio Saraiva e Isabel – Joaquim Patrício de Aquino e Rosa – George Lucetti e Auxiliadora – Pedro Alves de Oliveira e Maria Rosa – Balduino Bezerra e Tetezinha – Manoel Aquino de Bonfim e Sinhazinha – Antônio Fernandes Teles e Edite – Abidoral Jamacaru e Doninha – Joaquim Fernandes Teles e Ana – José Abílio de Oliveira e Zefinha – Filemon Teles e Sinhá – José Cavalcante e Isa – General Teles e Valdelice – Pedro Norões e Violeta – Jéferson da Franca e Ana Vitorino - George Lucas e Isabel – Raimundo Lobo e Alzira – José Eurico e Ormicinda – Cândido Monteiro e Ester – Pedro Augusto Pequeno e Maria do Carmo – Jéferson Albuquerque e Letícia – Cel. Antônio Luís e Marieta – Chagas Be-

zerra e Deta – José Júlio de Brito e Santinha – José Luís de França e Neusa – José Alves de Figueiredo e Emília – José Bacurau e Neusa – J.de Figueiredo Filho e Zuleika – Otto Luna e Francisca – José Figueiredo e Nadeje – Pedro Teles e Edite – Derval Peixoto e Luizinha – Benedito Teles e Anunciada – Dr. Gesteira e Carmelita – Edmilson Pinto e Maria – Osvaldo Esmeraldo e Rosali-André Abagaro e Palmira – André Cartaxo e Micota – José Honor e Eremita – Dr. Macário e Adalva – Celso Oliveira e Santa – Juvêncio Barreto e Maria Pia – Dr. Jéser e Marina – Expedito Bezerra e Cármen – Francisco Luna e Cármen – Quixadá Felício e Ely – Antônio Araripe e Donita – Ramiro Monteiro e Quinô – Teúnas Soares e Yolanda – Ferrer Bezerra e Nenê – Joaquim Pinheiro de Menezes e Maria Amélia – Antônio Leite Tavares e Antônia – Raimundo Norões Milfont e Aílza – Antônio Bezerra e Lavínia Pedroso – Pedro Felício e Aílza – Antônio Olímpio e Senobilina – Felipe Bezerra e Generosa – João Anacleto e Idalina – Chiquinho Siebra e Maria Júlia – Mário Teixeira Mendes e Maria – Ildefonso Correia e Rosamélia – Pedro Barroso e Doralice – Geraldo Costa e Dandinha – Adérson Bodocó e Lozinha Saraiva – Aurélio Albuquerque e Rita – Ernani Silva e Aline – Adalberto Pereira e Anita – Pitias Peixoto e Diomedes – José Esmeraldo e Maria Amélia – Francisco de Sousa e Nenê Correia – Inácio Ramos e Raimundinha – João Lucena e Salvina – Francisco Zábulon e Julieta – Chiquinho Bezerra e Bezerrinha – Lino Zábulon e Adalisa – Antônio Major e Adália – Vicente Militão e Elisa – Joaquim Ferreira Lima e Gessé – Severino Ribeiro Parente e Isaura – Nequinho Alencar – Louzinha – Luís Teixeira e Maria – José Araújo Filho e Edelvita Cícero Araújo e Anália – Ariamiro Pires e Anunciação –

José Bezerra Lins e Aurora – Abinadab Arruda e Maria Alves – José Válder Dias e Georgina – Irineu Sisnando e Helena – Mário Rocha e Maria Júlia – Celso Gomes de Matos e Lindonora – Raimundo Ribeiro e Maria Emília – Virgílio Arrais e Marcinha – Antônio Araújo e Vicência – Horácio Jácome e Maria Pequeno – Simião e Dona Ceicinha – Paulo Ribeiro Paiva e Idílvia – Chiquinho Bezerra de Melo e Maria Luísa – Amâncio Lacerda e Lúcia – José Pagé e Lica – Maurício Almeida e Cléia – Zacarias Gonçalves e Adília – Expedito Gurgel e Nildes – José Gonçalves Sobrinho e Lica – Eneas Alves e Nenzinha – José Gonçalves Milfont e Maria – José Bezerra e Maria Amélia – José Salgueiro e Marilva – Júlio Bezerra e Mariquinha – José Galdino Filho (Mestre Zumba) e Maria Nunes – Juvêncio Bezerra e Donival – Joaquim Landim e Divina – Hildegardo Benito e Ayla – Marcelo Piancó e Maria Luísa – José Abath e Flávia – Pedro Pereira e Joana – Otacílio Macedo e Adelide – Luís Pereira e Veneranda – Cícero Araripe e Tezinha – Pedro Maia e Vicência – Teopisto Abath e Maria de Jesus – Joaquim Carlos Pinheiro e Ana Piancó – José Norões e Valdetrude – Raimundo Ratts e Raimunda – Vicente Teles e Terezinha – Maru e Francisquinha – José Salatiel e Ana – General Pinheiro Monteiro e Olga – Moacir Salatiel e Maria – Evangelista Gonçalves e Maria do Carmo – Vicente Bezerra e Maria – F. Monteiro de Lima e Evangelina – Lauro Maia e Emília – Francisco José de Brito e Ana Libório – Francisco Esmeraldo de Melo e Maria Amélia – Duarte Júnior e Alles – Vicente Alves e Nildes – Moacir Lóssio e Maria Aydil – Alexandre Arrais e Noeme – Raimundo Pires Maia e Conceição Romão – Zilberto Teles e Netinha – Prof. José Primo e Assunção – Francisco Borges e Inês –

Vicente Duarte e Bela – Raimundo Osvaldo e Euridice – Joaquim Bezerra de Farias e Zezina – João Borges e Maria Doninha – José Leôncio Borges e Candinha – Joaquim Borges e Divina – Elysis de Figueiredo e Adalgisa – Clotário Macedo e Sinhá

.....
Obs. Faltam ainda, certamente, muitos nomes. Impossível lembrar de todos... Contamos com a compreensão dos familiares...

VIÚVAS E VIÚVOS

Doralice Oliveira, de Albino – Altina Siebra, de Joaquim Costa – Francisco Callou, de Severina – Maria Aydil, de Moacir Lóssio – Maria Nazaré, de Wayne Saraiva – Vanda Pereira, de Donizetti Sobreira – Neide França, de Válter Sá – Edite Brito, de Ulisses Oliveira – Sinhá, de Raimundo (Camilo) Oliveira – Isa, de Antônio Alves de Moraes Jr. – Ieda, de Otto Castro – Abidísia, de Vicente Alencar – Graciosa, de Mundinho Siebra – Otilia, de Orlandino Silva – Iracema, de Albertino Soares – Rosemary, de Benedito Balduino – Lefla, de Hermógenes Santiago – Edênia, de Delcy Peixoto – Almerinda, de Raimundo Major – Irenice, de Francisco Dantas Sampaio – Mundinha, de Afrodísio Nobre da Cruz – Marly, de José Válter Nogueira – Elsa, de Luís C. Maia – Ramiro, de Neusa Gomes Maia; Mônica / Alessandra, de Dr. Nirson Monteiro – Lassaete, de Fábio Esmeraldo – Cármen, de Unias Norões – Leonor, de Orestes Costa – Mária, de Unias Osterne – Mária, de Chico Alencar – Neusa, de Aldegundes G. Matos – Idelzuíte, de F. Ferreira Lima – Hilda, de Manoelito Parente – Marluce de Álvaro (Alvarito) Matos – Artemise, de Dr. Luís de Borba – Hilda, de José Alencar – Armina, de César P. Teles – Lígia, do Prof. Álvaro Madeira – Yeda, do Dr. José Nilo –

Teresinha, do Dr. Gutemberg – Lourdes, de Aduino Carneiro – Aidê, de Francisco Parente – Mundinha, de Juvenal Couto – Ivêta, de Chico Piancó – Olga, de Cândido Figueiredo – Nadir, de Raimundo Salviano – Maria de Lourdes, de Gilberto Bezerra – Hélia, de Zecca Esmeraldo – Valdísia, de Manoel Borges – Lígia, de Jaime Soares – Antonieta, de Chico Soares – Francilene, do Prof. Tomé Soares – Deyse, de Thomaz Osterne – Marta, de Vicente Chicô – Violeta, de Francisco Araújo – Aracy, de Hermógenes Martins – Edite, de F. Furtado – Delsa, de Maíldes Rodovalho – Risalva, de Jorge Pinheiro – Felicidade, de José P. Monteiro – Baysa, de Antônio Patu – Zezé, de Expedito Machado – Nannanzinha, de Audísio Brizeno – Maria, de Geraldo R. Monte – Eponina, de Valdir Silva – Euclides, de Nenê Barros – Ivone, de João Aragão – Cleide, de Mário Correia – Sônia, de Aragão Pereira – Belarmino Oliveira, de Zufla – Mildrede, de Mário Oliveira – Valdecy, de Nemésio Barbosa – D. Diva, de Roldino Cardoso – Lenira, de Dr. Gentil – Antônio Correia, de Lyége – Vicente Venâncio, de Rosa – Maringel, de Luiz Matos – Cel. Francisco Tavares, de Erincy – Maria da Penha, de Hercílio Peixoto – Dr. Raimundo Borges, de Irafdes – Marlene, de Edson Campos – Aey, do Brigadeiro Macedo.

- Teresa Monteiro, de Haroldo - Teresa Portela, de Gerardo - Almira, de Nélio Clayton - Nita Primo, de João Carvalho - Bela, de Vicente Duarte Sobrinho - Senhorinha, de Afonso Felício - Maria de Lourdes, de Alcides Peixoto - Maria de Lourdes, de Valmair - Adalgisa, de Joaquim Lobo - D. Eva, de Joaquim Paiva - Yolanda, do Dr. Sólton - Júlia, de Ant. T. Bezerra - Selene, de Raimundo Bezerra - Maria Amélia, de Dr. Meudo - Antonira, de Emerson Barbosa - Leny, de Esmerindo Tavares - Margarida, de J. Arlindo Siebra - Helenita, de Dr. Maurício Teles - Almerinda, de Esmerado Furtado - Maria Augusta, de Abílio Primo - Stela, de Chico Braga - Maria de Lourdes, de Ferreira de Assis - Francisquinha, de Carlos Siebra - Adafde, de Chico Higino - José João Alves, de Alzenir - Maria Alice, de Dr. Alfredinho - Irene, de Pedro Januário - Lenice, de Josias Nogueira - Terezinha, de Fco. Lins Alencar - Ida, de Jacob Cortez - Helena, de João Bosco Guedes - Margarida, de Agenor Januário - Lena, de Silvio Biscúcia - Maria Luísa, de Vicente Primo - Zélia Piancó, de Idalton Lins Vidal - Maria do Carmo, de

Vicente Anselmo - Aliete, de José Siebra - Salete, de Osório Ribeiro da Silva - Maria Augusta, de Chevalier Aquino - Célso Ribeiro, de Tamar Aquino - Almério Carvalho, de Maria Nunes - Idalina, de José Carlos Muniz - Edite, de Tibúrcio Rodrigues de Melo - Edgar S. de Miranda, de Aldenice Oliveira - Maria Júlia Limaverde, de Zezito Vilar - Olga, de Nelson Alencar Neto - Audísia, de Alípio Gondim - Veleda, de Expedito Almeida - Laís, de Paulo Frota - Ária do Carmo, de Luís Américo - Pedrina, de Miguel Siebra - Fátima, de Vicente Albuquerque - Salvanir, de Djalma Correia - Jandira, de Ary Pinho de Brito - Rosinha, de Elias Martins - Leda, de Dr. Teodorico Leite - Maria, de Sebastião Romão - Nilva, de Francisco Bezerra - Delsa, de Assis Moreira - Elnir, do Dr. Machdo - Leonília, de Manoel Honorato - Deusa, de Valmir Matos - Airan, de Valdeberto Siebra - Maria Alcides, de José B. Figuciredo - Savany Macedo, de Oricne Guedes - Francisca Parente, de Gilson Ribeiro - Netinha, de Edílson Parente Alencar - Dyracy Parente, de João Lopes Parente - Mazinha, de Elifio Abath - Gláucia Norões, de José Xenofonte

Sonhar é fácil

Difícil é transformar o sonho em realidade.

*Este o desafio que sempre enfrentei
ao longo da vida.*

Antônio Martins Filho

O Estilo José Lins do Rêgo

Raimundo de Oliveira Borges

Pres. Conselho Superior do ICC

A crítica – certa crítica ... – entre outros defeitos na obra de José Lins do Rego, aponta o da pobreza de estilo.

Para mim, essa imaginária pobreza é, ao contrário, a riqueza do estilo do consagrado romancista de “Menino de Engenho”

A gente lê páginas e páginas de suas obras sem necessidade de recorrer aos dicionários. Estilo enxuto, sóbrio, claro, fluente, fácil de entender por mais sério seja o assunto de que se ocupa o escritor.

O estilo considerado rico, pomposo, gordo, rebuscado cansa, enfada e, afinal, desinteressa o leitor.

Zélinos não usa expressão alguma que não seja própria, adequada, oportuna, única para definição da idéia que desenvolve.

O que faz grande o estilo é, justamente, esse poder de identificação entre ele e o público, e esse poder o autor de “FOGO MORTO” possui como poucos dos homens de letras deste País.

A adjetivação excessiva, o preciosismo da frase, a pomposidade verbal é que lançaram Coelho Neto no quase esquecimento.

José de Alencar não oferece esse defeito; se bem não seja de todo sóbrio no linguajar, é de certo modo comedido, e, por isso, ainda hoje a sua obra é das mais lidas pelas gerações.

Ainda moço, comecei minhas leituras por Macêdo, Taunay e outros romancistas hoje considerados clássicos.

Ao penetrar certa vez na flores do vocabular de Coelho Neto, intriguei-me de logo com o homem ao ler o tópico de um dos seus livros em que ele empregava a expressão “grito estentórico”. Para que isto? Grito é grito mesmo, elevação de voz, induz, por isso mesmo, estridência.

Zélinos não iria além do grito, e far-se-ia entender maravilhosamente.

Abre-se um livro do paraibano e vai-se, como disse, do começo ao fim sem necessidade de compulsar os lé-

xicos. E a leitura arrebatava. A gente começa a não querer deixar o livro antes da página final. E esse milagre ele consegue com o estilo “pobre”, sem suntuosidade verbal, jogando apenas com o vocabulário comum da língua. Não se repete nas suas idéias; as suas imagens vão fluindo claras, límpidas como as águas cristalinas da fonte, muito mais

agradáveis e saborosas do que as que se derramam nas enxurradas ...

A suposta “pobreza” estilística de José Lins do Rego como certamente o despeito considera é que torna grandiosa a sua obra, ainda hoje mantida em sucessivas edições e disputada pelos que têm bom gosto e se deleitam com a boa leitura.

DANDO VALOR ...

O dono de um pequeno comércio, amigo do grande poeta Olavo Bilac, abordou-o na rua, e disse:

- Sr. Bilac, estou precisando vender o meu sítio, que o senhor tão bem conhece. Será que o senhor poderia redigir o anúncio para o jornal? Olavo Bilac apanhou o papel e escreveu:

“Vende-se encantadora propriedade, onde cantam os pássaros ao amanhecer no extenso arvoredo, cortada por cristalinas e mareantes águas de um ribeirão. A casa banhada pelo sol nascente, oferece a sombra tranqüila das tardes, na varanda”.

Meses depois, topa o poeta com o homem e pergunta-lhe se havia vendido o sítio. - Nem pense mais nisso, disse o homem. - Querido li o anúncio é que percebi a maravilha que tinha !!!

Às vezes, não descobrimos as coisas boas que temos conosco e vamos longe atrás da miragem de falsos tesouros. Valorize o que você tem, os amigos que estão perto de você, o emprego que Deus lhe deu, o conhecimento que você adquiriu, a sua saúde, o sorriso do seu filho e daqueles que estão à sua volta.

Esses são os seus verdadeiros tesouros!

Primórdio do Serrano

Ebert Fernandes Teles

Na infância e adolescência perambulando os pés de Serra do Araripe, tive a oportunidade de visitar várias nascentes e, diversos sítios, principalmente Francisco Gomes, Belmonte, Luanda, etc. Sítios esses, possíveis de nos mostrar imagens de água cristalina que saltava de terra, como se fervesse numa ampla vasilha. Outras vezes a água transparente saltava das fendas dos rochedos. Esse espetáculo ainda me facina na idade adulta pelo contraste da delicadeza, brilho das águas e rusticidade dum ambiente da natureza onde são encontradas.

No Rio de Janeiro tive também a oportunidade de ver panfletos coloridos de diversos clubes das cidades de Rio e de São Paulo. Diante das citadas circunstâncias foi possível imaginar um clube de campo localizado no pé da serra do Araripe.

Quando cheguei do rio de Janeiro para iniciar a vida profissional em minha terra, não tinha conhecimento de componentes qualificados para

participar da construção de um clube, que seria uma nova opção de lazer, como os implantados em maiores cidades, isso, devido ter-me ausentado por muito tempo. Como era compreensível, estava voltando para ultimar os preparativos do consultório para começar trabalhar.

Absorvido em minhas atividades profissionais, os dias e anos passaram. Em 1961, numa tarde de setembro, o calor era abrasante. Neste dia, decidi que lideraria o movimento junto ao pessoal de meu conhecimento para construir tão planejado clube.

Eu tive de me dispor por não encontrar em conversa com pessoas consideradas habilitadas de assumir o empreendimento. Eu tinha de me resguardar do sacrifício pelas minhas ocupações profissionais e pela falta de conhecimento, o que significava a construção de um clube. Então eu me lancei na primeira etapa, que seria conseguir os sócios, inicialmente, em torno de cinquenta. Fiz uma relação

dos pretensos sócios. Telefonava ou então falava pessoalmente, e assim com o auxílio de outros companheiros, atingimos o número estimado.

Surgiu um outro problema, o local onde seria construído o clube. Com esse objetivo, eu e alguns companheiros, principalmente José Aragão Pereira e João Viera, percorremos vários locais nos pés de serra onde tivesse nascente. Foi um trabalho demorado e discutido. Até que um dia conversando com Joaquim Pinheiro Teles, ele falou que conhecia um local em sua propriedade que por certo responderia as exigências que necessitávamos.

Para quem conhece o Serrano, imagine até o local onde estão as piscinas, sem haver a estrada sinuosa que leva até o estacionamento dos carros. Pois bem, o que se via era o despenhadeiro que se descia a pé com dificuldade. Assim, vagorosamente, chegamos ao local da nascente. A natureza na sua simplicidade e beleza, arrumou formas geométricas de rochedo e cercou de vegetais, que substituiu o cimento. Fascinante profusão de água cristalina jorrava das fendas e dos rochedos e deslizava pela levada sinuosa.

A conclusão a que se chegou, foi a que o terreno era por demais acidenta-

do, mas a vazão da nascente era mais que suficiente para o que pretendíamos.

Eu não entendia de construções de piscina mas em meu auxílio surgiram três companheiros de ação decisiva que foram: Antônio Sousa, José Aragão Pereira e João Vieira Silva. Logo de início tivemos de conseguir um trator para construirmos a via de acesso. Trabalho destinado à competência de Sousa, como era conhecido o mestre de obras.

Em seguida a terraplanagem para implantação das piscinas; surgiu a necessidade de serem aviadas as plantas com devidos cálculos.

Consultamos um escritório em Fortaleza, e logo tivemos conhecimento do alto preço cobrado. Quem solucionou a situação foi o Sousa que trabalha no D.A.E.R e solicitou de um engenheiro que nos concedeu gratuitamente as plantas e cálculo. Esse engenheiro tem o nome de Aristeu Mitoso que ausentou-se de Crato, e eu não posso testemunhar se a diretoria do Serrano outorgou-lhe o título patrimonial, como fora prometido.

Os trabalhos de construção se realizavam vagorosamente porque a turma responsável não queria se arriscar a fazer dívidas. O grande impulso deve-se a José Aragão Pereira que como di-

retor comercial partiu para a compra a prazo, facilitando assim o andamento dos trabalhos com maior rapidez. O certo é que com o tempo e trabalho construímos as piscinas e os banheiros.

Logo que terminou a construção das piscinas, passei a presidência aos cuidados de José Aragão e fui assumir outras atividades. Todavia, eu nunca consegui me desligar totalmente da administração do Serrano nos dez primeiros anos do seu funcionamento.

Após dois, três anos, houve um desentendimento na diretoria e tive que empossar José Wilson Marques, que teve uma administração eficiente.

A afluência do pessoal era incontornável, e como no momento não tínhamos decidido haver aumento no quadro social, líderes se apresentaram para edificar outros clubes, o clube Grangeiro e Itaytera.

Em 1972 a diretoria responsável pelo funcionamento do Serrano, estava desorganizada. Os sócios que tiveram o meu convite para participar do clube passaram a me fazer reclamações, embora eu não fosse o presidente em exercício.

Um dia, estava na praça Siqueira Campos, quando Anibal Viena e Juvêncio Mariano, me surpreenderam ao dizer que eu seria o novo presi-

dente do Serrano. Nesta oportunidade, arborizei a parte do clube, vizinho ao pavilhão principal, que à tarde ficava ensolarado. Mas, o maior benefício realizado foi a encaenação de água da nascente até as proximidades das piscinas. Foi um trabalho demorado em que uns quinhentos canos de seis polegadas foram enterrados. Em diversos locais foram feitas valas de mais de três metros para manter o nível da água que devia circular por gravidade. Essa decisão foi oportuna para a melhoria das piscinas que até então eram abastecidas com água um tanto escura, esverdeada, por atrito da água com os vegetais que forravam o leito da levada.

Após esta etapa foi possível admitir que o Serrano atingira a maioria, a não ser por certos comportamentos que à compreensão, como utilizar o ambiente do clube para se promover socialmente ou politicamente, com favorecimento de pessoas em quantidade que vem importunar a presença dos legítimos donos que são sócios que contribuem com as despesas da entidade. Em minhas passagens pela presidência, que foram aplaudidas, sábados e domingos eram os dias disponíveis para os sócios, preferivelmente. Aceitávamos convi-

tes de pessoas estranhas ao quadro social em número que não perturbasse o sossego dos sócios. Os convites para atender eram possíveis nas segundas e terça-feiras. Como as piscinas funcionam com água corrente, na terça-feira à noite, dava-se ao esvaziamento, a quinta-feira durante o dia começava a limpeza e à noite voltava a enchê-las.

Não poderia deixar de citar os nomes dos presidentes que contribuíram para o desenvolvimento do Serrano.

Em 1961- Ebert Fernandes Teles (fundador)

Em 1964- José Aragão

Em 1966- José Wilson Marques

Em 1968- José Miguel Soares

Em 1972- Ebert Fernandes Teles

Em 1975- Adjalma Pereira, que providenciou a ampliação da área do clube comprando mais terreno.

Em 1979 Geraldo Alves Formiga registrou em Cartório de Títulos e Documentos, o título número um (1), que indicava a autenticidade do verdadeiro fundador, e tornava-se sem efeito qualquer um que surgisse de igual pretensão.

Em 1981- Antônio Primo de Brito, até 1986

Em 1987- Aglécio de Brito, reformou o pavilhão principal e gradeou a piscina.

Em 1989- Geraldo Alves Formiga

Em 1991- José Mozart Alves de Lima

Em 1923- Valberto Esmeraldo

Em novembro de 1997 foi inaugurado um pavilhão concedendo-me a homenagem em designar a referida edificação em meu nome, sendo autenticada em placa de bronze. Agradei a homenagem após discurso de alguns oradores inclusive o prefeito em exercício o Dr. Raimundo Bezerra.

Fiz um breve relato histórico do Serrano e a importância que fez surgir com a sua construção para a mocidade e para os esportes. Referi-me à homenagem atribuída e disse que Valberto Esmeraldo e a turma que fazia a diretoria eram como guerreiros destemidos que na persistência de luta pelo triunfo da qualificação do clube, desconsideravam retiradas e retaguardas.

Agradei à providência por nos conceder o privilégio de usufruir com os amigos, momentos memoráveis nas proximidades de uma magnífica e impressionante área da Serra do Araripe e, além da intensidade do brilho solar, sentirmos o sopro da brisa; visualizando as cascatas de águas cristalinas e paisagens deslumbrantes.

Antes de terminar a minha expla-

nação quero agradecer a todos os sócios fundadores, a confiança a mim dispensada naquele momento que iam partir para edificação de uma sociedade pioneira na região, e que portanto, os participantes apenas admitiam que seria possível.

Acrescento os meus agradecimentos a José Aragão Pereira, de saudosa memória, pela decisiva colaboração. Também a Antônio Sousa Rolim, pela sua competência e dedicação como mestre de obra. A João Vieira Silva pela disposição na solução dos problemas deparados ao longo da construção. Pe-

dro Gonçalves Norões, o eterno secretaário, de saudosa memória. Ariovaldo Carvalho, que nos contagiou com a sua colaboração e entusiasmo e José Justino de Oliveira, itinerante que nos acompanhou em diversos sítios, a procura do local para instalar o clube.

Passagem do tempo esvazia a memória. Por estas falhas que estamos expostos no decorrer dos dias, admito que muitas outras pessoas prestaram valiosa contribuição para o empreendimento que planejamos e executamos. Para estas que foram omitidas, firmo minhas desculpas e a minha gratidão

Emerson agora é cidadão Cratense

A solenidade de outorga do Título de Cidadão Cratense ao ex-vereador Emerson Monteiro Lacerda aconteceu na Câmara Municipal do Crato

O ex-vereador do Crato, José Emerson Monteiro Lacerda, recebeu, na última quinta-feira, 17, Título de Cidadão Cratense, duran-

te comemoração dos 149 anos de elevação do Crato à categoria de cidade e abertura do Sesquicentenário. O título foi concedido ao

advogado e escritor através do projeto de Projeto de Resolução nº 009/2001, de autoria do parlamentar José Huberto Tavares de Oliveira - professor Bebeto, e aprovado por unanimidade, no Plenário da Casa Legislativa, durante Sessão Ordinária.

Diversas autoridades, amigos e familiares do homenageado participaram da solenidade, com abertura do presidente da Câmara Municipal, Francisco Tavares de Oliveira. Fizeram parte da mesa o ex-prefeito do Crato, Ariovaldo Carvalho, os representantes do Prefeito Municipal Walter Peixoto, o professor Érico Felício Callou; da Universidade Regional do Cariri, professor Ronald Albuquerque, e do Instituto Cultural do Cariri - ICC, o escrito Willian Brito, instituição da qual o homenageado é vice-presidente; e o seu ex-colega de Banco do Brasil, Fernando Lacerda.

O reconhecimento da Câmara Municipal se deve aos importantes serviços prestados à imprensa, educação, cultura e ao povo da cidade, enquanto parla-

mentar, conforme salientou o cerimonialista Huberto Cabral.

De acordo com o vereador Bebeto, esta é uma forma de transformar em realidade o desejo de todos aqueles que conhecem Emerson Monteiro, nos diversos segmentos da sociedade cratense, além do seu bom exemplo de honestidade, princípios e lealdade.

Ele lembrou do trabalho feito pelo ex-vereador, como cronista de rádio e jornal, de sua participação em movimentos literários, do Jogral Pasárgada e de grêmios literários, na década de 60.

Emerson nasceu na cidade de Lavras da Mangabeira, no ano de 1949, e passou a morar no Crato a partir de 1954, com seus pais, Luiz Lacerda Leite e Maria de Lourdes Monteiro Leite.

O homenageado, em sua fala, fez breve histórico do Crato, lembrou momentos de quanto chegou ao município, ocasião das festividades do seu centenário. Agradeceu em seguida a homenagem

Quem foi Marcelo Mota Teixeira Comandante da Marinha

Marcelo Mota Teixeira, nasceu a 29 de novembro de 1933 na cidade de Fortaleza, mas por contingências de família foi em tenra idade morar em Crato. Foi lá, ao sopé da chapada do Araripe, nas verdejantes vertentes daquele exuberante vale do Carire que forjou a sua têmpera para os embates da vida!..

Realizou seu curso primário no grupo Municipal de Crato, com “Distinção e louvor” como se dizia naqueles tempos das honrarias aos bons alunos, permeando entre estudos e brincadeiras o ofício de coroinha na igreja de São Vicente, como era chamada pelo povo, provindo daí a sua profunda formação religiosa. Concluiu o seu curso ginásial no ginásio do Crato, salientando-se entre os primeiros alunos de turma. Em 1950 veio estudar em Fortaleza, matriculando-o no velho Liceu do Ceará, quando então resolveu abraçar a carreira das armas, prestando no ano seguinte concurso para a Escola Preparatória de Ca-

detes do Ar localizado na cidade de Barbacena – Minas Gerais, logrando a primeira colocação entre todos os candidatos do Brasil.

Durante os subsequentes três anos cursou aquele estabelecimento como primeiro de turma finalizando o curso como Porta Bandeira, distinção essa reservada ao primeiro aluno em nossas escolas militares. Quis porém o destino que fosse encontrar na marinha a sua verdadeira vocação, como se constata em sua folha de serviço: ingresso na Marinha Brasileira em junho de 1954, saindo Guarda Marinha em dezembro de 1966. Entre as principais comissões, cargos e cursos salientam-se: Escola de Mergulho e Salvamento em Norfolk- Virginia- Estados Unidos, mediato da Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará, Chefe Geral de Serviço do 3º Distrito Naval, Comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará, mediato do Navio Transporte Soares Dutra, Comandante do Contratorpedeiro Sergipe, Curso de Guerra

Naval e Curso da Escola Superior de Guerra, encarregado da Seção de Operações do Comando de Operações Navais, Chefe do Gabinete do Chefe do Estado Maior da Armada, Adido Naval em França. Reformouse como Capitão de Mar e Guerra a 06 de setembro de 1986. Na reserva não interrompeu suas atividades – portador que era de dois títulos de Nível Superior: Engenheiro Civil e

Economista, foi presidente da Companhia Docas do Ceará e no Ministério dos Transportes exerceu os seguintes cargos: diretor do Departamento de Hidrovias e diretor do Departamento de portos onde veio a falecer tragicamente a 23 de novembro de 1967. Foi portanto toda uma vida dedicada direta ou indiretamente ao mar e que Deus o guarde em paz em sua glória eterna.

Acalanto

Olival Honor

Dorme em teu berço esplêndido,
Pátria minha.
Teu sono acalentado pelos deuses
Redimirá teus filhos.
Sua fome e seu desmazelo,
Sua falta de senso e sua feiúra,
Sua inconsciente amargura,
Sua consciente incompostura,
Seu esfacelamento visceral,
Seu bumba-meu-boi e seu carnaval,
Seus sem-terra caquéticos,
Seus travestis aidéticos,
Seus inconscientes médicos,
Seus professores famélicos,
Seus juizes patéticos,
Seus políticos, raquíticos,
Suas sacanagens inatas,
Seus poetas iconoclastas,
Tudo tragado pelo vendaval
da salvação neo-liberal

Ceará Reverenciou

Centenário de Raimundo Girão

Decorreu a 5 de outubro último o centenário de um dos maiores escritores e historiadores cearenses, Raimundo Girão. Nossa homenagem a quem, tão alto, elevou o nome da Terra da luz.

*Raimundo Girão
(resumo bio-bibliográfico)*

Raimundo Girão. Filho de Luiz Carneiro de Sousa Girão e Celina Calvacante, nasceu na fazenda Palestina, do Município de Morada Nova, perto três quilometro da sede municipal, no dia 3 de outubro de 1900, uma quarta-feira.

Aos cinco anos de idade, com os pais, mudou-se para Maranguape, cidade em que permaneceu até 1913 e teve a oportunidade de fazer os primeiros estudos freqüentando a escola pública dirigida pela professora Ana de Oliveira Cabral (D. Naninha) e o colégio particular do prof. Henrique Chaves.

Em novembro de 1913 transferiu-se para Fortaleza, passando

a freqüentar o Colégio Colombo, do prof. Manuel Leiria de Andrade, e em seguida matriculou-se no Liceu do Ceará.

No ano seguinte, matriculou-se na Faculdade de Direito do Ceará, cujo curso terminou colando grau de Bacharel no dia 8 de dezembro de 1924.

Nessa mesma faculdade doutorou-se em 1936, sendo aluno laureado. Em 1932 é chamado para exercer as funções do cargo de Secretário Geral da Prefeitura de Fortaleza (Secretaria Única), para a 14 de dezembro desse ano a nomeação de Prefeito Municipal interino. Efetivou-se no cargo no dia 19 de abril

de 1933 e o exerceu até 5 de setembro de 1934, dedicando todos os seus empenhos e experiências aos interesses administrativos da capital cearense.

No ano seguinte, por ato governamental de 21 de setembro, foi nomeado, sem que pleiteasse, Ministro do Tribunal de Contas do Ceará, criado pelo Dec. N 124, do dia 20, anterior, do Governador Francisco Menezes Pimentel.

Nesse governo, foi distinguindo com várias e importantes comissões, inclusive a comissão cearense que representou o Ceará nas conferências de Assuntos Econômicos e Fazendários, a primeira reunida no Rio de Janeiro (1940) e a segunda em Salvador (Bahia, 1940).

Outra comissão de alta significação de que fez parte foi a encarregada de elaborar o projeto do Estatuto dos Funcionários do Estado (1942). Nomeado em 2 de março de 1946 Livre Docente da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará, na Cadeira de Estudos Comparados das Doutrinas Econômicas. Em 1949, como representante do Estado do Ceará e do Instituto do Ceará (para o qual entrou como Sócio Efetivo em

1941 e do qual foi Presidente de Honra e recebeu, *post mortem*, o título de Sócio Benemérito de I Congresso Histórico do Estado da Bahia, comemorativo do 4 Centenário de Fundação da Cidade de Salvador, realizado nos dias 18 a 30 de março.

Quando Prefeito Municipal (1933-34) teve a oportunidade de concorrer para a instalação do primeiro Club de Rotary do Ceará, a que por duas vezes presidiu.

De caráter rotário, tomou parte, de outras, da Comissão Distrital de Manaus (1951), demorando-se algum tempo na Amazônia para sentir melhor as belezas da Hiléia. Duas vezes mais esteve naquela maravilhosa região. Em 1952, é nomeado presidente do Conselho Penitenciário do Ceará, ao qual já serviu como Conselheiro desde 1935. Foi Mordomo de Santa Casa de Fortaleza. Com o prof. Mozart Soriano Aderaldo participou do congresso comemorativo do Tricentenário da Restauração Pernambucana, realizado no Recife em julho de 1954.

Um dos fundadores e primeiro diretor da Escola de Administração do Ceará. Nomeado em 9 de janeiro de 1960 Secretário Municipal de

Urbanismo, de cuja pasta foi o primeiro titular, pois ela criada por sugestão sua.

Nomeado, por Ato de 3 de outubro desse ano, recebeu a nomeação como primeiro titular, da Secretaria de Cultura do Ceará (1966-71).pasta criada com o desdobramento (a primeira no Brasil) da anterior Secretaria de Educação e Cultural, em consequência de trabalho seu constante e cuidadoso, adotado pelo Governo do Estado. Presidiu à Academia Cearense de Letras, no biênio 1957-58, na qual ocupava a Cadeira n 21 de que é Patrono José de Alencar. Em 1985 foi aclamado "Presidente de Honra" e, posteriormente, eleito sócio efetivo da Sociedade Cearense de Geografia e História, tendo ocupado a cadeira de n 22, patroneada pelo romancista Franklin Távora.

Viu-se distinguido com várias Medalhas de Honra, tais como a Medalha da Abolição, a mais valiosa comenda outorgada pelo Estado do Ceará; a Medalha José de Alencar, instituída para "galardoar aqueles que souberam ou puderam concorrer de modo destacado para o engrande-

cimento da Cultura do Ceará", Medalha do Mérito Cultural, da Universidade Federal do Ceará, Medalha do Mérito Administrativo, outorgada pela prefeitura Municipal; Medalha Companheiro Paul Harris, conferida pelo Rotary Internacional; Medalha (ouro), recebido no dia 21 de setembro de 1967, por ocasião da solenidade em que Rotary Club de Fortaleza homenageou os seus dois sócios fundadores sobreviventes; uma segunda medalha de ouro foi-lhe conferida, pelo mesmo motivo, em 1987; Medalha de Bronze do Governo Francês, como recompensa aos serviços prestados á cultura francesa, especialmente como presidente do Comitê des Fêtes du Bi-Milenaire de Paris (1955); Medalha Barão de Studart (ouro) e Medalha Comemorativa do 1 Centenário de Fundação (ouro), ambas conferida pelo Instituto do Ceará; Sereia de Ouro, troféu que o Grupo Verdes Mares de Comunicação, após rigorosa escolha, confere a quem (4 por ano) a ver pôde ser objeto de sua preferência; Troféu Coruja da APESC (Associação dos Professores do Ensino Superior do Ceará). Diploma de

Amigo da Cultura, instituído pela Secretaria de Cultura do Estado, afora muitos outros diplomas honrosos e eleições para sócio honorário e correspondente de vinte e oito instituições culturais brasileiras, destacando-se, dentre outros sodalícios, os prestigiosos Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sediado no Rio de Janeiro, e o Instituto Genealógico Brasileiro, em São Paulo.

Em 1987, a convite de então Ministro da Cultura Celso Furtado, integrou a Comissão Nacional Preparatória das Comemorações do Centenário da Abolição.

A sua bibliografia é alentada: "O Fenômeno Freudiano e a Criminologia" (tese de doutoramento, 1937); "A Receita Pública- Aspecto Brasileiro", 1937; "Esboço de uma Genealogia", 1937; "Diretrizes Novas do Conhecimento Financeiro", 1937; "Fiscalização dos Gastos Públicos", 1937; "O Ceará" (em colaboração com Antônio Martins Filho), 1 ed. 1939; 2 ed. 1945; 3 ed. 1966; "O Comendador Machado e sua Descendência", 1942; "Coronel Tibúrcio Cavalcanti" (biografia) 1941; "Cidade de Fortaleza - Filmagem Histó-

ca", 1945; "História Econômica do Ceará", 1947; "Bandeirismo Baiano e Povoamento do Ceará", 1949; "Três Gerações" (ensaios), 1950; "A Princesa Vestida do Baile" (ensaio), 1950; "Pequena História do Ceará", 1953; 2 ed. 1962; 3 ed. 4 ed. 1984; "Retrato de Fortaleza" (em colaboração com Ubatuta de Miranda), 1954; "a Abolição no Ceará", 1956 2 ed. 1984, Educandários de Fortaleza", 1956; "Antologia Cearense", 1957 "Geografia Estética de Fortaleza". 1959; 2 ed. 1979; 3 ed. 1997; "História da Faculdade de Direito do Ceará", 1960; "Matias Beck- Fundador de Fortaleza", 1961; "História Econômica Geral e do Brasil", 1964; "Ecologia de um Poema" (ensino), 1966; "Vocabulário Popular Cearense", 1967; "Montes, Machados, Girões" (apontamentos genealógico), 1967; "Palestina, uma Agulha e as Saudades" (memória), 1984; ed. "A Academia de, 1894" "Famílias de Fortaleza" (apontamento genealógicos), 1975; "Botânica Cearense na Obra de Alencar e Caminhos de Iracema" (ensaio). 1976; "porto do Mucuripe- Solução ótima para um problema Difícil", 1976; "O Cente-

nário de Morada Nova”(discurso), 1976; “O Senador Pompeu (1977-1977)” (biografia)” 1977; “Bichos Cearenses na Obra de Alencar”(ensaio),1977 “A Cidade de Pajeú”, 1982; “Eduardo Henrique Girão (1882-1982)” (biografia), 1982; “Uma Dignidade Militar (1882-1982)” (biografia), “Páginas Exumadas” (miscelânea), 1982; “Os Municípios Cearenses e os Distritos”, “Fortaleza e a Crônica Histórica”, 1983.2 ed.1997; 3 ed. 2000; “Evolução Histórica Cearense”, 1986; “A Marcha do Povoamento do vale do Jaguaribe (1600-1700)”, 1986; “O Ceará pré-Histórico” (conferência), 1986; “Dicionário da Literatura Cearense” (em colaboração com Maria da Conceição Sousa), 1987; “ Pequena Galeria Moradanovense”, 1988; “Descrição da Cidade de Fortaleza” de Antônio Bezerra de Menezes (introdução e notas de Raimundo Girão), 1922, publicação póstuma- dentre outros trabalhos menores.

Organizou doze obras de variados assuntos e escreveu vinte e três prefácios para livros de terceiros. Sua colaboração em periódicos jornais e revistas- chega a quase cinco cente-

nas de produções, entre amigos, crônicas e entrevistas. Em enquete promovida pela TV Cidade, de Fortaleza, no ano de 1987, foi consagrado como um dos *Vinte Maiores cearenses de todos os tempos*.

Faleceu em 24 de Julho de 1988, em Fortaleza.

Em 1991, o Prefeito Juraci Magalhães, por decreto, prestou-lhe expressiva e justa homenagem, mudando a denominação da Avenida Aquidabã para Avenida Historiador Raimundo Girão.

Casou-se a primeira vez com Maria Monteiro de Lima, filha de Manoel Gonçalves de Lima e Luiza do Carmo Monteiro, tendo falecido em 1925 sem filhos.

A segunda, em 27.11.1926, com Maris Gaspa Brasil (Marizot), filha de Prudente do Nascimento Brasil e Inês Gaspar de Oliveira, Nascida em 18.03.1910, em Fortaleza. Do casal nasceram dez filhos, que se multiplicaram em trinta e um netos e vinte e nove bisnetos.

Dona Bárbara Pereira de Alencar

Maria Anilda de Figueiredo

Nasceu essa extraordinária mulher no dia 11 de fevereiro de 1760, na Fazenda Caiçara, em Exu-PE.

Cearense por adoção espontânea e história política, heroína por fundada preconização, foi Dona Barbara a primeira mulher republicana do Brasil.

Relembremos, hoje, Dona Bárbara de Alencar, como ela foi, esposa dedicada, mãe guerreira, estrela dos cárceres, e acima de tudo, essa heroína de fronteiras: Ceará, Piauí, Paraíba, Pernambuco, Bahia, sertões e vilas por onde foi arrastada, as caladas da noite, acorrentada e açoitada, porque ela era a mais “perigosa das mulheres”.

Patriota de espírito elevado, jamais guardou rancores de quem quer que fosse, até mesmo do facínora Wenceslau da Almeida, que assassinou seu filho Tristão, para receber o prêmio que o almirante Cochrane Havia oferecido por sua cabeça.

Perdoou seu filho Martiniano, quando o mesmo se juntou com sua prima Ana Josefina, desobedecendo os votos de celibato que fizera no Seminário.

Dona Bárbara se humilhou perante dona Matilde Teles, quando foi lhe pedir pela vida dos companheiros e familiares que ela, Bárbara, tinha certeza de que os conduziria à Revolução de 1817.

Perdoou, finalmente ao grande inimigo vencido, o juiz Ordinário e Capitão de Milícias Joaquim Pinto Madeira, fuzilado, no entanto, no dia 28 de novembro de 1834, no alto do Barro Vermelho, em Crato.

Bárbara Pereira de Alencar, a nossa heroína, ao mesmo tempo, algo de santidade e de furacão temido. Pertenceu à mesma estipe de Joana Angélica de Jesus, Maria Quitéria e Anita Garibaldi, e, sem o perbeber, foi a precursora de liberdade das mulheres no Brasil.

Hoje, depois de 239 anos do seu nascimento e 166 de sua morte, esperamos que o idealismo dessa guerreira na nossa História, através dos mestres nas salas de aula e dos historiadores autênticos, para que nunca se apague esse farol orientador das gerações futuras, cuja força de sua convicção foi um exemplo de amor à nossa Pátria.

Meu Ceará

Padre Antônio Vieira

O Ceará é um Estado murado, aprisionado, encurralado. Está cercado de montanhas por todos os lados, menos por onde se banha no mar. Parece até que a Natureza quis jugular o Cearense à terra, como Prometeu amarrado à dura penedia das suas amuradas, como abutre a mastigar-lhe com esse sol quente e carrasco. Até o Destino quis aprisioná-lo à terra para cortar-lhe a vocação andeja e migratória. Predestinação ou fatalidade! Não o sei eu!...

Sei apenas o que vejo. E vejo que o Ceará está preso entre o Mar e as Serras. Quem sabe se tudo isto, que hoje é terra, não foi nos idos e luzimentos vividos mar profundo e denso? Nesse brasão geográfico que é o Ceará, Deus, por cento, mandou pintar ou esculpir com os raios de Sol os feitos mais nobres, as glórias mais puras, e a coragem mais valente da sua terra e da sua gente.

Basta sentir com a acuidade do coração. Temos aqui o que há de melhor em caráter, em tenacidade,

em bravura moral, em solícita generosidade. Temos também as cores da Bandeira Nacional distribuídas na policromia do mapa e da economia cearense. Temos as cores nacionais desenhadas no colorido da Terra, das metas, da fauna, da sua gente.

Temos o branco das areias movediças da praia, que de longe, apreçam brancos lençóis distendidos no tendal para secar. Temos o branco dos algodoais do sertão, cujos capulhos nevados se assemelham a cãs prateadas. Temos o verde do mar e o verde das serras que se renovam constantemente nas suas fontes de Hipocrene. Temos o verde dos canaviais, dos cafezais de Baturité, dos Camaubais do Jaguaribe, das montanhas alterosas da Ibiapaba.

Azul, sempre azul, temos o céu. Céu límpido, sem nuvens, sem neve, sem o doseal de árvores frondosas, sem o guarda-sol das nuvens, céu sempre azul, seja visto na concha opalina do firmamento, seja visto no

espelho das águas dos seus açudes. Temos o ouro dos arrozais, que lourejam ao sol, nas várzeas e baixios, que margeiam os rios, em caminhada para o mar.

O nome da Terra parece uma interrogação dolorosa. Chega o viandante de longes terras. Tudo com aspecto funéreo. Há cheiro de morte nas árvores desnudas e esqueléticas, nas cacimbas secas, nas ossadas à margem dos caminhos. Vê a casa Grande de largo alpendre, de amplo terreiro, de curral onde o gado leiteiro ruma o capim mastigado, de almas abertas e afetivas, de lábios perfumados de sorriso.

Viandante cansado e faminto

vem de longes terras, trazendo fome no estômago e angústia no coração. Quer repousar. Mas teme não encontrar pouco e comida. Temeroso e acanhado, pergunta: Nesta casa tem arrancho? – Tem, sim Senhor! – Nesta casa, a gente almoça? – Almoça, senhor! – E janta, também? – janta, sem Senhor! E ceará?

A pergunta fica soando no ar como dolorosa interrogação: - Ceará? Quem vai responder é o inverno é a fartura dos campos. É o cascatear das águas mas quebradas da serra. É o lourejar das messes nos roçados.

CEARÁ! ... interrogação! CEARÁ!... sofrimento! CEARÁ!... só Deus responderá!!!

Alerta

Olival Honor

Dorme não, rapaz!
O andor vai passar
exatamente aí.

Se ficas sem perceber
o que se passa ao teu lado,
depois vais te arrepender
de não ter participado.

Fundação da Faculdade de Direito do Crato

(ESBOÇO HISTÓRICO)

Raimundo de Oliveira Borges

Pres. Conselho Superior do ICC

A Igreja tem sido, em terras do Cariri, desde os seus primórdios, a fonte inesgotável onde as gerações vêm saciando a sede de saber e construindo o patrimônio cultural que a coloca hoje, nesse setor, entre as mais desenvolvidas regiões do País.

E a cidade do Crato, graças à sua privilegiada situação geográfica, nascida à sobra da altaneira Chapada do Araripe e banhada por abundantes fontes de água cristalina, atrai para o seu seio as gentes valorosas de outras terras, e, por isso, se constituiu, através de gloriosa caminhada, o conspícuo núcleo de civilização dos nossos dias.

Frei Carlos Maria de Ferrara foi o mensageiro da Fé que veio da Itália catequizar na Missão do Miranda, no local hoje de sua suntuosa Praça da Sé, os nossos primitivos habitantes, fundando, em meados de 1700, a cidade que conquistaria depois, por

merecimento, o título de Princesa do Cariri, nome dado pelo Bispo Dom Manuel Antônio de Oliveira Lopes por ocasião de Visita Pastoral a esta cidade, conforme o Termo das Missões por ele aqui levadas a efeito.

“Aldeamento evoluiu para cidade, de Missão evoluiu para Paróquia, de Capela evoluiu para Matriz, Ocara virou Praça da Sé” (Padre Antônio Gomes – A Cidade de Frei Carlos, página 135).

“Não há crônica razoável no Cariri, senão depois da assistência do Missionário Frei Carlos Maria de Ferrara.” (Algumas Origens do Ceará, página VI, Fortaleza, 1918 – Antilóquio).

O primeiro passo, portanto, no setor da educação, em terras sulcearenses, foi dado pela Igreja.

Depois, o 1º Bispo de Ceará, Dom Luiz Antônio dos Santos, partiu de Fortaleza, a cavalo, arrostando as

maiores dificuldades de longa e penosa viagem, atravessando inóspitas regiões, para vir edificar aqui, em 1875, o Seminário São José, que seria o marco por onde se iniciaria, como se iniciou, a luminosa caminhada cultural que asseguraria ao Crato os foros e a privilegiada situação de cidade universitária dos nossos dias.

Na verdade, o Seminário foi a semente fecunda que germinou, cresceu frutos opimos como o Ginásio do Crato, o Colégio Santa Teresa de Jesus, o Colégio Madre Ana Couto, a Escolinha do Pequeno Príncipe, a Faculdade de Filosofia, a Faculdade de Ciências Econômicas, a Faculdade de Direito, a Escola Técnica de Comércio e a rede de outros educandários que hoje enfeitam e iluminam a paisagem urbanística da cidade histórica, com reflexos em outras regiões não apenas do Ceará como de outros Estados limítrofes.

Foi, efetivamente, nessa linha de ação que eclodiu também aqui, sob a inspiração da Igreja, o movimento em prol da fundação da Faculdade de Direito.

Constitui este, evidentemente, um fato que não deve passar sem o devido e necessário registro para resguar-

do e ressalvo da verdade histórica *AD PERPETUAM REI MEMORIAM*.

Coparticipe dessa nobilitante campanha, cumpria-me, atendendo sobretudo a um desejo dos corpos docente e discente da Escola, prestar a respeito, tanto quanto possível, o meu fiel depoimento, preparando um memorial ou uma história sucinta do educandário.

Prontifiquei-me. O projeto, porém, não se concretizou, por motivo que adiante mencionarei.

Aqui tenciono apenas a traçar pá-lido esboço que serviria de prólogo.

Antes que a Prefeitura tomasse qualquer iniciativa tendente à criação desse curso de ensino superior, importante não somente para o Cariri como, igualmente, para sua circunvizinhança, ou, por outro lado, também o próprio Estado viesse ao encontro do desejo do povo cratense, já a Diocese, tendo à frente o preclaro Bispo Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, alimentava esse propósito com a prática ou adoção de medidas concretas a respeito, com a autoridade de presidente que era do Instituto de Ensino Superior do Cariri.

Com efeito, desde 1961 dava o saudoso antístite uma palpitante entrevista ao jornal *O POVO*, de Fortaleza, informando com abundância de de-

talhes as providências oficiais tomadas sobre o assunto, seja a criação, de fato e de direito, da dita Faculdade.

Essa interessante entrevista foi publicada naquele jornal no dia 13 de maio do referido ano, e estampara a fotografia não só do entrevistado como também do jornalista José Raimundo da Costa e do médico Dr. Quixadá Felício, que acompanhara ao Palácio Episcopal o repórter, nesse memorável encontro.

A uma pergunta objetiva do jornalista, respondeu Dom Vicente :

“ No dia 13 de maio deste vamos festejar o primeiro aniversário de funcionamento da Faculdade de Filosofia do Crato.

Contaremos com as presenças ilustres de representantes do magistério superior, do Ministério da Educação e de outras autoridades do maior destaque no mundo ou cenário público do Ceará e do Brasil.

Como figura central, estará conosco naquele dia auspicioso o eminente Professor Antônio Martins Filho, Magnífico Reitor e benemérito desta terra, pelo muito que nos há prodigalizado, graças à visão que tem das necessidades culturais do Cariri. Pois bem, a nota alta da solenidade

será a fundação de uma Faculdade de Direito, a ser, também, agregada à Universidade Federal do Ceará.

Para isto tenho já em mãos muito bem confeccionado seu Regimento Interno, tarefa de que encarreguei o talentoso advogado, intelectual e educador Dr. Luiz de Borba Maranhão.”

O Senhor Bispo, na verdade, não ficou só na conversa.

Assessorado por companheiros do Instituto, dos quais fiz parte, deuse pressa em preparar um processo, com bem elaborada Exposição de Motivos, enviado de logo ao Ministério da Educação para o competente reconhecimento da Escola.

Acontece que o tempo corria célere, como sempre, sem uma notícia sequer sobre o destino da súplica tão esperançosa e ansiosamente esperada.

Com o pedido de informação, a resposta lacônica foi que o processo se havia extraviado.

Claro que com essa evasiva o entusiasmo arrefeceu.

A Prefeitura Municipal, porém, ciente do impasse, tomou a si o encargo de formular, por sua vez, novo pedido endereçado àquele Ministério, o qual, com mais solicitude, designou uma Comissão de Professores do Rio, do Es-

pírito Santo e do Rio Grande do Norte para aqui colher, no tocante, os dados *indispensáveis* a uma melhor orientação ministerial.

Demorando-se nesta cidade alguns dias a braços com exaustiva pesquisa *intra e extramuros* atinente ao assunto, voltou dita Comissão apresentando um laudo ou parecer lamentavelmente desfavorável, com a indicação – ainda bem – do que seria necessário ainda colher para uma decisão definitiva.

A esse tempo, a faculdade já funcionava - criada pela Prefeitura como Autarquia e com a nomeação do Dr. Luiz de Borba Maranhão como seu Diretor, faltando, porém, como se vê, o pronunciamento favorável do Ministério para que a sonhada entidade adquirisse validade jurídica em todo o país.

O Diretor, como medida preliminar, designou uma Comissão de Professores para realização do primeiro exame vestibular composta dos doutores Antônio Nírson Monteiro, Antônio Rubens Soares Chagas e Raimundo de Oliveira Borges.

Mesmo para funcionar como autarquia, necessário seria um ato antecipado, ou como medida preli-

minar de aprovação, o pronunciamento favorável do Conselho Estadual de Educação.

Requerida essa formalidade, o Conselho a emitiu favoravelmente, por unanimidade dos seus pares. O Relator do processo foi o Conselheiro Dr. Cláudio Martins em trabalho notável sob todos os pontos de vista, de apurado estilo, de conhecimento pleno da matéria em pauta, bem como da região do Cariri, como um dos seus ilustres filhos.

A instalação da Faculdade realizou-se no dia 21 de junho de 1973, “data excelsa”, comemorativa da autonomia política do Município, como diz a ata então lavrada, e teve lugar no auditório do SESI, com numerosa assistência de autoridades, presença da Egrégia Congregação e de pessoas gradas.

O autor da ata foi o professor Antônio Rubens Soares Chagas que registrou para a posteridade a alta significação do momentoso acontecimento.

Como orador escolhido para a solenidade, ressaltei que dentre os passos certos dados pelo Crato, na sua trajetória cultural, aquele representava na verdade um marco decisivo para o aprimoramento do seu patrimônio espiritual.

O professor Luiz de Borba, depois de algum tempo à frente da nova Escola, desentendeu-se certo dia com a Congregação e renunciou ao cargo. Assumiu o seu lugar, como Vice-Presidente, o professor Emídio Lemos.

Como de praxe, a Congregação reuniu-se e elegeu a lista tríplice para Diretor e a enviou ao Senhor Prefeito Municipal. Colocado em primeiro lugar, fui nomeado pelo Capitão Ariovaldo Carvalho mediante o seguinte ato :

“PORTARIA No. 128, de 8-9-1977.

O Prefeito Municipal do Crato, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei : Considerando o que dispõe o Regimento da Faculdade de Direito do Crato no seu art.27, parágrafos 1º. e 2º., autorizada a funcionar pelo Exmo. Sr. Presidente da República, conforme Decreto No. 73.570/73 ; Considerando o que consta do Ofício No.19/77, daquela Escola, que encaminha lista tríplice para a escolha do seu Diretor, elaborada pela Egrégia Congregação;

RESOLVE :

Nomear o Professor Dr. RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES Diretor da Faculdade referida, AUTARQUIA Municipal, para um pe-

ríodo de 4 (quatro) anos.

(REGISTRE-SE, COMUNIQUE-SE, CUMPRA-SE.

ARIOVALDO CARVALHO - PREFEITO MUNICIPAL. “

Como se vê, mesmo antes do reconhecimento pelo Ministério, a faculdade já estava funcionando por Decreto expedido pelo Presidente da República e por Resolução unânime do Conselho de Educação do Ceará.

Em seguida, a FUNEDUCE (Fundação Educacional do Ceará), dirigida pelo Professor Antônio Martins Filho, encampou a Faculdade, crente de que, sob seus auspícios, o reconhecimento tornar-se-ia mais fácil.

O processo continuava enclachado nos meandros burocráticos do Ministério e o prazo para o envio de novos elementos probatórios estava a expirar.

Apreensivo, o Professor Martins Filho chamou-me com urgência por telegrama a Fortaleza para , juntos, pedirmos o apoio do Governador do Estado, que era, na época, o Dr. Waldemar de Alcântara. Fomos imediatamente a Palácio. Pleiteávamos uma prorrogação do prazo para preencher os claros ou atender algumas mais exigências do Ministério.

O Governador atendeu pronta-

mente e logo na nossa presença telefonou ao Ministro, que, por sorte, encontrava-se no seu gabinete e de pronto atendeu concedendo a prorrogação SINE DIAE.

Regressei ao Crato, eufórico, e junto à Congregação tomamos as providências urgentes relativas ao assunto.

Daí até o reconhecimento a luta foi tremenda.

Afinal, chegou a notícia alvissareira.

O esperado reconhecimento veio pela PORTARIA do Ministério, deste teor:

“PORTARIA No.707, de 21 de dezembro de 1981.

Reconhece o curso da Faculdade de Direito do Crato.

O Ministro de Estado da Educação e Cultura, usando da competência que lhe foi delegada pelo Decreto No.83.857, de 15 de agosto de 1979, e tendo em vista o Parecer do Conselho Federal de Educação No. 818/81 e 746833/81, do Ministério da Educação e Cultura,

RESOLVE:

Art. 1º. – É concedido o reconhecimento ao Curso de Direito ministrado pela Faculdade de Direito do Crato, Estado do Ceará, mantida pela Fundação Universidade Estadual do Ceará.

Art. 2º. – Esta portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.”

O Crato em peso recebeu com festa o tão esperado reconhecimento.

A Imprensa assim noticiou o evento:

“PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS - COMÍCIO.

Depois de desfilar pelas principais ruas do Crato, estudantes e professores, empolgados e numa vibração incontida, concentraram-se na Praça Siqueira Campos, onde falaram vários oradores, entre os quais destacamos a palavra do Diretor, Dr. Borges, dos Professores Dr. Plácido Cidade Nuvens, Dr. Emídio Lemos e Dr. Aloísio Lopes, bem como dos estudantes Aguinaldo Carlos Ferreira Lima e Pedro Bandeira Caldas.” (Jornal “AÇÃO E LUTA”, 03-12-1981).

O Reitor Martins Filho, a quem o Crato deve favores irragatáveis, enviou-me o seguinte cartão:

“Meu Caro Borges:

Aí vai o ato de reconhecimento da nossa Faculdade. Parabéns e um abraço do amigo Martins Filho. Fortaleza, 5-1-1982.”

Continuei como Diretor, nomea-

do desta vez pelo Reitor Danúcio Dalton da Mota Corrêa através da seguinte Portaria :

“PORTARIA No. 31/79

O Presidente da FUNEDUCE (FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO ESTADO DO CEARÁ), no uso de suas atribuições,

RESOLVE :

Designar o bacharel RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES para, a partir de 1º. de abril de 1979, exercer as funções de Diretor “pro tempore” da Faculdade de Direito do Crato.

REGISTRE-SE. CUMPRE-SE. COMUNIQUE-SE.

Fortaleza, 29 de março de 1979.

Danúcio Dalton da Mota Corrêa, Reitor da Universidade Estadual do Ceará, no exercício da Presidência da FUNEDUCE.”

Continuei ainda por muito tempo na direção da Faculdade, ou até quando, nomeado Reitor o professor Cláudio Regis Quixadá, escolheu ele para substituir-me o Dr. Maurílio Peixoto.

Recebi, então, do Professor JOÃO TEÓFILO PIERRE — Pró-Reitor de Graduação da UECE — a seguinte gratificante mensagem:

“Of. No. 280/94 – PRO-CAD.

Prezado Dr. Borges :

Agradeço-lhe o tempo e os ta-

mentos que consagrou à Faculdade de Direito do Crato; é dever de amizade e justiça, além de fria imposição administrativa. Na verdade, as palavras podem soar vazias em horas assim, de agradecimento em despedida. O mais das vezes, a impressão que se tem liga-se à formal obrigação prescrita para momentos de substituição no corpo diretor de qualquer instituição.

Tal não acontece agora, creia-me. Os que o conhecemos, sabemos de sua competência e dos valiosos serviços que V.Sa. prestou às instituições de ensino superior no Cariri, pelo que se fez credor do nosso reconhecimento e, no caso específico da Faculdade de Direito, muito lhe deve a UECE. Receba, pois, os agradecimentos de quem o admira e estima.

JOÃO TEÓFILO PIERRE - PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Fortaleza, 30 de julho de 1984.”

Nos meus encontros mensais com o Professor João Pierre, na UECE, em Fortaleza, em entendimentos concernentes às minhas funções como Diretor da Faculdade de Direito, posso dar o meu testemunho sincero do seu valor como Pró-Reitor, de quem recebia a devida ori-

entação no meu desempenho à frente da dita Escola.

Sem favor, mas como preito de justiça, uma figura eminente, cuja mocidade em parte decorreu aqui em Crato, que a ele deve os mais inestimáveis benefícios, quer no campo da educação, quer como elemento de prol que foi na administração municipal, se não me engano na gestão do Prefeito Pedro Felício Cavalcanti, de saudosa memória.

Algum tempo depois, quando eu ainda lecionava na Escola (Direito Civil – Família), fui convidado por alguns colegas professores e pelo presidente da Diretório Acadêmico para escrever a história da fundação da Faculdade. Prontifiquei-me e agradei a gentileza e a confiança da escolha, dando de logo mãos à obra na pesquisa de dados.

Prometeram-me apoio, que consistiria apenas no custeio do trabalho gráfico da obra. O apoio não veio. E tudo ficou somente em projeto.

0000ooo0000

Eu não concebo nenhuma instituição de ensino, sobretudo de grau superior, sem ANAIS, ou órgãos de publicidade por onde se veja o que realiza em bem da comunidade, ou para que foi criada.

A Faculdade de Filosofia do Crato, quando isolada e sob a direção do Professor José Newton Alves de Sousa, publicava, todos os anos, os seus ANAIS e ainda mantinha duas revistas - HYHYTÉ e CADERNOS DE POESIA.

A Faculdade de Direito do Ceará tem a sua história escrita pelo escritor RAIMUNDO GIRÃO, que nela se bacharelou e depois se doutorou. (Edição da Imprensa Universitária do Ceará – 1960).

Trata-se de uma obra notável, na qual, inclusive, traça o autor o perfil dos mestres que a criaram e a estruturaram, como Tomaz Pompeu, Antônio Augusto de Vascozenos, Jorge de Sousa, Matos Peixoto, Otávio Lobo, Beni Carvalho, Andrade Furtado, Menezes Pimentel, Raimundo Gomes de Matos, Soriano de Albuquerque e outros.

Soriano de Albuquerque foi o mestre que teve no terreno da cultura marcante atuação no Crato. Aqui foi juiz, abriu colégios, foi professor e animador da Arte Cênica.

Entendo que aos estabelecimentos de ensino compete maior contacto com o povo, como entidades que são responsáveis pela sua formação ética e sócio-cultural.

O Título de Heroína

Concedido a Dona Bárbara de Alencar

Armando Lopes Rafael

“No Brasil até o passado é imprevisível”

Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central do Brasil.

Quem primeiro teria outorgado o título de “heroína” a Dona Bárbara de Alencar? Em 1962 a Faculdade de Filosofia do Crato lançou uma coleção intitulada “Cadernos de Cultura”, transcrevendo separata da revista *Itaytera*, alusivo a um trabalho do padre Antônio Gomes de Araújo, onde foi transcrita a carta-testamento do padre Manuel de Arruda Câmara, escrita em Itamaracá (PE) aos 02 de outubro de 1810, onde - entre outras coisas - recomendava o título de heroína a Dona Bárbara. O historiador J. de Figueiredo Filho¹, reproduziu esta carta-testamento, que foi endereçada por Arruda Câmara a um amigo e companheiro de ideais

revolucionários - o padre João Ribeiro - quase sete anos antes dos acontecimentos que passaram à história como a Revolução Pernambucana de 1817. Antes de falar sobre essa carta-testamento é interessante abordar, embora resumidamente, a pessoa do padre Arruda Câmara.

UM PADRE REVOLUCIONÁRIO

As idéias liberais e revolucionárias, surgidas na Europa, chegaram ao Nordeste brasileiro no final do séc. XVIII. Um grande difusor dessas idéias foi Manuel de Arruda Câmara, frade carmelita, nascido na cidade de Pombal na Paraíba, que tam-

bém era médico, formado em Montpellier, na França. Arruda Câmara era possuidor de vasta cultura que incluía conhecimentos sobre Botânica. Nesse mister chegou a percorrer grandes distâncias no Nordeste, pesquisando nossa flora e deixando importante obra sobre o assunto. A ele é atribuído o pioneirismo do método de ensino naturalista, entre nós.

O padre Arruda Câmara fundou em Pernambuco, em 1796, quando de seu regresso da última viagem à Europa, uma sociedade secreta, de inspiração maçônica, denominada "O Areópago de Itambé", na cidade de igual nome, localizada na fronteira entre Pernambuco e Paraíba. Esta sociedade secreta foi fechada em 1802, acusada de difundir idéias nocivas ao regime monárquico, então vigente no Brasil, à época colônia portuguesa. Mas já em 1812 os historiadores registram três novas academias secretas, que difundiam idéias revolucionárias, sendo a mais conhecida a Academia do Paraíso, presidida pelo padre João Ribeiro, que contava entre seus membros muitos alunos do Seminário de Olinda.

Vale ressaltar que muitos padres do Nordeste, àquela época, eram

maçons. Podemos citar entre eles os carmelitas, Miguel Joaquim de Almeida Castro (frei Miguelinho) e José Inácio de Abreu do Amor Divino Caneca (frei Caneca). Também eram maçons o padre João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro (a quem foi endereçada a carta-testamento do padre Arruda Câmara), e o vigário de Recife Antônio Jácomo Bezerra. Filiados à Maçonaria também foram: o subdiácono José Martiniano de Alencar (filho de Dona Bárbara de Alencar) e os padres Antônio Pereira de Albuquerque e Pedro de Sousa Tenório. Esses religiosos eram encarregados da difusão das idéias revolucionárias junto à população, principalmente entre os jovens.

Apesar do fechamento da Loja "O Areópago de Itambé", entre 1814 e 1816, foram criadas novas lojas maçônicas: Patriotismo, Restauração, Pernambuco do Oriente e Pernambuco do Ocidente. As duas últimas foram fundadas por Antônio Gonçalves da Cruz, conhecido como *o Cabugá*, e Domingos José Martins. Ambos se tornariam elementos destacados da conspiração que começou a ser tramada, a partir de 1816, nessas sociedades e nos meios mili-

tares, e que veio a ser a Revolução Pernambucana de 1817.

O subdiácono José Martiniano de Alencar, encarregado de pregar a Revolução de 1817 em terras do Cariri cearense, era filiado à Academia Paraíso (cfe. Revista do Instituto do Ceará, Tomo 12, pág. 35) e membro da Maçonaria na “Loja Regeneração”, fundada pelo padre João Ribeiro, cfe. Pereira Costa.²

O TÍTULO DE HEROINA

J. de Figueiredo Filho³ escreveu: “Quando o Dr. Manuel de Arruda Câmara determinou ao Padre João Ribeiro, seu íntimo amigo e segunda pessoa política, e a outros dos mais destacados portadores da sua ideologia, revolucionária, a atribuição formal do título de heroína a Dona Bárbara, vencedora que fosse a revolução – já então, considerava a excepcional senhora revestida dos atributos que o título supõe, o que implicava num conhecimento prévio e exato, direto ou indireto, da pessoa da privilegiada. No mesmo documento, Arruda Câmara recomenda zelo quanto ao “adiantamento do filho de Dona Bárbara, o jovem José Martiniano de Alencar, que,

então, estudante no Seminário de Olinda, já devia ter revelado temperamento político com pendor de líder, e uma estrutura espiritual aberta às solicitações das idéias subversivas em marcha. De caráter político, estas recomendações, a propósito da mãe e do filho, encontram-se na carta-testamento, expressão da última vontade, deixada por Arruda Câmara ao referido Padre João Ribeiro e a este dirigida, firmada em Itamaracá, no dia dois de outubro de 1810, acontecendo que o autor veio a falecer ainda neste ano. No seu “Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres”, Recife, Tipografia Universal, 1817 (fls. 640-644), isto é: já antes de outubro de 1810, frisamos nós. E Arruda Câmara ligava os dois aludidos Alencares ao plano revolucionário, na mesma data! Dona Bárbara, integrada e provada na conspiração subterrânea. Em “Anais Pernambucanos”, obra posterior, volume VII, pág. 100-101, publicação do Arquivo Estadual de Pernambuco, Pereira Costa volta à dita carta de Arruda Câmara e transcreve os textos de caráter político. Dirigindo-se a seus herdeiros ideológicos Arruda Câmara o faz nestes termos ao referir-se a Dona Bárbara: “Dona Bárbara Cra-

to, devem olhá-la como heroína". Pereira Costa comenta: "Quase toda aquela gente mencionada, nos trechos transcritos, tomou parte na Revolução de 1817, esta D. Bárbara Crato, de quem fala o sábio naturalista é DONA BÁRBARA PEREIRA DE ALENCAR, mãe de José Martiniano de Alencar..." (até aqui citação do historiador J. de Figueiredo Filho).

RAZÃO DO TÍTULO

Resta a incógnita: que motivos levaram o padre Manuel Arruda Câmara a preconizar Dona Bárbara de Alencar de *heroína*, em 1810, quase sete anos antes da ação do seu filho no Crato, em 1817?

J. de Figueiredo Filho arriscou-se a defender que "Dona Bárbara tivera ligações com principais dos "carbonários" de Recife ainda antes de 1810, a partir das que fatalmente se estabelecem entre pais e educadores, relações que se ampliaram ao campo político, como se vê das recomendações do "adiantamento" de José Martiniano de Alencar e do título de heroína conferido à mãe deste último, em outubro de 1810".

Infelizmente, Dona Bárbara não deixou nenhum documento escrito da

sua adesão às idéias revolucionárias de 1817. Sua ação, no episódio, limitou-se a abrir as portas de sua casa para as conversas e planejamento das ações revolucionárias, a frente das quais se encontrava o seu filho, o subdiácono José Martiniano de Alencar. Quando o Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro derrotou no Crato os republicanos de 1817, e reconduziu ao posto o Juiz Manoel Joaquim Telles, afastado do cargo dias antes pelos Alencares, este não encontrou nenhuma prova da participação de Dona Bárbara no episódio. Sua prisão, seguida dos maltratos e humilhações a que foi submetida, fazia parte da mentalidade da época, quando a "justiça" estendia a toda a família, eventual castigo que um membro de clã tivesse recebido, por atentar contra o Poder Real.

Poder-se-ia, ainda, argumentar que a participação de Dona Bárbara, nesse episódio, se restringiu ao amor maternal da respeitável matrona, em apoiar os filhos na aventura revolucionária. Entretanto não podemos julgar o comportamento de Dona Bárbara, que viveu entre os séculos XVIII e XIX, pelos padrões atuais. Naquele tempo as pessoas

do sexo feminino tinham ações circunscritas ao ambiente do lar, diferente de hoje quando as mulheres conquistaram espaço para influir no destino da sociedade. A simples prisão da matriarca dos Alencares, por motivos políticos, já configura uma quebra de paradigma, para os padrões da época.

Aliás, por sua participação política, Dona Bárbara foi vítima até de acusações contra sua honra (e ao que tudo indica, infundadas) que continuaram a ser difundidas pelos anos afora. Sabe-se que dona Bárbara de Alencar era uma mulher, por vezes, sangüínea e nervosa, mas dotada de religiosidade além de correta nas suas atitudes. Um descendente dela, José Carvalho, acerca dessas acusações, escreveu: "Dona Bárbara foi sempre uma mulher de costumes rigorosamente austeros; foi essa a notícia conservada no seio da família, através de três gerações de que faço parte". Acrescentou ainda José Carvalho: "Minha bisavó D. Luísa, que sempre conviveu com D. Bárbara, foi toda a vida, no seio da família, uma calorosa defensora das virtudes de sua sogra. Tão escrupulosa era ela em motivos de

honra e de moralidade que não admitia um só escravo amasiado..."

Mas voltemos ao título de heroína. Também é crível defender a opinião de que o padre Manuel Arruda Câmara procurava um símbolo feminino, para popularizar as idéias republicanas, tentando sensibilizar as camadas da sociedade de então, que eram refratárias à causa revolucionária. Melhor apelo dificilmente ele encontraria noutra mulher que não fosse a respeitável Matriarca dos Alencares, tanto pela importância da família, como pelo patrimônio econômico do clã. José Denizard Macedo,⁴ definiu bem a mentalidade da sociedade brasileira do sec. XIX, pois esta "tinha aversão às manobras revolucionárias que violentavam suas tradições éticas e políticas", além do que "... (era) imensa a repulsa das populações para com os rebeldes de 1817 e da Confederação do Equador, em 1824, o que se documenta pelo testemunho de inúmeros cronistas e historiadores, muitos dos quais insuspeitos, dadas as suas simpatias políticas, como é o caso de Théberge e João Brígido".

Recorde-se que os malogrados republicanos do Crato, quando iam

sendo conduzidos para a prisão, em Fortaleza, ao passarem por Icó foram apupados pela população. J. de Figueiredo Filho escreveu que “À noite acrescentava ainda que os presos, no percurso, até a Capital, viajavam em horas que pudessem alcançar as vilas e povoados durante o dia. A conclusão natural disso era para terem eles a mesma “recepção” que tiveram em Icó, localidade denominada por comerciantes lusos”.

O certo é que o padre Arruda Câmara, que deu o melhor de si para a causa revolucionária, vislumbrou, com bastante antecedência, na figura de Dona Bárbara um ícone para a sonhada república. A lógica diz, entretanto, que ele já conhecia bem Dona Bárbara de Alencar antes de 1810. Teria ele visitado o Crato,

quando percorria o Nordeste, pesquisando nossa flora, e aqui conviviado mais de perto com a mãe do seu pupilo José Martiniano de Alencar? Ou baseava sua escolha em meras informações acerca da matriarca cariense? Sabe-se que Dona Bárbara cultivava conhecimentos sobre as plantas e, dificilmente, no então acanhado meio em que vivia, teria adquirido informações sobre Botânica, se não lhe fossem transmitidas por conhecedores do assunto, oriundos de centros mais adiantados.

Tudo são conjecturas. De concreto, apenas a certeza de que sete anos antes da Revolução Pernambucana de 1817, Dona Bárbara Pereira de Alencar já havia sido escolhida para ser a heroína deste movimento.

Armando Lopes Rafael é historiador.

¹ FIGUEIREDO FILHO, J. “História do Cariri”, Volume I, coleção Estudos e Pesquisas, Faculdade de Filosofia do Crato, 1964, tipografia A Ação, Crato-CE, páginas 84/87.

² PEREIRA DA COSTA, “Anais Pernambucanos”, Arquivo Público Estadual, Recife (PE), 1958, páginas 93/94.

³ FIGUEIREDO FILHO, J. obra citada.

⁴ MACEDO, José Denizard in Notas Preliminares da 2ª edição do livro “Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, Secretaria de Cultura do Ceará, Fortaleza (CE), 1978, página 26.

Rachel de Queiroz: 90 ANOS

K.Lifa

Chegou aos 90 anos, neste novembro/2000, a nossa querida escritora, a imortal Rachel de Queiroz, honra e glória do Ceará.

A escritora e jornalista foi a primeira mulher a ingressar no fechadíssimo clube da Academia Brasileira de Letras – ABL (1977).

Nascida em Fortaleza (1900), quando muitos afirmam que sua cidade natal é Quixadá, esta cearense legítima e de muita fibra iniciou-se na imprensa pelos idos de 1926 (produzindo muitas crônicas e poemas). Já em 1927 lança seu primeiro romance, sob a forma de folhetim, intitulado HISTÓRIA DE UM NOME. E daí não pararia mais. “Preocupada com questões sociais e hábil na análise psicológica de suas personagens, tem papel de destaque no desenvolvimento do romance nordestino.” No turbulento ano de

1930 (época da Revolução de trinta levou, pela primeira vez, Getúlio Vargas ao poder), lança o romance O QUINZE, tornando-se um nome nacionalmente aplaudido. Era então ativista de ruidosos movimentos políticos; e vinculada ao PCB (Partido Comunista Brasileiro). Escritora já consagrada, em 1939 fixa residência no Rio de Janeiro (então capital federal). Durante cerca de três décadas, escreveu crônicas para O Cruzeiro, importantíssima revista de grande circulação - nacional e internacional -, órgão pertencente à cadeia dos Diários e Rádios Associados, grupo comandado por Assis Chateaubriand. (No início dessa época já teria, certamente, se afastado ou se desvinculado dos movimentos esquerdistas, pois o robusto cartel dos Associados era trincheira direitista, que influenciava profundamente os Três

Poderes. Ou seja, era o que hoje é, só que com mais evidente poder do "fogo", a Rede Globo).

O certo, porém, é que a ilustre conterrânea sempre soube haver-se com inteligência e conscientemente acima dos extremos de quaisquer lados, mesmo quando, mais tarde, apoiaria os movimentos da ditadura militar que, a partir de 1964, e por mais de duas décadas, comandou os destinos do nosso País.

Rachel de Queiroz publicou muitos livros, peças de teatro, enredos de filmes e de novelas da TV, milhares de artigos, crônicas, ensaios, etc. na imprensa falada e escrita.

Rachel é, também, exímia tradutora. Trouxe ao vernáculo, entre outros, Tolstói e Dostoievski. E muitos são os prêmios literários com que tem sido agraciada, entre os quais se destacam:

-Felipe d'Oliveira, com o romance (de 1939) AS TRÊS MARIAS ;

-Saci, outorga do jornal do Estado de S. Paulo com o drama LAMPIÃO (1953) ;

-Prêmio do Instituto Nacional do Livro, com a peça A BEATA MARIA DO EGITO (1958) ;

- Prêmio Luís de Camões, este pelo conjunto de sua obra (1993) ;

- Juca Pato, pelo MEMORIAL DE MARIA MOURA (também 1993)

Na extensa bibliografia de RC, destacam-se, ainda :

- JOÃO MIGUEL (romance, 1932);
- CAMINHOS DE PEDRA (romance, 1937));

- A DONZELA E A MOURA TORTA (crônicas, 1948) ;

- TRÊS ROMANCES (1948, reunião dos seus três primeiros livros);

- O GALO DE OURO (romance, em folhetim, 1950) ;

- CEM CRÔNICAS ESCOLHIDAS (1958) ;

- O BRASILEIRO PERPLEXO - HISTÓRIAS E CRÔNICAS (1963) ;

- DORA, DORALINA (1975) ;

- AS MENINAS E OUTRAS CRÔNICAS (1976) ;

- CENAS BRASILEIRAS (1995).

Trata-se de um grande repositório de sua arte e da evolução do seu pensamento, pois aqui se reuniram as crônicas publicadas na imprensa nos últimos 50 anos - edição O ESTADO DE SÃO PAULO.

No Crato a nossa escritora sempre recebeu homenagens. É aqui funciona, há anos, o *Teatro Rachel de Queiroz*, prestigiosa escola e movimen-

tadíssima casa de espetáculos, integrante da *Sociedade de Cultura Artística do Crato*, sob a égide da idealista e brilhante Professora Divani Cabral, mentoras, em nosso meio intelectual, de centenas de crianças, adolescentes e adultos nas artes cênicas.

Eis, em breves enfoques, a admirável Rachel de Queiroz.

Como tão bem se expressou o Consócio J.Lindemberg de Aquino, "cheia e de simpatia, Dona Rachel é um monumento vivo de um povo."

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI sente-se imensamente feliz em cumprimentá-la.

Nossos fervorosos parabéns!

Extrema Hora

Adauto Alencar

Quando eu chegar no cais do imenso porto
E de mim avistar se aproximando
Um enorme barco a me fitar absorto
Sobre as ondas eternas me embalando...

Quero sentir, Senhor, vosso conforto
Quando o último momento for chegando:
Deixai que a nave me transporte ao horto
Onde os bons vivem vosso amor gozando...

Não permitais que o manto da tristeza
Cubra-me de amarguras na extrema hora
Quando eu deixar o mundo da ilusão...

Deixai que eu vá coberto de pureza
Cantarolando pelo espaço a fora
Levando em meu poder o vosso perdão...

Oferenda

José Newton Alves de Sousa

Todo homem sente-se torturado pelo Tangível e Absoluto.
A Terra e o Céu o ferem, como se ígneos cravos lhe dilacerassem a carne viva.
Uns se deixam prender mais ao Planeta, outros ao Além.
Mas todos sentem o drama de um dualismo fundamental,
de que não podem libertar-se.
O equilíbrio decorreria de uma educação adequada,
através da qual a essência e as circunstâncias do homem
fossem devidamente consideradas.
O telúrico não é necessariamente um cético,
nem o transcendental um crente.
Os telúricos e os transcendentais escalonam-se
por numerosas categorias.
O santo pode ser um telúrico, como Francisco de Assis,
e o telúrico pode ser um místico, ao jeito de alguns poetas hindus.
A essencialidade poética é multidimensional:
daí sua onipresença.

A Prática Pedagógica Reflexiva

Educação, Cultura e Arte na Região do Cariri

Maria Laudícia de O. Holanda()*

*Vera L. G Nóbrega(**)*

*Há tantas manifestações culturais no Cariri
Há tantas maneiras de Ler essas manifestações.*

A Universidade Regional do Cariri – URCA, na sua missão institucional, entre outras, destaca a preservação do patrimônio cultural humano. Contempla o resgate da multiculturalidade e da melhoria da qualidade de vida das populações da área de preservação ambiental da Chapada do Araripe e do seu entorno.

A URCA localiza-se num ponto estratégico de convergência de três estados nordestinos – Ceará, Piauí e Pernambuco. A situação, geo-política e econômica, da Região do Cariri se caracteriza por conter elementos de aproximação e, simultaneamente, manter identidades próprias.

Essa realidade múltipla coloca a Universidade frente a grandes desafios. Por ser uma IES regional, deve atender ao que une e identifica essa regionalidade. Ao mesmo tempo, como instituição produtora e divulgadora do conhecimento precisa reconhecer e cultivar os traços culturais diferentes, em cada um dos espaços onde sua ação chega. Com essas características a URCA constrói sua própria identidade, enquanto atende às necessidades da sociedade carriense. Para isso oferece uma vasta gama de cursos de diversas naturezas.

Ao longo da sua história, o curso de Pedagogia tem desenvolvido a formação de professores, um

pouco à margem desses propósitos institucionais.

Nesse sentido são duas as razões que nos movem na direção desse estudo sobre a Prática Pedagógica Reflexiva em Educação, Cultura e Arte na Região do Cariri. Especificando: primeiro, a natureza do Estágio de prática de ensino do curso de pedagogia; segundo, a necessidade de se resgatar aspectos históricos e culturais da região do Cariri, em vias de se perderem na roda do tempo. Tudo isso feito através da pesquisa educacional.

Quanto à natureza do Estágio, verifica-se que o curso de Pedagogia passa hoje por um momento crítico, do qual devem resultar, uma reflexão contextualizada e uma transformação de sua essência e formato.

Ao se tratar da contextualidade do curso e da ação docente para o qual prepara profissionais, surgiu a motivação para realçar diversas personalidades da comunidade local, cujas contribuições representam reflexos de sua inserção ativa e estética na vida cotidiana. Por isso a comunidade acadêmica se dedica ao resgate histórico de acontecimentos passados e presentes, no sentido de revalorizar ações produtivas, sejam de

caráter cultural, educacional ou artístico, que esses 'filhos ilustres do Cariri' nos legaram.

Frente a esse manancial disponível na comunidade, apresentou-se uma proposta de prática pedagógica reflexiva, objetivando coletar e revalorizar produtos culturais nativos, criando, simultaneamente, um espaço para fortalecer a formação do professor. Isso, combinando o desenvolvimento de ações de investigação educacional com a produção de um conhecimento gerado em pesquisas e estudos teóricos fundamentais.

Como desdobramento da prática pedagógica a pesquisa é realçada por sua capacidade de permitir abordagens científicas e assegurar resultados mais fidedignos. Com dados coletados a partir de pesquisa acadêmica (leia-se: com base em princípios científicos) pode-se produzir documentos que retratem, com realismo, nossa região.

O fruto dos estudos deve retornar à comunidade, em forma de ação docente renovada. Também como documento que permita ler essa realidade de modo mais simples do que se ter que lê-la através das teias de interações nas quais está implícita.

Isso porque, como partícipes dessas mesmas teias, variáveis diversas interferem no nosso processo de compreensão do real. A pesquisa orientada pode atingir um grau mais alto de isenção emocional ou pessoal.

No contexto dessa prática pedagógica reflexiva fundamentada nos princípios da investigação científica, buscamos meios de redimensionar e re-significar a prática reflexiva na leitura acadêmica, tecendo o diálogo com práticas concretas.

Na tentativa de identificar o conjunto de atitudes, valores e comportamentos que são “implicitamente ensinados” através das relações sociais e das diversas formas de manifestações artístico-culturais, destacam-se os filhos ilustres do Cariri e suas contribuições para a educação.

A idéia consiste, fundamentalmente, em identificar o multiculturalismo que pode vir a ser incluído em favor de um currículo que contemple as tradições culturais dos diferentes grupos e culturas.

SILVA, Tomás Tadeu (2000) situa o currículo multiculturalista nas teorias pós-críticas, enfatizando a importância dos estudos culturais no processo de investigação social e

construção do conhecimento. Nesse sentido, argumenta que “o currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder, é trajetória, viagem e percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae; no currículo se forma nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é também documento de identidade.”¹

No início do século XXI e entrada do novo milênio a idéia de multiculturalidade ganha força, abrindo espaço para a convivência das diferentes e diversas culturas nacionais e sua representação no âmbito da cultura, educação e currículo. Esse debate sobre multiculturalismo reforça também a presença da pesquisa na educação, pois a pesquisa fundamenta a prática educativa. Ensinar exige pesquisa. Como diz Freire, não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino.

Através da prática de investigação científica é possível interrogar, questionar e historicizar a cultura popular, da mesma forma que se deve fazer com a cultura dominante. Por isso, Tomás Tadeu lembra que, na perspectiva de um multiculturalismo crítico não se trata de “partir da cultura dominada ou de superá-la, para

entrar na cultura dominante, mas trata-se de colocar questões que revelem sua história, a história que produziu as presentes identidades sociais.

Na literatura anglo-saxônica, cultura popular ou cultura dominada é sinônimo de cultura de massa. Em geral refere-se às manifestações estéticas e artísticas, bem como aos usos e costumes das classes dominadas ou subalternas. Na perspectiva educacional crítica, a definição de cultura popular é analisada como o resultado de uma operação de poder, onde o popular é visto como inferior. Grande parte do esforço pedagógico das teorias críticas consiste em suprimir esta hierarquização entre as culturas dos diferentes grupos sociais, restabelecendo sua igualdade antropológica. (SILVA, 2000:33)

A questão da cultura tem importantes influências e implicações curriculares. Freire, nos seus estudos, supera as fronteiras entre cultura erudita e cultura popular, o que, de certa forma, antecipou a influência dos Estudos Culturais que se caracterizaria, posteriormente, como uma forma de situar os estudos curriculares.

Os estudos culturais caracterizam-se como campo de teorização e

investigação da cultura e currículo. Têm origem em 1964, na fundação do 'Center for Contemporary Cultural Studies', na Birmingham University, na Inglaterra. Segundo Silva (2000) a orientação do 'Center' desenvolveu-se, inicialmente, como uma reação às tendências elitistas de concepção de cultura. Baseados nos estudos de F. R. Leavis e, posteriormente, em Raymond Williams e Richard Hoggart, a cultura passou a ser entendida como o modo de vida global de uma sociedade, como experiência vivida de qualquer agrupamento humano.

Essa definição de cultura ampliada abrange também as manifestações da cultura popular, como por exemplo: livros, poesia e músicas populares, literatura de cordel e outras expressões emanadas do povo.

Observa-se que a escola, na maioria das vezes, não reconhece a cultura do povo, assim como seus interesses e necessidades, impondo os valores burgueses, que são aceitos socialmente. Não considera como material didático a produção de cultura gerada no âmbito da esfera popular. A formação de professores que tem sua prática pedagógica vivenciada nos Estágios reflete um vazio nes-

sa esfera do conhecimento e também, no desenvolvimento de pesquisas, como subsídios para o ensino. O estagiário, em geral, caracteriza-se como um mero consumidor e não produtor do conhecimento.

Por isso o projeto de Estágio supervisionado é um referencial importante no 'ensino' docente, inserido na formação do educador. Para compreender bem a atuação do professor na prática de ensino é necessário que a educação seja interpretada como um ato político. Desta forma, no exercício participativo de práticas educativas, a pessoa pode se reconhecer como um sujeito ativo e integrado, um agente da história de seu povo e sua época, participante e modificador do contexto em que vive.

Assim, o trabalho de educação pressupõe também uma dimensão social. Pois, somente através do desenvolvimento de uma educação de qualidade, pode-se contribuir na formação de uma consciência cidadã e na melhoria de vida das pessoas e da sociedade.

Nessa perspectiva, o projeto de Estágio pode ser direcionado para uma prática político-pedagógica, onde a produção de saber pode vir a

ser uma prática interativa capaz de gerar um conhecimento contextual histórico e atual da realidade. A proposta de Estágio desenvolvida nessa abordagem pressupõe uma fundamentação com base nos princípios de um projeto científico, cujo relatório final registra, na forma de monografia, a produção do conhecimento gerada.

Em geral, o planejamento educacional busca caminhos que podem auxiliar no entendimento e superação de problemas pedagógicos e sociais que se entrecruzam na prática educativa.

Na realidade cotidiana de sala de aula, muitas situações problemáticas e dificuldades são encontradas. Algumas experiências desse espaço são vivenciadas de forma mecânica, fragmentadas e sem expressão. No combate dessas práticas de ensino desmotivadoras e desassociadas da realidade concreta, torna-se oportuno e necessário destacar a importância da leitura como um instrumento valioso para a aquisição e construção do saber.

Toda essa reflexão se orienta para oferecer subsídios para a construção do perfil do educador que se postará frente a um mundo inteira-

mente novo e mutante a cada instante. Mudou o mundo do trabalho com a reestruturação do capitalismo, no final do século XX. Mudaram as relações internacionais e a própria configuração dessa nova organização mundial. Mudou o modo de comunicação e distribuição de informações pelo advento da informática. Nesse contexto novo e fluido, qual o perfil de professor necessário e adequado?

O perfil profissional do educador precisa ser repensado e reconstruído para adequar-se aos novos contornos da sociedade, sem perder o caráter do 'pedagogo' no sentido de aquele que conduz, orienta. Os elementos a serem trabalhados ao longo de sua formação acadêmica têm no Estágio um espaço de realização prática pedagógica, que deve ser centrada na reflexão. Esse novo professor também precisa ser capaz de selecionar, com rapidez e acuidade, o conhecimento, dentre o acervo incomensurável de informações disponível hoje.

Assim, percebe-se a necessidade de organizar esse acervo de conhecimentos combinando-o às experiências práticas, para que o professor, no início de sua atividade profes-

sional, encontre facilidade em se desempenhar. Em princípio, o início desse exercício oferece um ambiente propício às novas aprendizagens. É um tempo de desafios, mas é também um tempo rico em possibilidades.

No plano profissional entende-se que o primeiro ano de experiência tem importância capital. Nesse período o profissional está construindo seu próprio perfil, com base nos eventos de sua prática e na sua bagagem teórica acumulada ao longo do curso de formação. No plano individual e psicológico o período se configura como espaço aberto às múltiplas aprendizagens. Como o profissional – professor – chega ao campo de trabalho munido de teorias, mas carente de experiências concretas, ele se ressentete da necessidade de acumular conhecimentos práticos.

Na escola de formação existe um tempo destinado ao Estágio que pressupõe essa aprendizagem. No entanto, o estudante estagiário não chega a "incorporar" o perfil de professor enquanto se desempenha na tarefa docente supervisionada representada pelo estágio. Quando se trata da prática no ensino fundamental ele sabe que o professor titular daquela turma

está presente e atento, observando seu desempenho e pronto para entrar em ação se houver uma necessidade eventual. Essa situação pode lhe proporcionar sentimentos contraditórios.

Há uma ambigüidade sutil nesse contexto. Ao mesmo tempo em que a presença do professor titular pode transmitir segurança, também lhe mostra com realismo a temporalidade de sua atividade. Ou seja, evidencia-se a sua desvinculação funcional com aquela turma e aquela atividade.

A transitoriedade marca sua ação. Isso pode gerar um sentimento de 'descompromisso' subliminar entre o estagiário e o espaço onde ele realiza seu estágio. No fundo ele sabe que aquele espaço não lhe pertence, que aquela turma continuará seu ritmo após sua provisória intervenção; que aquela escola o recebe, às vezes, como num ato de solidariedade institucional para com a universidade. Enfim, não existe um vínculo profundo entre o estagiário e os estudantes.

O Estágio, portanto, serve de parâmetro profissional para o estudante que está se preparando para a docência, mas, seus conteúdos e a experiência ali acumulada serão re-

elaborados posteriormente, quando o estudante/professor estiver vivenciando uma situação real de ensino. A provisoriedade do Estágio retira dele a capacidade de identificar-se com uma situação real onde um professor está posto diante de uma turma de alunos, sob sua inteira responsabilidade.

Há outros elementos indispensáveis para formar o perfil do educador. Na situação concreta do desempenho profissional de um professor, seu compromisso ético e moral vai além do manejo adequado de técnicas, métodos e conteúdos curriculares. Mais do que isso é necessário construir um perfil profissional docente de acordo com uma expectativa social, uma correta política de educação e um conjunto de valores. Esses valores, por sua vez, envolvem aspectos técnicos, como competência, aspectos psicológicos, como atitude ética, segurança e equilíbrio, aspectos práticos, como capacidade de aprender com a experiência, com o manejo de uma classe. Enfim, capacidade de transformar sua formação num *continuum* de múltiplas e variadas aprendizagens.

Com esses atributos combinados a uma formação profissional

adequada constrói-se um perfil docente capaz de atender às expectativas sociais em termos de educação de qualidade. A definição de um perfil profissional faz parte do objetivo de promover a melhoria do sistema de formação do educador. Ao se constituir o conjunto básico dos elementos componentes desse perfil está pressuposto um modelo de profissional a ser formado, um modelo de formação a ser seguido e um padrão de conhecimentos e habilidade mínimos a ser assegurado aos professores antes de declará-los aptos ao exercício docente e lhes colocar nas mãos as mentes abertas das crianças.

Foi nesse sentido que elaboramos uma proposta de Estágio e Prática de Ensino situando a formação de professores como ação produtora de conhecimento e pautada na prática pedagógica subsidiada na concepção reflexiva de educação. Utilizando a pesquisa educacional como mediadora do ato de conhecer.

A proposta integra os dois períodos de Estágio e prática supervisionada de ensino, visando fortalecer a formação de professores. O Estágio I desenvolve a dimensão prática

da docência, considerando os valores da educação reflexiva e trabalha o currículo com os temas transversais. O Estágio II analisa os fundamentos da prática educativa, enfatizando a relação entre conhecimento, práxis social e cidadania.

O projeto então, ao analisar a relação entre saber, escola e vida cotidiana, elegeu uma temática, com a finalidade de revisar, refletir, questionar e re-significar as práticas docentes. Isso feito através do exercício do ato de ler e da reflexão crítica dessas práticas, dialogadas com uso das referências teóricas e narrativas da prática educacional.

Iniciou-se o trabalho com uma pesquisa sobre os valores culturais da região do Cariri, destacando alguns de seus "filhos ilustres". O propósito foi o de situar o significado da História de Vida de cada um deles, vinculando suas experiências à produção de um conhecimento novo. Isso permite o fortalecimento da produção de um saber e o enriquecimento do trabalho educacional no âmbito da escola e da comunidade.

É importante considerar que o ato de pesquisar requer planejamento e procedimentos específicos dian-

te da realidade que se pretende investigar. Quando o propósito (objetivo teórico) da investigação se baseia no desejo de conhecer, ou no propósito (objetivo teórico-prático) de conhecer para agir, a perspectiva de ação muda. Em geral nessas pesquisas se utilizam procedimentos descritivos e exploratórios. São também os tipos de pesquisa mais utilizados nas ciências sociais porque contribuem para esclarecer questões de interesse social, educacional, cultural.

As metodologias qualitativas apresentam várias modalidades de pesquisas, entre elas: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa com história oral, história de vida e depoimento pessoal, entre outras. A pesquisa bibliográfica está presente em toda investigação científica para subsidiar a reflexão do tema estudado. A pesquisa documental representa importante fonte de investigação para buscar informações "ocultas" ou que ainda não foram divulgadas. A pesquisa que tem por base a história oral

possibilita compreender melhor a realidade sócio-cultural a partir da memória, dos valores e visões de mundo de um povo, manifestas nessas oportunidades e que representam sua realidade e a realidade de sua comunidade social.

Dessa forma se propõe empreender uma busca de novos caminhos, alternativas e estratégias significativas para o estágio de prática de ensino. Esses componentes inovadores entrarão na re-elaboração do conceito de Estágio, nos cursos de formação pedagógica. Um conceito de Estágio, construído coletivamente como fruto das vivências que se dão na relação entre escola, saber e vida cotidiana, propõe contribuir para o fortalecimento da função social da escola. Vez que destaca o ensino como um fazer coletivo, capaz de abrir, aos educandos e educadores, o acesso às informações do cotidiano e a aquisição de mecanismos para facilitar a leitura das realidades sociais, contextualizadas em sua historicidade.

(*) *Dra. Em Educação Comparada pelo IOE - Institute of Education, University of London-UK/UFC Profª Depto. De Educação - CESA/URCA*

(**) *Ms. Em Educação pela UFC - Universidade Federal do Ceará Profª Depto. De Educação - CESA/URCA*

Rastros da Infância

João Batista Figueiras

Na frente da nossa casa havia um frondoso pé de jatobá. Era um gigante aquela árvore copada, os seus imensos galhos grossos estendidos quase chegavam a sombrear o beiral da calçada. Todos anos dava frutos atraindo a atenção da molecada da rua dos Porcos sequiosa em atirar-lhe pedras na copa esmeraldina, para derrubar os frutos doces e camudos.

Aquele pé de jatobá era também o abrigo de algumas pessoas que lhe vinham desfrutar da sombra fresca do meio dia. Nas madrugadas das sextas-feiras, diziam que o lobisomem, Vicente Fininho, vinha também se ocultar ao redor do tronco, acuado pela cachorrada vadia do Barro Vermelho provocando uma latomia infernal com os seus latidos que, de longe, servia de aviso aos notívagos menestrais e aos bêbados que vinham do cabaré da grotta.

Minha mãe chegou ver uma noite o lobisomem pela fresta da janela, debaixo do pé do jatobazeiro, mas não quis acordar o marido temendo que ele pudesse esboçar qualquer reação

e sair para enfrentar o animal, com o seu rifle papo amarelo de 12 tiros.

Pelo caminho que passava sob a copa daquela árvore imensa, dona Prazeres via muitos vultos passarem na calada da noite, enquanto esperava o filho único que voltava do serão, escondida por trás da janela de sua casa. Mas na noite em que minha mãe dera com os olhos amedrontados no lobisomem debaixo do jatobazeiro, ela, infelizmente, não estava no seu posto de observadora.

Um bando de meninos vadios e perversos, certo noite, ao alcançar por mim brincando descuidadamente com uma roda de arame debaixo da árvore frondosa, começou a maltratar-me com bofetões e chutes, chegando a me derrubar no chão de terra vermelha e me deixar chorando, depois fugiram montados nos seus cavalos de pau. Entrando em casa todo amarrotado e chorando muito, viemos saber depois que era o bando de Roy Rogers, que me havia atacado, um famoso cawboy idolatrado nos filmes

de banguê-banguê nas sessões da tarde do domingo, no cine Paraíso.

Meu maior orgulho era aquele pé de jatobá!.. Quantas vezes, abrigado nos braços fortes dos seus galhos mais baixos, fingia não ouvir os chamados de minha mãe para o banho da tarde! Um vez, ao ver passar um avião, corri para os braços do meu amigo e lá de cima vi quando a aeronave bateu no chapadão da serra do Belmonte e tomou no meio da vegetação verde. Ninguém viu este acidente, por isso não quiseram acreditar na minha estória. Momentos depois o rádio de Zezinho de Oliveira dava a notícia espetacular e todos foram correndo me perguntar como eu tinha visto o avião cair.

Jogando pedra em sua copa frondosa para derrubar os frutos, certa vez, furei minha cabeça com uma pedra que havia ficado enganchada na ponta da galha. O ferimento atingiu o meu couro cabeludo fazendo-o sangrar e me provocando tontura. Minha mãe, aflita, fez estancar o sangramento usando pó de café, não aceitando o conselho das vizinhas que lhe indicaram colocar na ferida sagrando esterco de cavalo ou de vaca. Desta forma, mesmo sem saber, ela me livrou de uma boa predisposição ao tétano.

Assis de Pituxa, menino mais velho e maior do que eu, incentivado pela companhia de dois primos, peitou-me para brigar com ele quando vcítávamos da escolinha da professora Micol, filha de Seu Alexandrino Alencar e de dona Nana. Sentindo a desvantagem que certamente teria em função dos dois parentes que, certamente, tomariam partido em favor do primo, recuei. Cheguei em casa triste, engolindo a seco a desmoralização de ter recebido dois empurrões que quase me levaram ao chão. Nos braços do meu gigante vegetal, passei a tarde toda idealizando uma desforra que me deixasse a alma mais leve e o peito vingado. Dias depois, aproveitando a ausência dos companheiros, realizaria o meu desejo de baixo das galhas do meu pé de jatobá.

O negro Chico de Joaquina Cosmo foi outro adversário que me fez armar-se de um canivete e investir contra o moleque, pelas suas veladas mentiras à minha pessoa. Eu tinha ordenado ao negro não mais se aproximar do jatobazeiro, já em função de suas covardias e provocações das quais sempre escapava correndo e se trancando em casa. O tronco da árvore serviu-me de tocaia, um certo dia, para atingir de leve as costas do desgraça-

do com a ponta do canivete, que escapou por um triz não fosse um escorregão que sofreu em seu favor numa das irregularidades do terreno.

Quando trouxeram amarrada a mulher de Assis de Cota que havia fugido de casa e se embrenhado nas matas do lobo por um acesso que até hoje fico, sem saber, se de loucura ou de ciúmes do marido, vi todo o espetáculo que reuniu uma multidão de curioso, de cima do meu pé de jatobá. Ele representava o meu quartel e o meu posto de vigília dos acontecimentos que se passavam na comunidade.

Mas o tempo vai passando, agente vai crescendo e as nossas relíquias do passado vão sendo devoradas pelas próprias transformações no transcorrer da vida, ou pela ferrugem corrosiva do tempo ou enlodadas pela mudanças que se fazem necessárias ao nosso próprio desenvolvimento.

Faz muitos, muitos anos que deixei de ver o meu glorioso pé de jatobá. O progresso desalmado engoliu-o com o seu apetite voraz que não respeita sentimentos...

Quando comecei a trabalhar no Banco do Brasil, mesmo tendo mudado de residência para outro local mais distante, ainda o via, quando algumas

vezes passava com os colegas para a AABB. Mas depois tive de viajar e morar noutra cidade com a família.

Voltando definitivamente para o meu torrão natal, minha tristeza não foi pequena quando soube que o meu velho amigo vegetal tinha sido tragado pela mão impiedosa da construção do viaduto do Barro Vermelho. Hoje, quando passo pelo local, ainda sinto saudades dele, embora tudo ali tenha sido transformado da visão: antiga. Devido o nivelado da ponte, as casas parecem seres humanos acorados e humildes ao lado da pista, olhando com receio para os carros que trafegam, semelhante ao olhar medroso da minha mãe na madrugada em que viu o lobisomem pelas frestas da janela.

Eu posso imaginar a cena do seu trucidamento. O povo aglomerado, como eu fazia de cima dos seus galhos, olhando para os homens de capacetes e desalmados, munidos de máquinas poderosas de destruição investindo contra aquele gigante de folhas verdes, que resistia aos golpes como o herói no campo de batalha resiste a muitos golpes para depois cair fulminado.

E ele permanecia impassível, abrindo no espaço os galhos sobranceiros, agitando no ar a vasta cabeleira

ra como fazia quando o vento irrompia do chão, levantando da terra pequenos torvelinhos de terra vermelha.

Quem sabe, entretanto, se aquela resistência não fosse de dor ou de vontade, na esperança de ver chegar ao pé do seu leito de tortura o menino feito homem para lhe dar um último olhar de despedida, um último sinal de adeus,

como fazem os pais aos filhos no seu leito de morte...

Afinal, o meu jatobazeiro estre-meceu, tombando sobre o chão numa nuvem avermelha de poeira, vítima da impiedosa ação de “vândalos meritórios” indutores do progresso, mas venais assassinos destruidores dos sentimentos, das lembranças e das relíquias mais gratas do passado.

RASTROS DA INFÂNCIA II

Todas as vezes que atingíamos a central larga de terraplanagem da Estrada Nova – caminho obrigatório de quem ia do sítio Miranda para a rua – nos surpreendiam os carros que passavam em desabalada velocidade, roncando suas máquinas fumacentas e fazendo vibrar o ar com as suas buzinas estrídulas.

A buzina era o grande sinal alerta para advertir aos transeuntes em sua grande maioria de matutos incautos, gente de andar desengonçado, oriundos dos sítios, que toda segunda-feira saíam a pé ou à cavalo, levando cargas

de mercadorias em lombo de animais, farinha, milho, e até panelas e potes de barro como outras bugigangas para vendê-las na grande feira do Crato.

Velozes e úteis, com os seus motores movidos à gasolina, os carros eram a grande novidade da época para todo mundo, principalmente para mim e para os meninos do mato. Mas eu não gostava demasiadamente deles. Foi uma dessas máquinas endiabradas e muito veloz que acabou matando de maneira impiedosa, o meu cachorro policial de grande estimação.

Todo mundo do Sítio Miranda sabia contar um pouco da estória desse episódio triste de cortar corações!... Comentavam as negras comadres da nossa cozinha que os carros tinham todos parte com o demônio.

-Quem já se viu correr daquele tanto!... assim, se expressava a negra Marçolínia, esposa de um dos nossos moradores, o Expedito Demétrio, com certa ironia...

Na verdade quase todo mundo dos sítios, sobretudo os meninos e os cachorros tinham grande receio deles. Quando acontecia de um caminhão ir buscar carregamento de farinha, rapadura ou de algodão em alguma propriedade, os cachorros sonolentos dos terreiros acuavam-no como se fosse uma caça estranha. E a meninada caíra se por acaso, topasse no caminho, de surpresa, com algum desses caminhões, corria léguas com medo. Subia nas cercas dos corredores estreitos e lamacentos, ou desaparecia num rápido mergulho nas capoeiras, como fazem os bichos do mato, amedrontados.

Mas a vida alegre e despreocupada do meu cachorro foi ceifada de maneira brutal e prematura!...

Chamava-se lôfe. Era um nobre cão policial, tão valente quanto

um leão, porém, dócil e meigo como uma criança. Além de um belo animal com "pedigree" de boa raça policial, era também um companheiro fiel e amigo. O belo porte, grande e gordo, já não lembrava mais aquele filhote pequeno, inseguro e dengoso de quando foi dado ao meu pai por um amigo. Ao crescer, tornara-se tão grande, que chegou a ficar quase do meu tamanho.

Mamãe era muito cuidadosa e exigente não deixava que eu ficasse sempre junto do animal, com receio - até com uma certa razão, de que o filho viesse contrair dele alguma doença transmissível, por isso procurava mantê-lo quase sempre afastado de mim. Mas eu preteria parte dos seus cuidados e ficava quase o dia inteiro a brincar com ele. Montado no meu belicoso corcel de cabo de vassoura, saíamos de casa para brincar de aventuras nas areias soltas e alvas como açúcar do rio que ficava atrás do bananeiral viçoso e balouçante da frente da casa grande, o saudoso e inesquecível rio da ponte da minha infância!... O fraco mesmo de algumas tardes era sairmos correndo pelas estradinhas sinuosas dos caminhos estreitos, margeados de folhas verdes, aonde se debruçavam as flo-

res matizadas dos velames roçando e a beijando de maneira carinhosa os nossos pés velozes.

De preferência, quanto mais ermos fossem os lugares, melhores para o palco das nossas aventuras. Por isto, íamos buscar sempre os atalhos ou as veredas estreitas e sinuosas, ou caminhar por dentro do capinzal crescido da beira do rio, como um herói desbravador de sonhos, ao lado do seu fiel companheiro.

Em casa, se por acaso me deitasse durante à sesta, ele se punha ao lado da minha rede, atento aos meus movimentos, cheirando os meus chinelos, ou fechava os olhos sonolentos com o focinho sobre as patas anteriores como um súdito aos pés da sua majestade, e dormia.

Naquela época eu não conhecia o seriado de Rin-Tin-Tim, porque não havia televisão, portanto, só viria conhecê-lo muitos anos depois de crescido. Mas pude observar que a minha intuição de garoto esperto sabia fantasiar momentos e situações de perigo em nossas brincadeiras de aventuras, num quadro de admirável coincidência, que se tornavam muito semelhantes às mesmas situações de aventuras e dos

perigos vividos pelo legítimo herói das telas...

O nome lôfe com o qual ficou sendo chamado o meu cachorro, acho que lhe veio em decorrência de uma coincidente corruptela fonética da palavra inglesa "love", porque também, lá em casa, ninguém sabia falar e nem sequer conhecia o idioma britânico. E por Lôfe —nome que eu achava bonito, ficou sendo chamado o meu cachorro, que se tornaria além de um brinquedo, o meu melhor amigo e companheiro de todas as horas.

O dia em que o carro o atropelou, foi o pior dia da minha vida. Vi a cena aterrorizante a muitos metros de distância, mas mesmo assim o caso me deixou aniquilado. Com os olhos molhados de lágrimas, sentia uma grande dor dilacerando o meu coração de criança. Dor cuja sensação eu não sabia explicar para ninguém. Não sabia explicar, mas sabia senti-la, pois, era tal como se fosse a sensação de um vazio dentro de mim. Algo estranho como um arrocho apertando meu peito, ferindo as minhas entranhas, inundando minhas faces...

Acho que o fato de ser ainda muito criança, filho único, e de haver presenciado uma morte tão esdrúxula de um animal pelo qual eu tinha uma gran-

de estimação, mesmo visto à certa distância, aquilo ficou gravado no meu pensamento de maneira tão visível e indelével, que podia me lembrar de todos os pormenores do desastre. Eu sabia, de cor e salteado, todos os detalhes: a cor do carro sinistrante, a cara fechada e indiferente do motorista desalmado, e, principalmente, do grito angustiante de alguns pedestres que estavam mais próximos do local, como as mulheres, no instante em que o veículo pareceu saltar sobre o mísero e indefeso animal para o engolir como um monstro esfomeado.

O fato triste aconteceu numa certa manhã, prenhe de luz. Eu ia com os meus pais do sítio para a cidade, como costumávamos fazer nas segundas-feiras, quando vi o meu querido cachorro amigo ser barbaramente esmagado pelas rodas assassinas de um automóvel em alta velocidade. Desde que havíamos deixado os limites do sítio, ele vinha furtivamente nos seguindo à distância, desobedecendo às ordens do meu pai de que voltasse para casa. Por isso, nos seguia muito à distância, até quando atingimos a central larga de terraplanagem, conhecida pelo nome de estrada nova, porque naquela época não existia o asfalto. Eu, montado

na lua da cela do cavalo do meu pai, o vinha acompanhando de longe. Momentos antes da tragédia, ainda o vi por uma última vez, passando por entre as pernas dos transeuntes, quando afinal tentava cruzar a estrada de um lado para outro. Num dado momento, sem que desse tempo de alguém afugentá-lo do meio da rodagem, um carro, que vinha em grande velocidade, jogou-se sobre ele como um demônio enfurecido, deixando-o estirado sobre a terra, com a cabeça mergulhada numa poça vermelha, imóvel e calado como um santo. Ficou ali estirado no chão, e daquele instante em diante eu nunca mais o viria.

Passados alguns dias do acidente eu ainda chorava amarguradamente a sua perda, bastava alguém lembrar o episódio. Uma imagem dolorosamente trágica e exacerbadamente cruel ficou gravada dentro da minha "cachola". Os gritos de pavor dos circunstantes que presenciaram a cena mais de perto foram entre as lembranças tristes, a que mais tempo ficou repercutindo nos meus ouvidos, como as badaladas de um sino para sempre anunciando a morte de alguém. Parecia que nunca mais iria esquecer daquele fatal acidente que, sem querer, os meus olhos viram.

Cultura e suas definições

Jurandy Temóteo

Que é Cultura

O termo cultura origina-se do verbo latino “colere” inicialmente para designar, conforme o dicionário Aurélio (1999:59), *ato, efeito ou modo de cultivar: cultivo agrícola ou “atividade econômica dedicada a criação desenvolvimento e procriação de plantas ou animais ou a produção de certos derivados seus”*.

Mas significa também: *o conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam se preservam ou aprimoram da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade*.

E ainda: *o conjunto complexo de códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos os*

aspectos da vida: normas comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais ...

Vejamos uma outra concepção de cultura por Umberto Eco (1980: 16):

Se aceitarmos o termo cultura em seu correto sentido antropológico, encontraremos de imediato três fenômenos culturais elementares: a produção e o uso de objetos que transformam a relação homem – natureza; as relações familiares como primário de relações sociais institucionalizadas; a troca de bens econômicos.

Esse três fenômenos foram escolhidos ao mesmo tempo como objeto de estudos semio-antropológico

que humanidade e sociedade só existem quando se estabelecem relações de significação e processo de comunicação.

José Luís dos Santos (1996:35) adverte que a cultura comporta diferentes abordagens. Vejamos:

Cultura pode por um lado referir-se a alta cultura, a cultura dominante, e por outro, a qualquer cultura. No primeiro caso, cultura surge em oposição a selvageria, a barbárie; cultura é então a própria marca da civilização. Ou ainda, a lata cultura surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade; se opõe a falta de domínio da língua escrita, ou a falta de acesso a ciência, a arte e a religião daquelas camadas dominantes. No segundo caso, pode-se falar de cultura a respeito de qualquer povo, nação, grupo ou sociedade humana. Considera-se como cultura todas as maneiras de existência humana.

Ainda sobre o tema cultura, os pesquisadores GREIMAS e COURTÉS (1979:92) apresentam o seguinte:

O conceito de cultura é ao mesmo tempo relativo e universal. Se entende o mais das vezes por cultura a de uma comunidade lingüística autónoma, nem por isso deixam de existir áreas culturais que transcendem as fronteiras lingüísticas, tal como uma cultura humana planetária, caracterizadas por práticas científicas, tecnológicas e até mesmo, em parte, por ideologias comuns. Uma distinção entre as microsociedades (ou sociedades arcaicas) e as macrosociedades (desenvolvidas) serve de base a duas abordagens diferentes, etnosemiótica de um lado, sociosemiótica, do outro.

A pesquisadora Maria das Neves Alcântara de Pontes afirma: (1988:222). *O termo cultura é abrangente e controverso, tendo surgido inicialmente como resposta à emergente industrialização e à democracia política na Europa no decurso dos séculos XVIII e IX.*

Depois conclue nos seguintes termos:

...entendo a sociedade como um conjunto organizado de indivíduos com um determinado modo de vida, a cultura é esse modo de vida. Em sentido inverso se considera a sociedade um agregado de relações sociais, a cultura é, assim, o conteúdo dessas relações.

Pelo que foi exposto evidencia-se que não existe uniformidade de pensamento capaz de conceituar, definitivamente que seja Cultura. Cada estudioso, de acordo com sua linha de abordagem, formula seu próprio conceito.

QUE É CULTURA POPULAR

O pesquisador Bakhtin (1996:4) ao referir-se a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento dá ênfase a carnavalização e às múltiplas manifestações da cultura cômica popular dividindo-a em três categorias:

As formas dos ritos e espetáculos, onde aparecem os festejos

carnavalescos; “obras cômicas” representadas nas praças públicas; obras cômicas verbaes, incluindo-se aí as paródias – orais e escritas – em latim ou em língua vulgar; e as diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro, onde estão inseridos os insultos, juramentos, blasões populares.

Refletem essas três categorias, na sua heterogeneidade, um mesmo aspecto cômico do mundo, estão estreitamente inter-relacionadas e combinam-se de diferentes maneiras. E diz mais:

...os festejos do carnaval, com todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval. (...)

... quase todas as festas religiosas possuíam um aspectos cômico popular e público, consagrado também pela tradição. O mesmo ocorria com as festas agrícolas, com a Vindima. Ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao

Estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida.

(...)A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói – se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um “ mundo ao revés(1996:10)

O pesquisador Joseph Luyten (1987:16) ensina:

A cultura popular aparece no Ocidente em duas etapas. A primeira é a partir do século XII, como manifestação leiga independente do sistema de comunicação eclesiástico. Ela se caracteriza por ser uma linguagem regional e não tem latim, que naquela época era a língua oficial de toda a Europa Cristã. Aos poucos, porém, as pessoas do povo iam contando suas histórias e compondo versos, de forma primitiva.

Ainda não se tem uma definição conceitual, unânime, do que seja cultura popular. Os estudiosos estão mais voltados para formular seus conceitos de acordo com suas linhas de estudos.

Apresentam suas razões, formulam suas dissertações e teses mas as divergências (as vezes bem pequenas) continuam.

Valho-me, então do que escrevem os estudiosos Marcos Ayala e Maria Ignez Novais Ayala (1995:55):

À medida que se aguça a percepção da diversidade e da complexidade da cultura popular, os trabalhos voltados para a generalização vão se tornando cada vez mais insatisfatórios. Por outro lado, a preocupação com maior rigor teórico e metodológico faz com que também as descrições, por mais detalhadas que sejam, passem a ser consideradas ainda insuficientes.

Para o estudioso Sebastião Batista (1977:22):

A cultura popular se caracteriza por um conjunto diverso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria (o jogo interno do conformismo e da resistência) distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e

formas de consciência. Para compreender a questão da cultura popular, convém pensar, em termos de uma perspectiva de análise que, embora se valendo da semiologia, não restringe o estudo da cultura ao conhecimento das sutilezas e complexidades das estruturas desses sistemas de comunicação simbólica e de suas regras de operação.

Na sua persistente luta em defesa da cultura popular brasileira – principalmente a nordestina – o escritor e pesquisador Ariano Suassuna (2000:38), criador de *O AUTO DA COMPADECIDA*, toma posição e externa suas convicções:

A elite faz pouco do país e isso acaba contagiando a população. Desprezamos tudo o que é local.

Não vamos confundir globalização da mediocridade com universalidade da cultura. Não há nada mais distante da universalidade do que a uniformização promovida pela indústria cultural.

Somos riquíssimos culturalmente, um mosaico de

influências ibéricas, negra, indígenas.

O que a gente pode fazer por esse Brasil?

A gente pode impedir que o matem culturalmente.

A Falta de uniformidade de pensamento – também aqui é clara, para uma conceituação positiva do que é cultura popular

Que é Cultura Popular do Cariri

Entrevistamos seis pesquisadores de diferentes setores da comunidade regional em busca de definições embasadas nas suas experiências sobre o que é *Cultura Popular do Cariri*.

Gravamos – de 26 a 31 de maio de 2000 – os depoimentos de Elói Teles de Moraes, radialista e folclorista; Roseane Alves Melo, professora de Cultura Popular, da Universidade Regional do Cariri – URCA; Rosiane Limaverde, diretora da Fundação Casa Grande, do Memorial do Homem Cariri; Luciano Carneiro, cordelista, da Academia de Cordelista do Crato; Willian Brito, engenheiro-agrônomo, cordelista e ecologista; e Abidoral Jamararu, compositor e cantor de música popular.

Elói Teles de Morais:

A nossa Cultura Popular não influencia as pessoas mas as pessoas recebem uma espécie de maneira de vida; mistura sua vida com a nossa cultura. Ela, sim, é que faz parte dessa convivência. No que diz respeito a cultura em si, a sua maneira de atuação, nós não deixamos nada a desejar, especificamente, dessa cultura. Se misturarmos a literatura oral a literatura escrita, elas se confundem bastante. Os nossos repentistas, os nossos violeiros, os nossos poetas populares, seja oral ou escrita, eles se confundem. O mesmo violeiro que faz um repente ao som da viola, ele faz um cordel; o mesmo mestre que dança um reisado, é aquele homem que faz as peças do reisado; ele rima as peças do reisado.

E é o mesmo também que faz as alegorias, os trajés. Então é uma cultura que é completa com as pessoas que

fazem. Ela não seria tão autêntica se a gente tivesse de importar as nossas manifestações.

Rosilene Alves de Melo:

Vejo assim o Cariri como um grande caldeirão em que várias manifestações culturais se encontram. Desde, inclusive, do próprio povoamento do Cariri, a questão dos índios, da cultura indígena que ainda permanece aqui nos resquícios dessa cultura.

Minha impressão é de que a Cultura Popular do Cariri está passando por um momento bastante delicado. Vejo com muita preocupação este problema de preservação dessas tradições culturais: não estou vendo um processo de renovação; as gerações mais jovens não têm se interessado em manter essa tradição. E isso seria o fim dessas práticas. Acho que a Cultura Popular do Cariri só tem sentido se ela faz parte do cotidiano das pessoas.

Rosiane Limaverde:

A Cultura Popular do Cariri está assentada em três fases e delas é o resultado do que a gente tem hoje.

Na primeira fase, forte componente indígena tendo sua maior expressão na banda cabaçal dos irmãos Aniceto. Eles representam todo esse remanescente, toda essa dança essa musicalidade indígena do Cariri.

Na segunda fase, com a colonização dos brancos, chegam os negros de quem herdamos o maneiro-pau, os ritos e os ritmos africanos, boa parte da nossa culinária...

O branco nos trouxe a cultura do algodão, da cana-de-açúcar, com os engenhos e as tradições portuguesas.

A terceira fase é a da religiosidade popular que se mescla das práticas indígenas, negras e do cristianismo.

O resultado desses três momentos formou um verdadeiro caldeirão cultural; amalgamou a nossa cultura.

Não sou daquelas que diz que a Cultura Popular do Cariri está morrendo. Acho que ela é dinâmica e está sempre evoluindo. Lá mesmo no Memorial do Homem Cariri as crianças estudam e aprendem da pré-história ao computador. Ao mesmo tempo em que elas estão tendo contato com o mito, elas também pegam o computador, fazem programas da rádio, documentários de TV, mexem com a tecnologia moderna mas não perdem o elo com o passado. O importante é que haja evolução dessa nossa cultura popular mas que esse passado não seja esquecido nem enterrado porque as pessoas e a região só podem ser fortes quando tiverem conhecimento das origens, mesmo diante do moderno e do mais avançado.

Luciano Carneiro:

A Cultura Popular do Cariri é um conjunto de costumes que vem ao longo dos tempos se mantendo por alguns preservadores. A Cultura Popular do Cariri é

bonita, procurada, pesquisada ... e perseguida também. Eu, pelo menos, sou poeta popular, cordelista, mas admiro a cultura. Porque se o poeta não admirar a cultura popular de sua terra e em todo o seu contexto, ele está deixando de ser um poeta popular. Pra ser popular precisa aplaudir e gostar das coisas do povo.

Na Academia dos Cordelistas do Crato, da qual eu me sinto honrado em fazer parte, nós fizemos um cordel, "A Cultura Popular do Cariri" onde os seus doze membros tomaram parte. A minha tarefa foi falar sobre o violeiro, o cantador. Eu digo assim:

*Pra mim, o maior artista,
Deste país brasileiro,
É o poeta repentista,
O cantador violeiro.
Ama mesmo, a profissão;
Se alguém maltrata o sertão,
Ele é capaz de brigar.
Também são os cantadores,
Os maiores defensores,
Da cultura popular.*

Eu sei que o cantador

*É um peregrino, ambulante;
Um artista sofredor,
Um eterno viajante.
Mas é quem tem a grandeza,
De cantar a Natureza
Feita por Nosso Senhor.
Se esses méritos são seus,
Quem for amigo de Deus,
Não é contra o cantador.!*

Willian Brito:

Por cultura eu entendo a maneira como um povo se relaciona consigo mesmo. A maneira como o povo explica de onde veio e pra onde vai; a maneira como ele se enxerga, inclusive distinto de outros povos. No caso do Cariri, a Cultura Popular é uma mistura que se deu em vários tempos, de vários processos. Existe a herança Cariri, muito perseguida, dizimada mesmo pelos europeus, e uma cultura primitiva estabelecida no cultivo da terra com base no engenho de rapadura, no piqui, na mandioca e no gado. Esse patrimônio é muito importante para nós; tanto é que está

simbolizado na Academia dos Cordelistas do Crato.

Depois tivemos essa cultura vigeno, de 1700 até 1870/1880, quando acontece o fenômeno religioso muito depois, Padre Cícero, se politizando com Floro Bartolomeu e alterando as relações de forças e de poder e, naturalmente, com toda essa migração de nordestinos vindo para o Juazeiro. Todo o pensar regional foi alterado; as relações modificadas. Eclode então um grande conflito político (1914 materializa bem esse conflito com a invasão do Crato pelos jagunços do Padre Cícero) e também cultural, que assinala o domínio do urbano sobre o rural e a prevalência do Juazeiro sobre os outros municípios do Cariri.

No Cariri temos três nichos culturais: a cultura da serra, a cultura do pé – de serra e a cultura do arisco.

Muitas pessoas ficam na superficialidade das manifestações religiosas mas a cultura popular é

muito mais profunda do que isso: é a maneira como o mundo é explicado, como as pessoas se enxergam agentes da História.

Abidoral Jamacaru:

Cultura Popular do Cariri é a manifestação do nosso povo nas suas expressões artísticas. Nisso tudo está imbuído o nosso inconsciente coletivo onde se diluem os problemas atuais com os nossos referenciais da memória. Cito o caso duma banda cabçal. Nela está reunida uma apresentação de coisas que inconscientemente é passado, por aquele culto dos Irmãos Aniceto, onde eles, através da arte representam com danças, teatro, música e poesia, a vivência deles, da roça. E, no entanto, se perguntar a um deles o que significa Cultura Popular eles mesmos se perdem nessa definição. Mas se manifestam através da arte porque a arte tem esse poder de codificar.

Mas a nossa Cultura Popular não fica só restrita à questão do índio; há também a religiosidade, o nosso modo de falar, de cantar, a nossa culinária, a ação artística tradicional e uma nova linha vanguardista. Eu diria que esta corrente une o urbano e o rural regional com o universal, o velho e o novo, resultando numa estética diferenciada e dando novas perspectivas a serem refletidas.

Cultura Popular do Cariri é também o visual de gravuristas sobre o seu habitat e o seu cotidiano. Quando falo nisso, também quero dizer que a gente vê nas gravuras a religiosidade, os folguedos,

a maneira em que as pessoas se vestiam e se vestem, os sonhos, as angústias... É o caso, aqui, do nosso Walderêdo Gonçalves que talha bem na madeira o nosso dia-a-dia com suas xilogravuras sobre os nossos tipos populares, o nosso folclore, as nossas credences, adentrando-se até na crítica social, mostrando na arte a sua rebeldia. O gravurista tem esse documento em que ele se perpetua. Porque é uma imagem estética, ela supria justamente a necessidade que se tinha aqui e ali de fotografar. Finalmente, eu diria que Cultura Popular do Cariri seria o resumo dessas coisas todas; e muito mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa*, 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. P. 591.
- ECO, Umberto. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1980. P. 16.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. P. 35.
- GREIMAS/COURTÈS. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979. P. 92.5.
- PONTES, Maria das Neves Alcântara de. *Do conceito da cultura a cultura popular*. Graphos. João Pessoa v. III. n. 1. p. 222 - 228, jan. 1988
1988. BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: *O contexto de François Rabelais*. *Perspectiva*. S. Paulo, 1996, p.4.
- LUYTEN, Joseph M. *O que é cultura popular*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense: 1987
- AYALA, Marcos e AYALA, Maria Igenes Novais. *Cultura popular no Brasil: Perspectiva de análise* 2.ed. São Paulo: Ática 1995.
- BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da literatura de cordel*. 1 ed. Natal: Malibu, 1977.
- SUASSUNA, Ariano, *A teimosia de ser brasileiro*. Globo Rural Mensal, São Paulo, ed. Abril, maio, 2000: 38.

Espaço Terrestre de Gilvan Lemos:
Representação da História do Brasil

Ivanda Maria Martins Silva

(Professora da Faculdade Integrada do Recife)

Após o advento do modernismo e do pós-modernismo, a produção artística abre-se para o passado, com o objetivo de criticar ou romper com a tradição literária, inovando as estratégias do fazer literário. O retorno ao passado revela-se como traço estético necessário para a compreensão melhor do momento presente, assim como ocorreu em alguns períodos literários que buscavam a evasão no tempo e no espaço, veja-se o caso do Romantismo por exemplo. Nesse processo de retorno ao passado, muitos autores contemporâneos investem em técnicas narrativas que propiciam o diálogo entre a obra literária e o discurso histórico.

No caso da literatura pernambucana, diversos ficcionistas valorizam o gênero *romance histórico*, com o objetivo de revisitar acontecimentos

e personagens históricas, atualizando o passado no mundo da ficção. Como exemplo, note-se o romance *Verdunc* de Jodeval Duarte, o qual estabelece o forte diálogo entre o discurso narrativo, criado pela subjetividade do romancista, e o discurso historicamente situado, a partir de acontecimentos e personagens relacionados com o fato histórico da invasão holandesa em Pernambuco.

Outros romances como *Os rios turvos*, (Luzilá Ferreira), *Espaço Terrestre* (Gilvan Lemos), entre outros, também destacam-se pela representação ficcional de dados históricos. Matias de Albuquerque, Bento Teixeira e Frei Caneca são algumas personagens que podem ser redescobertas pelo leitor no universo ficcional criado em tais obras. Abrir um romance, que apresenta

esse compromisso com a História, é descobrir parte de nossa memória muitas vezes relegada ao quase total esquecimento, diante das atribulações da vida moderna.

A atualização do passado histórico torna tênue a fronteira entre a História e a Literatura, enquanto disciplinas solidárias que assumem papéis distintos diante do fato histórico. A primeira se compromete com o factual e estuda a evolução histórica dos acontecimentos de forma sistemática, enquanto que a segunda, como forma de manifestação artística, transcende os limites da racionalidade e representa a História de forma verossímil, enquanto componente para a constituição da trama ficcional.

Não se pretende aqui colocar num mesmo plano o mundo empírico, marcado pelos fatos ocorridos na História, e o universo ficcional, construído a partir do processo de criação artística do romancista. No entanto, é importante ressaltar o caráter de *verossimilhança* que a obra literária apresenta, tornando o mundo ficcional um mundo possível que pode ser lido e revivido pelo leitor.

A representação do passado histórico na literatura pernambucana

pode persuadir o leitor a compreender melhor o presente do qual participa. A obra literária, além de objeto artístico, pode também servir como instrumento de conhecimento e de valorização de nossa História e de nossas raízes culturais.

Pretende-se, neste ensaio, analisar o romance *Espaço Terrestre* de Gilvan Lemos, considerando o *dialogismo* entre a obra ficcional e os fatos históricos que são revisitados e recriados na composição do texto literário. Conforme Bakhtin (1993), há uma relação dialógica e dialética entre o mundo representado no universo ficcional e o mundo representante, este constituído pelas transcrições sociais e históricas da realidade empírica e aquele formado pela imaginação do autor, apresentando personagens e acontecimentos subjetivamente criados.

O autor pernambucano Gilvan Lemos, apesar dos vários livros já publicados, tendo inclusive algumas obras premiadas — *Emissários do Diabo*, *O Anjo do Quarto Dia*, etc. — ainda é um nome pouco conhecido entre os leitores e sua produção quase inexplorada pela crítica literária. Entretanto, começa-se a estudar

a produção desse escritor no sentido de se resgatar uma literatura que apresenta traços regionais, mas ultrapassa as fronteiras do contexto nordestino.

As obras de Lemos estabelecem um diálogo com nosso mundo empírico e nos convidam a participar do universo ficcional, como se este fosse um mundo possível. Por meio de sua ficção, o autor constrói um quadro da sociedade brasileira, revelando as contradições sociais e históricas que atormentam o homem moderno.

Abrir um romance de Gilvan Lemos é como redescobrir parte de nossa história, entendendo melhor nosso presente a partir do diálogo com fatos históricos do passado. Parece-nos que a busca de representar o homem num contexto social, histórico e cultural é uma constante nos romances do autor. Suas obras nos convidam a conhecer um pouco mais sobre nossa memória cultural e nossa História, seja por meio da representação do índio enfrentando o processo de aculturação imposto pela comunidade branca, como se observa no romance *A Lenda dos Cem*, seja a partir do resgate do processo de miscigenação que

une índios, brancos e negros na formação do povo brasileiro, trama da obra *Espaço Terrestre*.

O romance *Espaço Terrestre* destaca-se na produção ficcional do autor pela riqueza temática, com destaque para a representação histórica da evolução da sociedade brasileira, desde o início do séc. XIX até meados do séc. XX. Além disso, a técnica narrativa utilizada gera uma expectativa no leitor com o auxílio do *flashback* que estabelece uma fronteira tênue entre o presente e o passado das personagens. Consegue-se entender a história de José Albano Neto quando se tenta relacioná-la com o passado de seu avô (Nuno Varela). Na verdade, o resgate do passado de Nuno Varela leva o leitor ao início do século XIX, em que a cidade do Recife era palco de revoltas populares, como a Insurreição Pernambucana, por exemplo.

Se por um lado, o romance dialoga com alguns fatos históricos, introduzidos na obra para dar maior carga de verossimilhança, por outro, o mundo mágico e lendário de Suldade surge numa espécie de contraponto em relação ao espaço urbano do Recife. Nesse sentido, *Espaço*

Terrestre apresenta-nos um duplo registro dos acontecimentos representados na ficção, ou seja, os episódios nos quais as personagens estão envolvidas ora voltam-se para o contexto mítico de Sulidade, com lendas e credences do povo nordestino, ora orientam-se para as revoluções históricas do espaço urbano do Recife.

Em *Espaço Terrestre*, o leitor depara-se com a saga dos Albanos numa espécie de representação das origens do povo brasileiro formado pela miscigenação que une índios, negros e brancos na descoberta do espaço mítico de Sulidade. Essa narrativa de Lemos é, pois, construída a partir de uma representação da História, entendendo esta como ciência que estuda e analisa os fatos históricos no processo de evolução das transformações sociais e ideológicas.

Partindo desse princípio, acreditamos que a descoberta de Sulidade representa, metaforicamente, a chegada dos colonizadores ao Brasil no século XVI. Alguns episódios, no romance, podem ser explicados com base em certos fatos históricos, como a vinda dos portugueses ao Brasil, a celebração da primeira missa e o encontro da cultura lusitana com a indígena.

O cenário ficcional de Sulidade parece simbolizar o espaço brasileiro no início da colonização, este marcado pela diversidade de crenças, ideologias e expectativas dos portugueses que aqui chegaram. O romance em foco revela-se, portanto, como espécie de volta simbólica às origens da colonização.

Percebendo a analogia entre o discurso ficcional de *Espaço Terrestre* e os fatos históricos sobre a descoberta do Brasil, dois episódios da narrativa ainda merecem destaque: a chegada da personagem Nuno Varela ao Brasil e a saída de Albano Neto de Sulidade.

Após sair de Portugal, Varela chega ao Brasil como degredado e tenta encontrar um emprego que lhe proporcionasse certa estabilidade econômica. A chegada ao Brasil simboliza a descoberta de outro plano espaço-temporal, no qual a personagem, de início, não consegue se adaptar. Isso explica porque o primeiro Albano “não conseguia entender satisfatoriamente aquela nação de brancos, negros, índios e mulatos”. (*Espaço Terrestre*, p. 18).

Decepcionado com o contexto de revoltas populares que ocorriam no Recife, no início do século, e revolta-

do com a morte de Frei Caneca, Varela, acompanhado de outras personagens, abandona o espaço urbano em direção a um lugar desconhecido que funcionasse como refúgio diante daquela difícil situação que enfrentava na metrópole. Ao se distanciarem dos vestígios da civilização urbana, as personagens começam um processo de isolamento no plano espaço-temporal, até se fixarem num novo local, logo batizado de Sulidade.

A vinda de Nuno Varela ao Brasil dá início à saga dos Albanos, numa sucessão de gerações — Albano Filho, José Albano, Albano José, José Albano Neto — unidas pelo sonho de conhecer o “Brasil”.

Os albanos ficam completamente isolados em Sulidade, mais especificamente num sítio, o que provoca a sensação de que o povoado já não fazia mais parte do resto do país, dado o completo isolamento das personagens naquele local. Contudo, insatisfeitos com tal confinamento espaço-temporal, os Albanos desejam retornar ao “lendário Brasil”.

José Albano Neto consegue realizar o sonho de todas as gerações passadas, quando deixa Sulidade e retorna ao espaço urbano, isto é, volta

ao “Brasil”. No final da narração, Neto descobre o Brasil, sendo retomada em parte a trajetória de Nuno Varela, já que o último Albano deixa o tempo-espaço de origem (Sulidade) e vai para o “Brasil” em busca de melhores condições de vida.

Como se pode concluir, tanto o primeiro Albano (Nuno Varela), quanto o último (José Albano Neto) descobrem o Brasil, unidos pelo desejo de encontrar novos espaços. Por um lado, Varela abandona Portugal, chega ao Brasil, mas não consegue se adaptar à situação do Recife e foge para outro lugar (Sulidade). Em Sulidade, as gerações dos Albanos sucedem-se até surgir José Albano Neto que não se adapta ao marasmo de Sulidade e parte para o “Brasil”. Fecha-se, assim, o ciclo das gerações quando a imagem do primeiro Albano liga-se à do último, unidas pela descoberta do Brasil.

A relação de alteridade entre as personagens é certamente um aspecto relevante no desenrolar da narrativa, quando as figuras dos Albanos começam a dialogar a partir dos sonhos comuns a várias gerações. A interação entre o *eu* e o *outro* é bastante significativa, considerando-se as atitudes de

Neto que retomam a imagem do primeiro Albano (Nuno Varela).

O romance de Gilvan Lemos é construído enquanto possibilidade de se reescrever a História da sociedade brasileira no universo ficcional, pois remonta à época da colonização no Brasil, metaforicamente representada no romance pela descoberta de Sulidade e pelas trajetórias do primeiro e do último Albanos.

Espaço Terrestre revela-se, portanto, como uma **história** sobre a **História**, uma vez que os acontecimentos artisticamente representados no mundo da ficção dialogam com fatos históricos

empiricamente situados, como por exemplo a chegada dos portugueses ao Brasil, além da morte de Frei Caneca que funciona como estopim para o êxodo das personagens. Em *Espaço Terrestre*, também são representados certos episódios ligados mais especificamente à cultura popular nordestina como lendas, superstições e personagens altamente simbólicas como a negra Bilisa e o cavalo Harajau, as quais remontam às figuras mitológicas, Sibila e Pégásus, respectivamente.

A partir da atualização do passado histórico no universo ficcional, a História pode ser lida e revivida na imaginação dos leitores, como se estes pudessem entender melhor o contexto presente por meio da interpretação do texto literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Janilto. Lenda e História. *Diário de Pernambuco*, Recife, 14 out. 1995, Viver, p.5.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. São Paulo : UNESP, 1993.
- BEST, Janice. The chronotope and the generation of meaning in novels and paintings. *Criticism*. Detroit/ Michigan: Wayne State University Press, n.2, p.291-316, 1994.
- COSTA MILTON, Heloísa. O romance histórico e a invenção dos signos da história. In: CUNHA, E. L., SOUZA, E. M. (Orgs.). *Literatura comparada: ensaios*. Salvador : EDUFBA , 1996.
- FALCÃO, Antônio. A lenda do Brasil que fez Gilvan Lemos. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 out. 1995. Caderno C, p.10.
- LEMOS, Gilvan. *Espaço Terrestre*. Recife : FUNDARPE, 1993.
- MARTINS, Ivanda. O cronotopo na obra *Espaço Terrestre*: o diálogo tempo-espaço como princípio organizador da narrativa. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, 1997.

O Curso de Formação de Professores: Licenciatura Plena do Ensino Fundamental Que Tendências?

Maria Matias da Silva¹

Introdução

Entendendo este momento como um espaço de socialização das experiências de Formação de Professores é que coloco a experiência da URCA, no que diz respeito ao Curso Especial de Licenciatura Plena do Ensino Fundamental, criado em 1998.

O Curso é realizado em parcerias com Secretarias municipais de Educação/Prefeituras. Um total de 782 professores – alunos já foram habilitados pela URCA.

Esta minha fala coloca em destaque algumas dimensões/tendências que envolvem a experiência do Curso de licenciatura e a sua proposta curricular. A construção deste texto encontra-se ancorada em falas/depo-

imentos dos nossos professores-alunos e professores-orientadores, registradas em balanços, realizados no percurso do curso.

Perfil do Professor-Aluno

Falar sobre o Curso de Licenciatura Plena do Ensino Fundamental implica necessariamente a necessidade de não perder de vista especificidades que caracterizam os seus discentes. Não podemos esquecer que o curso é para atender professores em efetiva regência de sala – professores em exercício. Tal realidade faz uma enorme diferença. Então, não se trata apenas de

tentarmos reproduzir programas curriculares de forma melhorada, mas coloca-nos o desafio de buscar criar novas experiências, o desafio de colocar em prática propostas curriculares que tenham como pressuposto a relação teoria e prática (prática escolar, vida social e cultural).

Os professores-alunos também têm suas histórias de luta para chegar à universidade; enfrentam muitos problemas, como baixos salários, dificuldades de conciliar trabalho com estudo e, em suas salas, a falta de material didático, de merenda escolar, da participação da comunidade... Nós consideramos estas dificuldades.

Como desenvolver um currículo capaz de diminuir a grande distância entre o conhecimento e a atuação da maioria dos professores em exercício? Que entendimento passamos a adotar de educação? E qual seria mesma a função da escola, no atual cenário de desconfianças em relação às teorias e métodos já tão bem sedimentados e tradicionalmente aceitos? Que currículo poderia satisfazer às expectativas e necessidades dos professores em exercício? O que eles realmente esperam de um curso de nível superior? Estas preocupações estão profundamente presentes

no processo de execução do curso. Conscientes de que a nossa realidade, complexa e heterogênea, exige uma formação de professores que seja capaz de romper com a prática linear e única é que vimos tentando construir alguns caminhos capazes de melhorar a qualidade da nossa educação.

Nesse sentido, vale indagar acerca do perfil de entrada do professor-aluno. Ouçamos o que nos falam alguns professores-orientadores:

Ø Encontramos um docente-aluno com um saber fragmentado, contraditório e fragilizado pela carência teórico-metodológica, o que nos revela uma falta de sistematização dos conhecimentos adquiridos.

Ø Observou-se também a pouca ou quase nenhuma intimidade com o hábito da leitura, o que os limita a uma visão de mundo muito restrita, e os inabilita a compreender e fazer uso de instrumentos preciosos para a sua prática.

Os depoimentos de professores-orientadores, acima descritos, representa uma pequena amostra do quadro real das nossas escolas: a maioria dos professores não apresenta a devida preparação para o exercício

do magistério e também não compreende a complexidade que envolve o fazer pedagógico.

O Programa Curricular e o Enfoque na Prática

Resumidamente a dinâmica do curso de Licenciatura Plena do Ensino Fundamental envolve:

- .. Disciplinas (definidas)
- .. Formação complementar
- .. Seminários/oficinas
- .. Estágio Supervisionado (Mediação)
- .. Atividades Extensionais
- .. Construção do Memorial
- .. Processo de Avaliação/Balancos

Que Conteúdos?

Todo o processo de formação do Curso de Licenciatura Plena do Ensino Fundamental é referenciado na prática real, para ressignificar o fazer pedagógico. É o que espera professores-alunos e toda a comunidade. Não significa fazer mais –

caindo no ativismo – mas saber fazer - para que fazer - o que - como - para que e quem vai aprender melhor; na docência, participando no projeto educativo e curricular da escola, na produção de conhecimento pedagógico e interagindo na vida da comunidade. Neste sentido, os conteúdos vão estar voltados para o conhecimento profissional do professor, que envolve um conjunto de saberes que melhor habilitam os professores: são conhecimentos sobre crianças, adolescentes, jovens; conhecimento sobre a dimensão cultural, social e política da educação; cultura geral e profissional; conhecimento pedagógico; metodologia da formação de professores; atuação profissional como objeto de reflexão; resolução de problemas (criatividade, uso de conhecimentos prévios, busca de novas informações).

Com relação aos conteúdos, os professores-orientadores constatarem nas suas visitas às salas de aulas, aonde o professor-aluno desenvolve suas atividades que

Os alunos-mestres hoje utilizam-se de um novo "fazer" pedagógico no próprio encontro com os alunos, criando novas formas de tratar os

conteúdos, elaborando suas próprias metodologias, levando em consideração os objetivos a serem alcançados, tornando o ensino mais próximo do real, despertando maior interesse do aluno e possibilitando maior aprendizagem.

A dinâmica do curso vem assim reforçar os aspectos pessoal e coletivo da profissionalização do professor, entendida como uma atividade de natureza pública; do desenvolvimento como pessoa, respeitando as diferenças culturais; da atuação profissional, não só na dimensão técnica, mas também intelectual e politicamente.

Vejamos o que nos fala uma professora-aluna:

Depois que comecei a participar deste Curso, senti uma mudança em relação à minha postura como professora, pois ele auxilia-me em questões pedagógicas práticas, levando-me a uma melhoria no ensino-aprendizagem.

Sinto-me uma profissional mais dinâmica, motivada, questionadora e segura, pois tento, juntamente com os alunos, dinamizar as aulas, dando conteúdos dentro da realidade e da capacidade deles, tornando as aulas mais prazerosas.

Através do curso passei por uma mudança bastante considerá-

vel, a qual posso até avaliar em 50% de melhoria em minhas aulas, pois passei até a planejar melhor os conteúdos do dia-a-dia dos meus alunos.

Referindo-se às aulas teóricas e encontros de mediação, os docentes-alunos afirmam:

Não sou muito participativa, porém acredito na minha capacidade de aprender. As aulas teóricas são de elevada importância para uma maior compreensão e desenvolvimento do meu conhecimento, capacitando-me a analisar meu potencial, refletir sobre a minha própria produção, perceber meus pontos fortes, minhas dificuldades e transformar meus erros em uma nova situação de aprendizagem, concluindo que posso errar, acertar, analisar, aprender e atingir objetivos.

Tenho aproveitado bastante as aulas teóricas e encontros de mediação, porque estes momentos possibilitam debates, questionamento sobre os problemas do cotidiano e escolar e apontam possíveis soluções.

Como nos é possível observar, o discurso que permeia as falas de professores-alunos e professores-orientadores, acerca de processos que envolvem a dinâmica do curso, atribuem uma centralidade maior à prática. Neste sentido, o curso traz um grau de satisfação ao abrir possibilidades de resignificação da prática docente.

Compreende-se, assim, ser bastante positiva a condição de formação no exercício da profissão, como momento essencial para melhor articular a atuação do professor na sala de aula e a sistematização do seu saber-fazer (Projeto do Curso de Licenciatura Plena do Ensino Fundamental – 1 e 2 Ciclos).

Para Concluir

É importante ressaltar que muitos dos aspectos em foco nas propostas de Diretrizes Curriculares para o Ensino Superior já se inserem no contexto das nossas experiências de formação de professores, como por exemplo: o currículo considerado como um conjunto de atividades acadêmicas; uma proposta curricular que não se restringe ao desenvolvimento de um elenco de disciplinas; ensino voltado para às necessidades dos alunos – sujeito ativo do processo de ensino e aprendizagem; valorização do ser humano; integração entre teoria e prática. Ainda, o aspecto da flexibilidade, o que vem permitindo considerar as especificidades dos professores-alu-

nos, ao considerarmos o aspecto da diversificação na sua formação.

Por outro lado, o curso vem esmiuçando as distâncias entre os sistemas de ensino e a Universidade, entendida como centro formador por excelência. Como sabemos, o ensino superior não significa só espaço e tempo para a transmissão de informações. Ensinar a pensar é a sua característica mais importante. Pensar caminhos que possam contribuir para o processo de humanização do homem e da sociedade como um todo.

Não poderia deixar de encerrar retomando mais algumas falas de nossos professores-alunos:

Eu, Professor Antes e Depois do Curso

Antes deste curso, eu era um professor que procurava não fazer nada que pudesse ofender alguém, mesmo este alguém estando errado.

Entreí na sala de aula sem nenhuma experiência não tive ninguém para me orientar.

Depois desse curso, melhorei muito. Já sei questionar determinados problemas com argumento coerentes.

Aprendi que a crítica, sendo construtiva, é muito enriquecedora. Na sala de aula, renovei meus méto-

dos de trabalho e, também, aprendi outros novos.

Descobri que o professor deve ter um pensamento crítico, incentivar o educando a buscar mais, pesquisar, questionar, construir novos conhecimentos.

Com tudo isso, o Curso de Licenciatura enriqueceu nossos conhecimentos, fortalecendo nossa prática pedagógica.

Eu, Professora Antes do Curso e Hoje

Eu sempre sonhei em fazer um curso superior para enriquecer meus conhecimentos, trabalhar com mais eficiência e relacionar-me melhor com o mundo. Surgiu a oportunidade com este proveitoso curso.

Antes de iniciá-lo eu sabia que ainda tinha muito a aprender. Porém, confesso que não imaginei que fosse tanto. Desde o seu início já aprendi muito e continuo aprendendo a cada aula, a cada seminário que assisto. Hoje tenho uma visão de muito bem mais ampla e de certa forma diferente de antes.

Reforcei na minha consciência a importância e a responsabilidade do meu papel como professora: a de despertar nos meus alunos anseios de verdadeiros cidadãos, construtores de uma nova sociedade e promovedores de uma cultura de vida, e não de morte como acontece hoje.

Este curso vem abrindo um leque de informações ... vem abrindo meus

horizontes de conhecimentos, os quais já estão sendo aplicados no meu trabalho e, por sinal, dando bons resultados.

Enfim, com esta nossa experiência estamos defendendo inovações curriculares, como forma de ressignificar a prática docente, na educação básica.

Um currículo na perspectiva da melhoria da prática implica aproveitar bem o tempo das atividades; implica que os alunos não podem se darem por satisfeitos com conhecimentos superficiais; implica aprender a ler textos - *ler o mundo* -, lembrando a concepção de leitura de Paulo Freire.

¹ Prof. ms. da URCA. Texto apresentado no Encontro de Formação de Professores: realidade e perspectivas atuais, maio de 2000, em Juazeiro do Norte-CE.

ICC: 50 Anos

O Instituto Cultural do Cariri ICC completará em outubro de 2003 os seus cinqüenta anos de existência; meio século de teimosia "pela cultura dos que vivem em nossa terra, pela grandeza do Brasil".

Fundado em 4 de outubro e instalado solenemente, no dia 17 daquele mês de 1953, o ICC, no ano de seu cinqüentenário, estará inaugurando sua ampla sede própria, em frente a entrada principal do Parque de Exposição com mais de 800 metros de área coberta, em terreno doado pelo então prefeito do Crato Ariovaldo Carvalho, e com recursos financeiros do governo do Estado do Ceará, através da SECULT, conseguidos com entusiástico e persistente esforço da Deputada Fabíola Alencar

Nossos agradecimentos também a todos que tornaram realidade esta importantíssima obra.

O Instituto Cultural do Cariri dedica esta edição ao padre, Antônio Gomes de Araújo.